



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E  
MATEMÁTICA  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO  
MATEMÁTICA**

**MANOEL PEDRO DA SILVA NETO**

**DIÁRIOS DE VIAGEM À TERRA-MÉDIA: LITERATURA FANTÁSTICA,  
ECOLOGIA E ENSINO DE CIÊNCIAS**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2021**

MANOEL PEDRO DA SILVA NETO

**DIÁRIOS DE VIAGEM À TERRA-MÉDIA: LITERATURA FANTÁSTICA,  
ECOLOGIA E ENSINO DE CIÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

**Área de concentração:** Ensino de Biologia

**Orientadora:** Profa. Dra. Karla Patrícia de Oliveira Luna

**CAMPINA GRANDE-PB  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva Neto, Manoel Pedro da.  
Diários de viagem à Terra-Média [manuscrito] : literatura fantástica, ecologia e ensino de Ciências / Manoel Pedro da Silva Neto. - 2021.  
160 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Dissertação (Mestrado em Acadêmico em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia , 2021.  
"Orientação : Profa. Dra. Karla Patrícia de Oliveira Luna , Departamento de Biologia - CCBS."  
1. Ensino de Biologia. 2. Literatura fantástica. 3. Meio ambiente. 4. Jogos didáticos. I. Título  
  
21. ed. CDD 371.3

MANOEL PEDRO DA SILVA NETO

DIÁRIOS DE VIAGEM À TERRA-MÉDIA: LITERATURA FANTÁSTICA, ECOLOGIA E  
ENSINO DE CIÊNCIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

**Área de concentração:** Ensino de Biologia

Aprovada em: 16 de setembro de 2021

**BANCA EXAMINADORA**



---

Dra. Karla Patrícia de Oliveira Luna (orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Dr. Marcelo Gomes Germano (examinador interno)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Dra. Dilma Maria de Brito Melo Trovão (examinador externo)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Dra. Erica Caldas Silva de Oliveira (examinador externo)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe Dona Maria de Lourdes (*in memmorian*), a quem devo meu amor tanto pela ciência como pela arte. Jamais esquecerei às idas à floresta próxima de casa, enquanto a ouvia contar as histórias do conhecimento popular e contos da literatura, dedico.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, *Seu Deoclécio Lima e D. Maria de Lourdes (in memmorian)*, pela existência e por sempre me incentivarem a estudar. Ainda me recordo quando eles sempre diziam que eu e meus irmãos não deveríamos parar no ensino médio. À vocês, pois seu incentivo em muito valeu à pena.

À minha orientadora, *Karla Luna*, pela paciência, compreensão e pelas orientações, ricas de conhecimentos que tive. Sem você, essa dissertação jamais teria sido escrita.

Ao meu grande amigo, das pesquisas e da vida, *Thiago Severo*. Suas contribuições sempre abriam-me a cabeça. Obrigado por não ter-me permitido desistir, pelos seus **conselhos riquíssimos**, pelos afetos e alicerce de pesquisa que construí junto a você. Obrigado, pois sem você eu talvez nem conseguiria chamar a mim mesmo de pesquisador.

A minha outra grande amiga, *Mayara Nogueira*, que foi quem me inspirou de uma forma que eu jamais poderei agradecer equivalentemente. Obrigado por mostrar, na prática, a possibilidade de dialogar ciências e arte na universidade.

A outros amigos que também fazem parte da academia, e que muito contribuíram e contribuem na minha formação, não apenas como professor, mas também como pessoa: *Jeú Oliveira*, por me incentivar a deixar minha curiosidade fluir e me fazer deixar minhas inquietações subirem à superfície; *Brenda Galvão e Brunno Inácio*, por me receberem de forma tão bela no grupo de pesquisa, por fazerem parte dos mais diversos momentos de escape durante os aperreios da pesquisa; *Yngrid Lizandra e Janielle Thalita*, por sempre contribuírem tão bem no meu processo de pesquisa e aceitarem ser cobaias das minhas ideias; *Artemisa Andrade*, deusa da caça e da música, por sempre me manter consciente de que a arte permeia a ciência.

A meus amigos que me mantiveram são muitas vezes em minhas crises de ansiedade e episódios depressivos: *Gabriel Alisson*, por seu melhor amigo acho que... desde sempre?!; *Jéssica Oliveira*, a quem também possuo bastante afeto, minha melhor amiga que carrego comigo desde o ensino médio; *Jeovan Lopes*, que muitas vezes sem saber me recebia de braços abertos (de forma virtual) e lidou com muitas de minhas perturbações.

Aos meus amigos de pós, que sempre foram um oásis em meio às correrias da pós-graduação: *Ticiany, Caio, Jesse, Marcos, Lucicleide e Fernando*. Foi um prazer ter compartilhado esse pedaço da minha vida com vocês. Espero que nos reencontremos em breve.

À professora *Márcia Adelino*, que me recebeu e me situou nas primeiras semanas de aula na UEPB, e também por suas riquíssimas contribuições, que ajudaram no direcionamento do meu trabalho. Jamais esquecerei das aulas maravilhosas nos laboratórios do Grecom Vida.

A meus companheiros de aventura em *Dungeons & Dragons: Mestre Jonas, Grace (Ana), Helm (Washington) e Araquiel (Rafael)*. Foi dessas épicas aventuras que tomei inspiração para construir a ideia inicial do Distritos & Biomas.

Ao meu moirão, meu namorado querido, meu nutricionista, *Edson Douglas Silva Pontes*. Obrigado por ter sido o meu melhor investidor, por ter acreditado no meu potencial e conseguido lidar com meus momentos de crise. Obrigado por ter me ajudado a revisar meu texto e, por muitas vezes me trazido de volta da minha depressão para a pesquisa. Obrigado por caminhar comigo entre o mundo real e o fantástico e ter me ajudado a transitar entre os dois, sempre que foi necessário.

Ao meu querido filho peludo, meu gato, *Jason Lannister*, por ficar junto a mim nos momentos de escrita, ronronando e pedindo carinho. Você merece todo o sachê do mundo por isso!

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática e a Universidade Estadual da Paraíba, por ter me recebido de minha terra potiguar, e ter investido em mim e em minha pesquisa.

## RESUMO

A Literatura Fantástica permite a criação de outros universos, os quais são diferentes do nosso, mas contêm elementos parecidos, uma vez que o seu criador utiliza mecanismos existentes no mundo natural para moldá-lo conforme a sua vontade. Por possuir semelhanças, porém serem diferentes, as relações e dinâmicas nesse outro mundo podem corresponder não somente ao pensamento do autor, mas da época em que foi escrito, da filosofia da época, etc. Ao entrar no mundo secundário – que são os mundos fantásticos – entretanto, pode-se observar mais de perto essas relações, que construídas conforme a vontade do autor, podem parecer-se mais, ou menos, com as relações e dinâmicas do nosso mundo. No mundo natural, as relações são variadas, podendo se desenvolver de forma antagonista, harmônica, etc., que vem sendo problematizadas ao longo dos anos. A evolução da concepção de Natureza pode se tornar fragmentada ao longo do tempo, à medida que as ciências clássicas também se fragmentam e se especializam. No âmbito da complexidade, o ser humano é um ser multifacetado e a natureza e o conhecimento também o são. O objetivo da presente pesquisa é adentrar na Terra-média – universo fantástico criado por J. R. R. Tolkien, com a finalidade de tecer possíveis elementos da relação do homem com o mundo natural. Neste trabalho, a obra estudada é *O Senhor dos Anéis*, através de análise da Terra-média, mais especificamente os personagens e suas relações com ela, com o intuito de traçar reflexões sobre nossa relação com o nosso mundo. A metodologia de análise de discursos utiliza como ferramenta principal a Análise de Conteúdo, através da categorização. Por meio dela, foram produzidos quatro diários de resultados. Estes, delineiam a Relação Humano-Mundo Natural na Obra *O Senhor dos Anéis*, apontando como elementos chave: O Pertencimento, O Despertamento e A Resistência. A partir desse delineamento, foi possível estabelecer relações e reflexões acerca da problemática ambiental no Brasil, bem como desenvolver uma proposta para se discutir a temática em sala de aula, um jogo didático na modalidade *Role-Play Game* (RPG) denominado de *Distritos & Biomas*.

Palavras-chave: Ensino de Biologia. Literatura Fantástica. Meio Ambiente. Jogos Didáticos.

## ABSTRACT

Fantastic Literature allows the creation of other universes, which are different from ours, but contain similar elements, since its creator uses existing mechanisms in the natural world to mold it according to his will. By having similarities, but being different, the relationships and dynamics in this other world may correspond not only to the author's thought, but to the time it was written, the philosophy of the time, etc. When entering the secondary world – which are the fantastic worlds – however, one can observe more closely these relationships, which, constructed according to the author's will, can resemble more, or less, the relationships and dynamics of our world. In the natural world, relationships are varied and can develop in an antagonistic, harmonic, etc. way, which has been problematized over the years. The evolution of the conception of Nature can become fragmented over time, as the classical sciences also fragment and specialize. In the context of complexity, the human being is a multifaceted being and nature and knowledge are also. The aim of this research is to enter Middle-earth – a fantastic universe created by J. R. R. Tolkien, with the purpose of weaving possible elements of the relationship between man and the natural world. In this work, the work studied is *The Lord of the Rings*, through an analysis of Middle-earth, more specifically the characters and their relationships with it, in order to outline reflections on our relationship with our world. The discourse analysis methodology uses Content Analysis as its main tool, through categorization. Through it, four diaries of results were produced. These outline the Human-Natural World Relationship in *The Lord of the Rings*, pointing out as key elements: Belonging, Awakening and Resistance. From this design, it was possible to establish relationships and reflections on environmental issues in Brazil, as well as to develop a proposal to discuss the theme in the classroom, a didactic game in the Role-Play Game (RPG) modality called *Distritos & Biomass*.

**Keywords:** Biology teaching. Fantastic literature. Environment. Educational games.

## SUMÁRIO

1 DIÁRIO 0 – ANTES DA PARTIDA.....	10
1.1 Entre os Limites do Universo Fantástico.....	10
1.2 Respondendo à Pergunta.....	13
2 DIÁRIO I - NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	16
3 DIÁRIO II – PROGRAMAÇÃO DE VIAGEM.....	18
4 DIÁRIO III – OS MUNDOS PERCORRIDOS.....	22
4.1 A Experiência Primeira.....	22
4.2 Os dois lugares.....	24
4.3 Nós, humanos.....	30
4.4 Nós e o Mundo Natural.....	33
5 DIÁRIO IV – NOTAS DA TERRA-MÉDIA: DA SUBCRIAÇÃO.....	40
6 DIÁRIO IV – NOTAS DA TERRA-MÉDIA: A NOÇÃO DE PERTENCIMENTO DOS ELFOS.....	45
6.2 A identificação de Legolas com Lothlórien.....	47
6.3 O Isolamento dos Galadhrim.....	51
6.4 A preservação de Lothlórien.....	52
6.5 Um Sábio na Natureza.....	55
7 DIÁRIO V – NOTAS DA TERRA-MÉDIA: O DESPERTAMENTO DOS ENTS.....	59
7.1 Os Ents.....	59
7.2 Profundidade e Complexidade de Fangorn.....	61
7.3 A Problemática Ambiental em Fangorn.....	64
7.4 O Despertamento dos Ents.....	67
7.5 A Problemática Ambiental e As Demarcações Indígenas no Brasil.....	69
8 DIÁRIO VI – NOTAS DA TERRA-MÉDIA: A RESISTÊNCIA DOS PEQUENOS.....	73
8.1 Os Hobbits.....	73
8.2 A Opressão pelas Pessoas Grandes.....	74
8.3 O Despertamento dos Hobbits.....	78
8.4 A Retomada do Condado.....	80
8.5 Crise Ambiental, Resistência e Reparo.....	82
9 DIÁRIO VII – NOTAS DA TERRA-MÉDIA: DISTRITOS & BIOMAS.....	85
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>92</b>

<b>APÊNDICE A</b> – Trechos analisados dispostos integralmente que construíram o Diário IV – Notas da Terra-média: O Pertencimento dos Elfos.....	93
<b>APÊNDICE B</b> – Trechos analisados dispostos integralmente que construíram o Diário V – Notas da Terra-média: O Despertamento dos Ents.....	104
<b>APÊNDICE C</b> – Trechos analisados dispostos integralmente que construíram o Diário VI – Notas da Terra-média: A Resistência dos Pequenos.....	117
<b>APÊNDICE D</b> – JOGO DISTRITOS & BIOMAS.....	128

## 1 DIÁRIO 0 – ANTES DA PARTIDA

### 1.1 Entre os Limites do Universo Fantástico

Dos temores que cercam a formação de professores, o maior de todos, para mim, era o de chegar na academia e ter a minha própria pessoa rejeitada. Não que eu não me achasse bom o suficiente, – apesar de que, esse também era um dos motivos – na verdade, sempre considerei minhas ideias um pouco loucas, e meio que impossíveis de leva-las para um ambiente acadêmico. Relembro hoje da época em que, ainda como um aluno de ensino médio, sonhava em apresentar um trabalho sobre o T-Vírus. Sim, um vírus ficcional, existente no universo de um jogo de terror, que fazia parte dos meus dias naquela época. Como um gamer amador, fazia parte da minha vida.

Durante a minha trajetória, incluindo a chegada à universidade, tive contato com outras histórias ficcionais. Além da narrativa de *Resident Evil*, que é a responsável pelo T-Vírus, encontrei-me com a literatura fantástica, que me acompanhara desde a infância, que narravam mundos com dragões, magias e aventuras sem fim. Entretanto, apenas depois de adulto, descobri um em especial, chamado de Terra-média. Ela havia sido construída por Tolkien, e me fascinava não apenas pelos acontecimentos propostos pelo enredo, mas pela complexidade do mundo que Tolkien havia criado. Complexidade essa que, talvez, tenha sido enxergada pelo olhar de um professor e biólogo em formação, um pouco mais maduro e com lentes um pouco mais ampliadas para aquilo que lia.

O momento não podia ser mais propício: conheci o universo de Tolkien na época em que estagiava no Parque Estadual Dunas do Natal, uma Unidade de Conservação de Proteção Integral localizada na minha cidade. O lugar me reacendeu a paixão, até então, adormecida à respeito da Ecologia e Educação Ambiental. Senti um certo pertencimento com o bosque, como se fizesse parte de toda a minha existência (e claro, ele faz). A leitura de *O Senhor dos Anéis* se tornava mais imersiva à medida em que eu comparava as florestas da Terra-média com o Parque das Dunas.

Ao andar pelas trilhas da Unidade de Conservação, recordava-me dos passos silenciosos dos hobbits, que poderiam passar despercebidos por dentro dos bosques. Compartilhava com eles também a falta de empatia por desmatadores ávidos, não sentindo qualquer necessidade, dado a todo o desenvolvimento e globalização já existente, de ainda se permitir essa prática.

Me sentia como um hobbit por ter apego às coisas simples e não me preocupar tanto em remodelar o espaço além do necessário para instalar aparatos para a sobrevivência sem luxos.

Meus pensamentos repousavam sobre aqueles hobbits, sobre a obra de Tolkien. Pouco a pouco, eles começaram a fazer parte dos meus pensamentos diários e, não demorou muito até que começasse a pensar em trazer Tolkien para minha vida acadêmica, de modo que a Terra-média tivesse participação ativa na minha formação.

Mas, novamente o medo de que a universidade não aceitasse sequer lidar com o fantástico batia de frente e me fazia desistir. Meu medo era que nunca fosse aceito, que não conseguisse desenvolver nada com ele. O Ensino de Ciências (EC), especificamente de Ecologia batia-me à porta e ao mesmo tempo convidava-me para entrar. Mesmo sem dizer uma só palavra, eu supus que mais uma vez deveria deixar a Terra-média de fora, para que pusesse minha razão para funcionar.

Como Ferreiro de Bosque Grande<sup>1</sup> (TOLKIEN, 2015), a entrada nos bosques da Terra-média era um convite para aprender e me enxergar aquele mundo ficcional. Apesar da leitura ávida me ensinar e construir reflexões que trago até hoje, senti-me limitado a compartilhar as experiências que tive naquele universo fantástico apenas com algumas pessoas próximas, guardando para mim as vivências mais complexas. Não as guardava apenas por medo de compartilhá-las, mas por julgá-las muitas vezes inadequadas para o meio acadêmico.

Entretanto, fora da Terra-média, passei por diversas experiências na universidade. Em uma delas, me deparei com uma seleção de bolsista, para desenvolver atividades de pesquisa em ensino de ciências. Fui aprovado, e foi então que, pela primeira vez, me deparei com experiências híbridas, que puxavam outras linguagens do conhecimento para o ensino de ciências. Assim, conheci hibridismos entre ciências e arte, participei de oficinas que envolviam a transdisciplinaridade e desenvolvi de projetos de pesquisa junto ao Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) e o grupo de pesquisa do Professor Thiago, onde entendi que minhas ideias de pesquisa tinham lugar na academia e no ensino.

Pesquisar em ensino orientado pelo professor Thiago Severo foi fundamental. O músico e professor de ciências acabava atraindo para si outras pessoas que também tinham uma perspectiva de pesquisa em múltiplas áreas do conhecimento. Dessa forma, passei a ter contato

---

<sup>1</sup> Ferreiro de Bosque Grande é um conto independente escrito por Tolkien. Nele, uma criança recebe um objeto mágico, no qual permite que ele tenha acesso ao mundo das fadas. Após diversas entradas e experiências, Ferreiro cresce, amadurece, aprende coisas que jamais aprenderia se não houvesse entrado naquele universo. Por fim, o objeto mágico é passado a outra criança, que depois entrará também no mundo das fadas.

não apenas com suas ideias, mas com perspectivas bastante diversas e inspiradoras, das quais os autores estão descritos nos agradecimentos dessa dissertação. Foi em meio a todos esses conhecimentos sendo tecidos juntos que conheci a professora Mayara Nogueira. Sua proposta de pesquisa era muito semelhante ao que eu pensava. Vi na professora o seu desejo de pesquisar aquilo que ela gostava: Ficção Científica (FC) e EC. Comecei a me imaginar pesquisando sobre o mundo fantástico de Tolkien, observando as relações mais de perto, me infiltrando em meio aos hobbits para saber como que eles observam a natureza... quem sabe até dos anões e elfos!

Pensando sobre isso, não posso negar que na minha formação como pessoa e, por tanto como professor, pois sou um, a ficção e o fantástico sempre estiveram presentes. Não que eu traga algo especial ou diferente dos outros, mas que apenas parei para ver como minhas preferências por livros ou jogos influenciaram e moldaram a maneira como observo e penso o mundo. Elas geraram – e ainda geram – reflexões importantíssimas sobre a minha prática na sala de aula. Posso compreender que, foi olhando primeiro para a relação dos humanoides de Tolkien (hobbits, elfos, humanos e anões) com a natureza a qual fazem parte, que comecei a ver que nós, humanos nesse mundo real, também estabelecemos relações com ela, de forma tão diversa como as quatro raças livres da Terra-Média.

Acompanhei a trajetória dessa pesquisadora de perto justamente porque ela seria a cobaia. Nunca sequer havia visto algo parecido! Trazer ficção para se trabalhar ciências de verdade? Era absurdo. Era mais fácil trazer paródias de música onde os termos e conceitos eram claros. Era mais fácil fazer uma peça teatral onde os atores imitavam os próprios seres da zoologia e botânica. Era mais fácil realizar uma ação na escola, desenvolvendo uma sequência didática e pedindo para os alunos realizarem um questionário depois. Não tiro o mérito de nenhuma dessas atividades, mas elas nem de longe correspondiam o que eu realmente queria com O Senhor dos Anéis (SdA). Me submeter a esse tipo de pesquisa implicava em fugir de todos os métodos e estratégias que tradicionalmente são nos ensinados nas disciplinas de instrumentação para o ensino. Eu realmente estava disposto a isso?

Observei não todos os passos, mas alguns importantes. Estive na primeira oficina, assisti a apresentações durante os seminários do programa de pós-graduação e participei de orientações para ela do meu orientador. Aquilo que me parecia absurdo agora era real, não disfarçado ou mascarado, mas ciência em carne, osso e espírito.

Às vésperas da inscrição em um evento voltado para hibridismos entre ciências e outras linguagens (por essa universidade que acolheu minhas ideias), meu orientador, Thiago Severo, nos pediu (à base de pesquisa) para esboçarmos ideias sobre algum tema de pesquisa que nos familiarizávamos. Eu posso dizer que travei e acabei apresentando algo quase, mas não

exatamente, o que eu queria. Foi então que, a partir de suas orientações, consegui por fim trazer o universo fantástico de Tolkien para a minha vida acadêmica.

Desde então, tenho pesquisado e lido sobre ele e descoberto que a Terra-média tem mais a ver com ciência do eu imaginava. E isso tem me incentivado a continuar percorrendo o caminho da pós-graduação e pesquisa em EC. A minha ideia, mais do que qualquer hipótese ou objetivo de trabalho é que, outros – nem que seja algum desavisado que por ventura pegue a minha dissertação por engano – perceba que é possível, partindo dos nossos pertencimentos e experiências, contribuir para a nossa formação como pessoa e professor e repensar sobre o nosso lugar no mundo de forma muito relevante.

A tese da professora Mayara (NOGUEIRA, 2019) foi muito importante. As discussões entre ciências e ficção científica a partir da Teoria da Objetivação demonstram a possibilidade de se pesquisar, ensinar, aprender e enxergar a ciência alargada, bem como transitar entre as linguagens de ciência e arte. Ela tem uma relevância acadêmica enorme, e, afetivamente, ela significa para mim um pouco mais. Ela grita contra todas as barreiras que construí a respeito do aprendizado que tive por meio de material “não científico”. Ela é uma chamada para que eu possa reconhecer meus pertencimentos e minhas familiaridades como essenciais para a tecitura de mim mesmo, como professor de ciências, como gente, humano, *Homo sapiens*. Ela é o despertar, a ciência dura que compreende o que rejeitamos tanto como universitários, doutos, cientistas – o universo ficcional – faz parte de nossas vidas e pode servir para discussões a respeito das ciências.

## 1.2 Respondendo à Pergunta

Era uma tarde quente, como sempre são as tardes em Natal. Entretanto, estávamos em uma sala com ar-condicionado. Atento a aula, o professor conduzia uma investigação sobre ciências e a felicidade. Afinal, essa fora a temática que ele usou para que pudéssemos elaborar estratégias que respondessem a uma pergunta. A aula era de Ensino de Ciências Investigação, uma disciplina ministrada pelo professor Thiago Severo.

O professor fez questão de escrever, manuscritamente em dois pequenos papeis, duas perguntas que, obrigatoriamente deveriam ser feitas aos grupos que apresentavam ali seus questionamentos e possíveis respostas a eles sobre a felicidade. Todos atentos, aguardavam ansiosamente o momento que as duas perguntas seriam feitas. Ele entregou os pequenos papeis para dois alunos que não estavam apresentando. Eu estava curioso, confesso, pois sabia que posteriormente essa mesma pergunta seria feita para o meu grupo, e eu teria que responde-la

bem. O momento finalmente chegou, e então soubemos o que era. O aluno, meio que sem entender, leu em voz alta o que estava escrito: Porquê?

A pergunta parecia simples, mas muito complexa. No começo da graduação, minhas experiências de pesquisa partiam, na maioria das vezes, de projetos já prontos, nos quais eu apenas teria que gerar dados. Foram dados de árvores de praças da cidade, dados de quantidades de proteínas presentes em um extrato, dados de quantas pessoas acharam certo método de ensino adequado para tal temática. Mas aquela pergunta era fascinante.

Hoje, quando olho para o meu percurso na pós-graduação, a primeira coisa que dou como resposta para a minha pesquisa é: porque me fascinou, e minha curiosidade não consegue me deixar em paz. Porque, assim como Carl Sagan (2006), eu quero saber e não acreditar, e porque “nós somos uma forma do Cosmos conhecer a si mesmo” (SAGAN, 1980). Não discordo, nenhum pouco sequer, das palavras dele. Elas me inspiram, na verdade.

Entretanto, a formalidade me conduz a dar uma resposta um pouco mais robusta. Não que a curiosidade não seja motivo suficiente, ela é, e foi o que motivou o surgimento das ciências. Então, vou especificar um pouco mais minha resposta. Por que eu decidi investigar uma obra de Literatura Fantástica (LF) em um programa de pós-graduação em EC?

Bem, a princípio, porque acredito que o mundo de Tolkien é real e possui uma dinâmica distinta desse mundo material no qual vivemos. E, não, não é de uma forma mística, mágica, fantasiosa (apesar de estar falando sobre LF). Estou falando sobre um produto da cultura humana, que funciona quando adentramos pelas páginas do livro. Tolkien desenvolve diversas relações nesse mundo, inclusive, de seus habitantes com a natureza. E isso começou a me inquietar. A curiosidade me tomou, e comecei a pensar em como essas relações se parecem com as que temos aqui, fora do mundo fantástico. Me perguntava se uma pessoa que lê, que se envolve com um mundo fictício, no que ela consegue levar dele para a sua relação com o mundo natural, e conseqüentemente a sociedade em que ela vive. E, se essa pessoa é um professor, como isso impacta a sua atividade, seja na sala de aula ou na pesquisa.

A minha pergunta, a minha curiosidade gira em torno dessas relações que existem, se existem, entre habitantes de um mundo ficcional e seu universo. Que semelhanças elas tem com as relações que ocorrem no nosso mundo e se, podemos tirar reflexões a partir delas para nossa vida, atuação e ação no nosso universo. O porquê disso? Por que eu sou um grande fã do trabalho de Tolkien., conheci o mundo complexo que ele criou e vi que lá tem dinâmicas diferentes. Parecidas, inspiradas nas nossas, mas diferentes. O Porquê da minha investigação? Por que eu sou professor de ciências, e em minha leitura me senti completamente influenciado por aquele universo, e consegui tecer reflexões que não esperava. O Porquê de um mundo

fictício? Por que eu sempre fui um consumidor de ficção, e não apenas isso: a ficção permeia o nosso mundo desde a nossa existência, vide nossas lendas, mitologia, desenhos rupestres, tradições orais etc. A ficção dita comportamentos, influencia percepções, entretanto, como diria Tolkien, a ficção necessita da razão, ou ambas perecerão (TOLKIEN, 2020). Assim, a ficção permite com que projetemos o irreal, para tecermos reflexões sobre o real.

Por tanto, entrei no universo de Tolkien. As primeiras vezes como um simples curioso, mas, a partir do momento em que entrei nesse programa de pós-graduação, tomei papel e caneta para as próximas entradas, e que, se você estiver lendo isso este texto, é fruto dessas investigações. Então, seja bem-vindo a esse compilado de diários e experiências. Espero que se fascine, assim como eu me fascinei.

Como um pesquisador, em minhas idas e vindas à Terra-média, adotei como estratégia para a organização de minhas anotações o formato de diários, assim como o título sugere. Desse modo, assumo a posição em primeira pessoa, levando em consideração que relato, assim como muitos cientistas fizeram ao longo de suas vidas, em forma de diário as minhas investigações. Sendo assim, o texto está organizado da seguinte maneira:

Estamos no **Diário 0**, que escrevi após desenvolver meus primeiros passos em minha pesquisa. No **Diário I**, faço uma breve introdução de minha pesquisa, dialogando um pouco sobre meu objeto de pesquisa, a Terra-média e como me aventuro por um estudo entre a Ciência e a Arte, bem como os objetivos de pesquisa construídos à medida em que adentrei no mundo fantástico. No **Diário II**, descrevo a estratégia que utilizei para realizar minhas investigações na Terra-média e a escrita dos Diários – Notas da Terra-média. No **Diário III** converso um pouco sobre as questões que impulsionam e norteiam minha pesquisa; trago também um pouco da biografia de Tolkien; discuto acerca da LF; faço uma breve descrição sobre a Terra-média e o mundo *subcriado* de Tolkien a saber, o *Legendarium*, e, trago minhas referências base, criando uma espécie de referencial teórico. No **Diário IV**, realizo o delineamento de algumas influências na vida do autor que direcionaram sua escrita, bem como sua estratégia para tornar a Terra-média mais real e imersiva para o leitor. Nos **Diários V, VI e VII**, traço os resultados dos capítulos: Lothlórien, Barbárvore e o Expurgo do Condado, no qual proponho relações com elementos e problemáticas no mundo real. Por fim, no **Diário VIII**, delinheiro reflexões acerca da Relação Humano-Mundo Natural e sua abordagem em sala de aula, propondo a utilização do Jogo Distritos & Biomas como possível estratégia para se discutir a temática frente a alunos do Ensino Médio.

## 2 DIÁRIO I - NOTAS INTRODUTÓRIAS

A Literatura Fantástica (LF) traz a existência de um mundo novo. Este, criado a partir de reflexões, interpretações e experiências do autor, se parece com o mundo em que este vive, real, material, com suas dinâmicas, conceitos e manifestações. Entretanto, ele tem algo novo: a vontade do autor. Esta, molda os elementos do mundo natural e reconstrói no mundo fantástico de modo a criar um universo completamente diferente (TODOROV, 1981; TOLKIEN, 2020).

No campo das ideias, o leitor, conforme Todorov descreve, passa por uma espécie de ciclo, chamado o ciclo da vacilação, onde ele, tendo as experiências vivenciadas no mundo natural, encontra-se com eventos e fenômenos do mundo fantástico ao qual adentrou, e tenta interpretá-lo de acordo com o que conhece. Sendo impossível a interpretação com exatidão, o leitor passa a interpretá-lo com o que acredita ser o sobrenatural, mas este lhe soa como absurdo, o trazendo de volta a requerer os seus conhecimentos do mundo natural, fechando, assim, o ciclo (TODOROV, 1981).

Partindo das ideias de Todorov, a LF constrói um universo fictício que para sua compreensão faz necessário o uso de duas linguagens: a ciência e a arte. John Ronald Reuel Tolkien, conhecido por ser o Senhor da Fantasia e suas grandes obras literárias que influenciam a LF até hoje (WHITE, 2013), propõe que para que contos de fadas possam ser criados com qualidade, é necessário que haja conhecimento científico de qualidade, pois para ele, os contos de fada sem a ciência perecerão (TOLKIEN, 2020).

O filólogo propõe também que o leitor, ao adentrar no universo fantástico precisa suspender, de forma voluntária, a descrença. Sendo assim, o leitor pode quebrar o ciclo proposto por Todorov, enquanto se aventura no mundo fantástico, adquire experiências e, ao retornar, consegue trazer elementos de suas experiências para sua vida, a sociedade e o meio em que vive.

O fio que separa Ciência e Arte, é, por tanto, tênue, pois são formas de interpretação do mundo pelo ser humano (CRUZ, 2003). Além disso, ambas as linguagens advêm da mesma espécie, do mesmo ser multifacetado – como propõe Edgar Morin (2000; 2002) – a espécie humana. Não se pode separar completamente as duas coisas, pois elas nascem juntas, na conjunção do biológico, do cultural, do social, do intelecto. Gastón Bachelard sabia disso. Ele, discorre que o ser humano é um ser uni-dual. Este vive metade do seu dia no materialismo científico e a outra metade no materialismo imaginário (BACHELARD, 2006), a ideia proposta por ele: O Homem 24h. Entretanto, retomando as ideias de Edgar Morin (2002), a uni-dualidade

do ser humano se dá a medida em que o poético não se separa do científico, atuando os dois juntos durante todas as 24h, e não a cada 12h como discorreu Bachelard.

Assim, ambas as linguagens – arte e ciência – são interpretações do humano sobre o mundo. Elas perpassam pelo materialismo científico e o materialismo imaginário. Elas levam consigo características semelhantes, e compõem a vida do ser humano, pois ele é uni-dual. Dessa forma, minha pesquisa traz análises e reflexões que estão exatamente nessa linha tênue que separa as duas linguagens. A Arte, a LF e a Ciência, o EC. A formação do professor de ciências é permeada por ambas as linguagens, pois ele é consumidor, um ser onívoro (SEVERO, 2018) das culturas que ele mesmo produz, bem como seus alunos, que ora estão em aula aprendendo conceitos sobre ciências e ora estão assistindo filmes, desenhos, lendo ficção, jogando etc.

Como sou professor, aluno e ser humano, não posso esquecer-me que minha formação como pessoa teve inúmeras contribuições dessas duas linguagens. Minha investigação, portanto, procedeu dentro do universo fantástico, na expectativa de tecer possíveis reflexões acerca do universo em que vivo. Não apenas, mas minha proposta é trazer isso para o EC, área na qual mais me dedico no materialismo científico e imaginário.

Nesse percurso meu, na tentativa de delinear as relações do ser humano com o mundo natural, me vi necessitado a percorrer um caminho diferente das culturas presentes nos grandes centros urbanos. Decidi buscar por uma imersão em um mundo fantástico e subcriado, na tentativa de observar como aqueles seres, tão diferentes e tão parecidos conosco, se relacionam com a natureza à sua volta. Sendo assim, minha pesquisa na Terra-média tem como objetivo principal investigar e discutir aspectos da relação humano – mundo natural e a formação do professor de ciências a partir da obra de John Ronald Reuel Tolkien. Além disso, essa investigação gera outros questionamentos que também estabeleci como objetivo buscar respostas. Esses questionamentos são sobre a possibilidade de dialogar Ciências e LF na contextualização de conceitos no EC.

Assim, os outros objetivos decorrentes do primeiro são: discutir sobre *mundo primário* e *mundo secundário* – conceitos do Tolkien que se referem ao mundo natural e ao mundo fantástico, respectivamente – e possibilidades de diálogo de saberes entre ambos, no que se refere à temática ambiental; delinear possíveis formas de dialogar Ciências e Literatura na sala de aula para promover a contextualização de temas transversais ligados ao meio ambiente e sociedade; e, por fim, a construção de uma proposta didática para o ensino da temática ambiental em sala de aula a partir da discussão dos aspectos da relação humano – mundo natural na obra O Senhor dos Anéis.

### 3 DIARIO II – PROGRAMAÇÃO DE VIAGEM

Viagens são cheias de imprevistos. Primeiro, programa-se os lugares a serem visitados com antecedência, mas sempre se permitindo deixar alguma brecha para visitar algum lugar que não estava na programação. Depois de fazer as malas, o caminho pode ser tão irresistível que peça algumas paradas. Deve-se considerar também possíveis atrasos. Seja pela curiosidade em ver algo no percurso, seja por imprevistos no trânsito ou no percurso aéreo. Aquele atraso nos voos, que nos faz odiar o preço absurdo da comida nos aeroportos, ou que obrigam a companhia aérea a nos pagar um hotel cinco estrelas para aguardarmos o voo no dia seguinte. E, quando finalmente chegamos ao destino final, uma chuva pode prejudicar nossa programação, obrigando-nos a tirar aquele cochilo no quarto do hotel, ou nos possibilitar um plano b. Por fim, o retorno, que traz consigo todos os imprevistos da ida, que pode ser antecipado ou adiado, a depender do nível de satisfação e tempo dos viajantes. Ao fim, o planejamento inicial foi alterado, mudado, crescido e evoluído, adequando-se à nova realidade para qual foi criado.

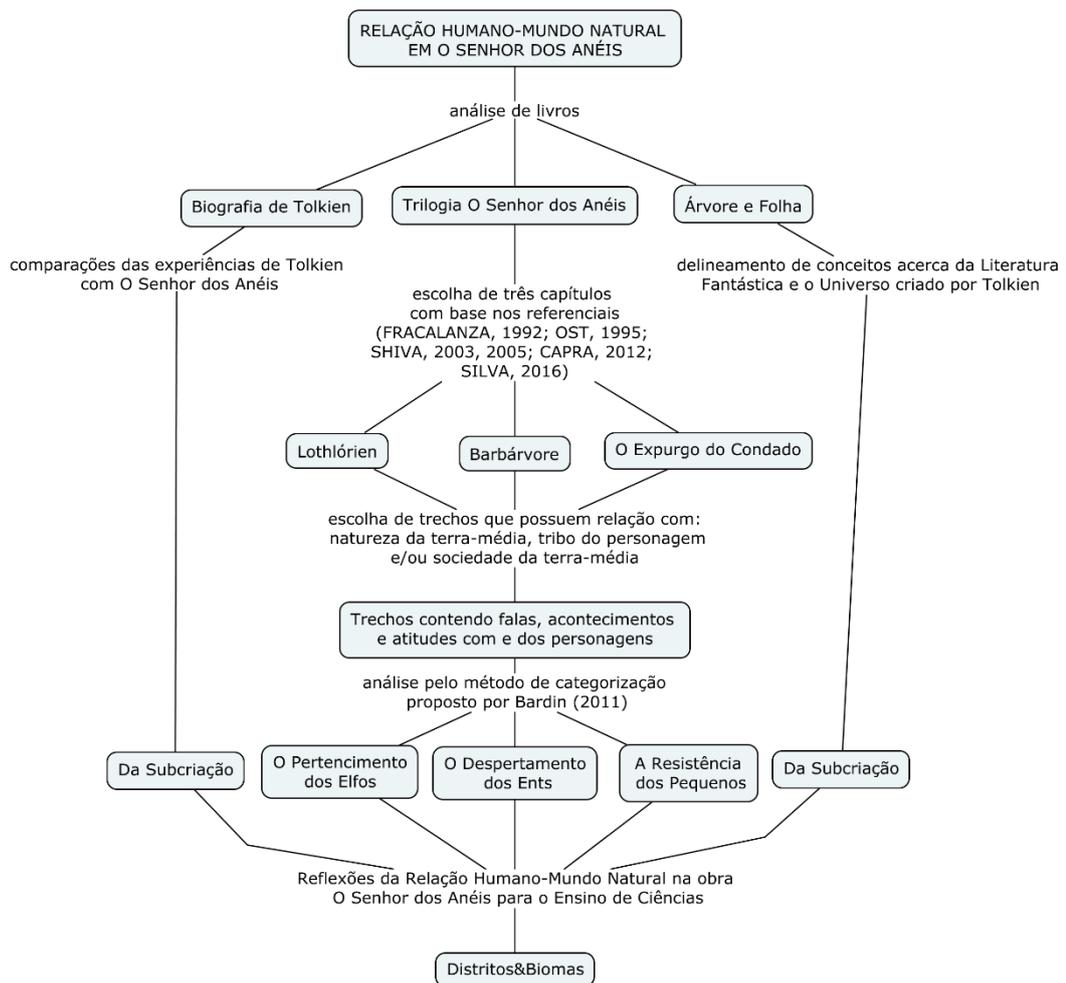
O método de pesquisa que adotei em minhas idas e vindas à Terra-média, e que me permitiram chegar às discussões e reflexões que trago em meus diários, trata-se de uma estratégia (MORIN, CIURANA, MOTA, *et al.*, 2009), assim como minhas viagens, e consequentes anotações, foram construídas conforme meu percurso. Como vários cientistas, ao longo dos anos, tiveram que adequar seus métodos de pesquisa à medida em que encontravam novos resultados, adoto a estratégia de não iniciar com um método previamente fechado. Como um programa, sujeito a alterações. Desse modo, os diários de pesquisa foram organizados e separados de acordo com sua temática. Eles foram chamados de Notas da Terra-média, e construídos a partir de estratégias para a investigação nos livros de SdA. Para fins de melhor visualização da estratégia abordada, trago uma esquematização na figura 1.

Para isso, realizei leituras e releituras extensivas dos três livros que compõem a obra SdA, de J. R. R. Tolkien (2019b; 2019c; 2019d); o livro *Árvore e Folha*, principalmente o ensaio *Sobre Contos de Fadas*, também de Tolkien (2020); e, por fim, a biografia do autor dos livros anteriores, *J. R. R. Tolkien – Uma Biografia*, escrito pelo autor Humphrey Carpenter (2018); todos os livros citados traduzidos por Ronaldo Kyrmse e produzidos e publicados no Brasil pela editora Harper Collins.

A primeira leitura realizei de forma despreziosa, de modo a conhecer melhor o universo de Tolkien, seu processo de construção da Terra-média, sua vida e sua influência. Para as leituras subsequentes, realizei algumas anotações, buscando por trechos relacionados à relação das raças humanoides com o mundo que os envolve, o que me levou a escolha de três

capítulos específicos, que me apontaram características de como Tolkien desenvolve essa relação durante o período da Guerra do Anel, que é o que compõe a trilogia de SdA. Essa escolha não foi arbitrária, mas a partir das falas, acontecimentos e atitudes dos personagens, comparado com os referenciais acerca da relação humano-mundo natural (FRACALANZA, 1992; OST, 1995; SHIVA, 2003, 2005; CAPRA, 2012; SILVA, 2016).

**Figura 1:** Esquematização do método desenvolvido e utilizado nesta pesquisa



**Fonte:** Autoria Própria. Desenvolvido a partir do aplicativo CmapTools®

No passo seguinte, submeti os três capítulos escolhidos a uma nova leitura e análise, conforme falas, acontecimentos e atitudes com e dos personagens. Neles, considerei três aspectos, também elencados de acordo com os referenciais: Relação direta com o mundo natural; relação direta com a tribo/cultura do personagem; relação do personagem com a sociedade como um todo. A partir dessa análise, escolhi os trechos por se enquadrarem em pelo menos

um desses aspectos, e então os transcrevi e tabulei em uma planilha por meio do programa de computador Microsoft Excel®.

Assim, pude categorizar os textos submetidos a análise. As categorias, entretanto, não foram pré-definidas, como fora feito inicialmente, mas submetida a análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Dessa forma, priorizei a emergência de categorias nessa etapa, de modo a analisar melhor os dados. Ao final dessa etapa, foram construídas quatro categorias, de acordo com a temática dos capítulos e trechos.

A biografia de Tolkien foi organizada na categoria Subcriação do Universo. Esse Diário foi chamado de *Notas da Terra-Média: Da Subcriação*. Nele, a vida de Tolkien escrita pelo biógrafo Humphrey Carpenter é analisada. Foram feitas comparações com trechos presentes nos livros de SdA. Sendo assim, trago nesse diário os elementos da vida de Tolkien que, descritos por Carpenter (2018), se entrelaçam com a Terra-média.

O primeiro capítulo de SdA analisado, foi Lothlórien. Ele compõe um trecho do primeiro livro, A Sociedade do Anel. Nele, a temática por categorização foi Pertencimento. Desse modo, o Diário intitulado por *Notas da Terra-Média: A Noção de Pertencimento dos Elfos*, traz elementos no capítulo de Lothlórien que aborda a noção de Pertencimento, como ele ocorre na Terra-média e suas relações com elementos do mundo natural. Aproveito, ainda, para relacionar a sabedoria dos Elfos de Lothlórien com os Saberes da Tradição de Francisco Lucas da Silva, em seu livro, Um Sábio na Natureza (2016).

O segundo capítulo analisado foi Barbárvore, que compõe o segundo livro, As Duas Torres. A temática por categorização emergiu durante a leitura e foi denominada de Despertamento. O Diário construído foi *Notas da Terra-Média: O Despertamento dos Ents*, por conseguinte. Nele, estão as reflexões acerca de um grande evento que aconteceu durante a guerra do anel, que foi o levante de criaturas arvorescas para impedir a destruição – por Saruman – completa da Floresta de Fangorn, Nesse capítulo, tracei um paralelo entre a tentativa de aprovação de dois Projetos de Lei (PL) impopulares, o PL 490 e o PL 510, que de forma indireta ameaça a existência dos povos indígenas.

Em O Retorno do Rei, o terceiro capítulo analisado foi O Expurgo do Condado. A temática emergente no processo de categorização foi Resistência, dando ao diário o nome de *Notas da Terra-Média: A Resistência dos Pequenos*. Nesse diário, traço relações entre as atitudes tomadas pelos hobbits frente a dominação que ocorria em seu território com eventos recentes nos anos de 2019 e 2020, a saber, a desconstrução das políticas ambientais no Brasil e grande ocorrências de queimadas na Floresta Amazônica e no Pantanal Brasileiro.

Por fim, o último diário traça as reflexões a partir da investigação, bem como puxa a discussão dessas temáticas em sala de aula. Nele, também há o desenvolvimento de uma proposta didática e relato como essas reflexões tecidas a partir do mundo de Tokien podem se relacionar com o EC a partir de minha análise. O Diário foi denominado de *Notas da Terra-Média: Distritos & Biomas*.

Após analisados em sua temática, foram selecionados 135 trechos que compõe falas, atitudes, pensamentos e posicionamentos dos personagens. Os trechos foram organizados em uma tabela, por paginação, linha do início do trecho, ocorrência principal do trecho, codificação do trecho (T1 a T135) e, por fim, a transcrição do texto. A partir de sua análise, foram organizados em subcategorias, que compuseram a temática das categorias trabalhadas nesta análise. Permite categorizar alguns trechos em uma ou mais de uma categoria, de acordo com sua temática.

Os trechos foram então relidos, reorganizados e por fim, tecei minhas reflexões, utilizando os textos para delinear: a Noção de Pertencimento do Elfos em Lothlórien, O Despertamento dos Ents e a Resistência dos Hobbits, convidando para a discussão elementos e pessoas atuais que se identificam e se relacionam com essas três características da Relação Humano-Mundo Natural em O Senhor dos Anéis.

## 4 DIÁRIO III – OS MUNDOS PERCORRIDOS

### 4.1 A Experiência Primeira

Nas muitas idas e vindas a este lugar, tenho me maravilhado cada vez mais com a beleza paisagística daqui. Estou na Terra-média, mais especificamente no Condado, região ocidental de Eriador. O local é visivelmente rural. Há moinhos espalhados em toda parte, e minha visão é predominada pelo verde dos pequenos bosques e campos que me rodeiam. Ao andar pelas ruas estreitas e pavimentada, lembro-me da forma que cheguei até aqui. Era uma manhã chuvosa, e eu estava deitado em uma rede, me preparando para começar a ler o livro que tinha ganhado de presente. Estava ansioso, pois já tinha lido vagamente sobre ele. Era o primeiro livro da trilogia SdA.

Ao abrir o exemplar, a primeira coisa que me deparei foi especificamente com o índice do livro. Ele descrevia os títulos dos capítulos, além de o dividir em dois. Passei então para o prefácio, e descobri todo o processo de construção dele. Tolkien, o seu autor, havia trabalhado pesado para que ele estivesse ali, completo. Lembro que isso já foi o suficiente para me atrair ainda mais. Por fim, iniciei o primeiro capítulo, e assim começou a minha primeira incursão pela Terra-média.

Em minha primeira viagem, o primeiro lugar que vim parar foi exatamente onde estou agora: o Condado. Aqui, descobri que eu não fazia parte da única espécie que poderia trazer sapiens no seu epíteto específico. Na verdade, fiquei até em dúvida se seria a única do gênero *Homo*, pois os seres que encontrei pareciam muito comigo. Chamavam a si mesmos de hobbits, e apesar de possuírem uma estatura mediana muito inferior à nossa – falo como espécie humana, pois também não sou muito alto – seus costumes pareciam muito com o de um povoado do interior do nordeste brasileiro. Na verdade, consegui até mesmo notar algumas diferenças. Por exemplo: o dia em que cheguei, o lugar estava bastante movimentado, pois eles estavam se preparando para comemorar o aniversário de alguém, e não parecia ser um aniversário qualquer.

Logo que me vi ali, perguntei o que estava acontecendo para alguém. A pessoa, aliás, o hobbit, não me achou diferente e logo me perguntou por onde andei por esse tempo todo para não saber sobre a festa de Bilbo Bolseiro, que seria a maior festa de aniversário desde que ele havia voltado de suas aventuras. Embora eu tenha sido tratado bem, percebi um certo tom de desdém quando ele pronunciou aventuras, como se quisesse insinuar que por eu estar tão desconhecido das coisas, estivesse vivendo em uma também. E ele não estava errado, mas

sequer tive tempo de me explicar, pois ele já havia me deixado. Não era de se esperar que, com toda essa correria, ele ficasse ali, parado, dando ouvidos a um aventureiro.

Mas eu ainda estava curioso. Eu queria saber como era aquele lugar novo que eu havia encontrado. Fascinado com tudo aquilo, ousei caminhar um pouco por ali. Então, nesse momento parei para notar onde eu estava. Sob os meus pés, havia pedras grandes, delimitando uma espécie de estrada. O chão era recoberto por gramíneas, algumas floridas naquela época do ano. Então, levantei o olhar e vi que à minha volta existiam pequenas casas... se é que posso chamar de casa. Eram estruturas de habitação meio que enterradas no chão. Não havia telhado, e as portas eram redondas. Pareciam pequenas colinas ou montezinhos que tinham portas e janelas estranhamente redondas. Na verdade, esse tipo de casa parecia muito mais com uma toca do que de qualquer coisa. Sim, com uma toca de um tatu ou de uma tarântula, um buraco no chão com uma entrada arredondada. Mas só se assemelhavam com esse tipo de toca na estrutura, pois a fachada, era completamente outra coisa. Havia belos jardins na sua parte da frente, e em cima era recoberto com gramíneas também. Elas davam um aspecto bem verde para a habitação. Imaginei como seria morar em uma delas.

Continuei então seguindo pelo pequeno caminho. Olhava admirado para cada toca, para os jardins e para cada família ali. Algumas em correria com os preparativos, outras sentadas na frente de suas tocas observando a movimentação. Pela estrada que eu seguia, vez por outra passavam pequenas carroças conduzidas por pôneis – sim, por pôneis! – levando itens e quaisquer cacarecos que seriam utilizados no que parecia ser a maior festa daquele lugar.

Ainda estava impressionado pelo fato de que, mesmo não sendo tão alto, ainda sou mais alto que um hobbit, já que o maior que eu vi tinha cerca de 1,10 m e eu tenho 1,54 m, e a pessoa com quem me deparei sequer comentou ou estranhou esse fato. Mas continuei caminhando, mesmo sem algum destino específico, só para conhecer aquele lugar novo. À minha frente, havia uma pequena ponte de madeira que parecia cruzar um riacho. Chegando perto, havia uma placa com algumas letras que não entendi, mas supus que fosse algum nome para ponte ou o rio. Então, naquele dia ensolarado, caminhei até o centro da ponte e olhei para a água daquele riacho, não tão cristalino o suficiente para que eu visse meu reflexo. Percebi que havia algo diferente em mim: uma estrela prateada, que não estava ali antes, brilhava em minha testa. Anos mais tarde, depois de muitas incursões à Terra-média, encontrei a explicação daquela estrela e do motivo de não ter sido reconhecido como um estranho àquele mundo. A estrela em minha testa era um passe. Um passe que havia ganhado para crescer àquela experiência à minha própria vida e formação como professor, assim como fez Ferreiro de Bosque Grande (TOLKIEN, 2016) à sua vida e ofício.

Desde então, passei a prestar atenção. Decidi, por tanto, analisar com mais atenção aquele universo, anotando tudo que fosse possível. O que me chamou atenção, e que agora transcrevo dos meus diários de viagem, é a forma como as raças desse mundo se relacionam com a natureza. Cada uma com suas peculiaridades, lembrando de nós, humanos, mas sempre relacionados com culturas diferentes. Pretendo detalhar e me aprofundar, a partir de então, nessas relações e como elas se misturam com o nosso mundo. A partir de agora, descreverei e detalharei ao máximo que puder em meu diário de viajante pesquisador, as impressões e reflexões que tive das minhas idas a esse lugar chamado Terra-média.

#### 4.2 Os dois lugares

A Terra-média é um lugar fantástico, fictício, criado pelo autor John Ronald Reuel Tolkien. Nele, existem diversos seres, vivos e não vivos. O autor cria um universo fantástico próprio, baseado em elementos reais e os quais ele possui relações diretas e indiretas. A Terra-média, entretanto, é viva até hoje e influencia diversos produtos da cultura pop. Para o autor, ela é muito real, desde que se esteja dentro dela (TOLKIEN, 2020).

Tolkien nasceu no dia 3 de janeiro de 1892 na Inglaterra, mas logo sua família se mudou para a África do Sul em decorrência de uma promoção do seu pai. Três anos mais tarde, parte de sua família se mudou, deixando Tolkien morando com seu pai, até o seu falecimento, alguns meses depois da mudança. Então, Tolkien passou a morar com seus avós maternos em um vilarejo na Inglaterra, próximo a uma grande potência inglesa. Entretanto, apesar da cidade ser barulhenta e muito urbanizada, o vilarejo ficava um tanto afastado, envolto por árvores e próximo a florestas (WHITE, 2013). No decorrer de sua vida, essa dicotomia de paisagens era presente em sua vida.

Tolkien se formou no curso de Língua e Literatura Inglesa, casando com sua esposa Edith um ano depois. Após isso, ele é convocado para lutar na I Guerra Mundial, mas retornou por motivo de doença: a febre das trincheiras. Em 1925, ele ingressa na Universidade de Oxford como professor de Anglo-Saxão. Na universidade, fundou vários grupos literários (CARPENTER, 2018), entre eles os *Inklings*, que foi demasiado importante, pois foi onde ele apresentou *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. *O Hobbit* fez bastante sucesso e, logo em seguida, *O Senhor dos Anéis*.

Além dessas duas obras, o universo de Tolkien cresceu. Durante sua vida, deixou vários escritos que hoje compõem o *Legendarium* que, embora mais famoso por causa das duas obras

citadas anteriormente, é composto por uma quantidade maior de livros publicados postumamente após sua morte em 1973.

Ao refletirmos um pouco na história do autor, é perceptível as influências que recebera e como elas foram importantes na criação e modificação do *Legendarium*. No ensaio *Sobre Contos de Fadas* (2020), Tolkien comenta sobre sua fascinação com este tipo de histórias, relatando-as desde criança. Estas, lhe encantavam ou o incomodavam, como ele relata sua experiência com os contos do Livro das Fadas de Lang. Entretanto, suas experiências literárias ao longo da vida não foram as únicas coisas que o inspiraram. Além dos livros, sua vida foi fundamental para a construção da Terra-média e do *Legendarium*.

O encontro com os ambientes urbano e rural também foram fundamentais, pois apesar de ter se adaptado as grandes cidades, Tolkien possuía um amor pelas zonas mais afastadas dos centros movimentados. Era apaixonado pela vida simples, onde se necessitava de pouca coisa para se viver bem, que estavam muito mais aquém de toda a parafernália tecnológica da época. É possível notar esse apego a essa simplicidade na forma de vida dos Hobbits em SdA, em *O Hobbit* (2019d) e até em livros que não compõem o *Legendarium*, como *Ferreiro de Bosque Grande* (2015) e *A História de Kullervo* (2016).

Por fim, sua participação na Primeira Guerra Mundial também serviu como um potente inspirador para seu conto. A Guerra do Anel, o principal evento que permeia todos os outros dentro da trilogia, traz elementos ricos no que se diz respeito a batalha mais importante, a Batalha dos Campos de Pellenor. O medo crescente em torno de uma dominação existente entre os personagens, a sombra e os rumores de guerra crescentes, o sofrimento em campo podem estar completamente relacionados a suas experiências durante batalha.

Ele descreve mais claramente e perceptivelmente essas influências. Ao discorrer sobre o processo de criação, aliás, de *subcriação*, Tolkien define que este se dá por meio de uma deformação de características que já são inerentes a este mundo (2020). Entretanto, para que compreendamos essas características, é necessário experienciá-las, não apenas de forma comum, mas permitir que elas perpassem pelo nosso intelecto, nos permita questioná-las e dar a elas novos sentidos (BACHELARD, 1996).

Para Gaston Bachelard, a experiência vai além de apenas passar por algum momento, perceber uma característica e contentar-se com ela, como ele discorre no trecho à seguir:

A experiência comum não é de fato construída; no máximo, é feita de observações justapostas, e é surpreendente que a antiga epistemologia tenha estabelecido um vínculo contínuo entre a observação e a experimentação, ao

passo que a experimentação deve afastar-se das condições usuais da observação (BACHELARD, 1996, p. 14)

Dessa forma, ao afirmar que as experiências de Tolkien influenciaram a construção de seu universo fantástico, me refiro a uma experiência mais profunda, que vai além da superposição de percepções. Para ele, é preciso que a razão esteja presente para que haja bons contos de fada, bem como a observação do mundo e as experiências precisam ser bem construídas, perpassando pelo crivo do intelecto para que se possa haver histórias fantásticas, pois, como ele descreve:

A Fantasia é uma atividade natural humana. Ela certamente não destrói ou mesmo insulta a Razão; e não torna menos aguçado o apetite pela verdade científica, nem obscurece a percepção dela. Ao contrário. Quanto mais aguçada e clara a razão, melhor fantasia fará. Se os homens estivessem sempre num estado em que não quisessem conhecer ou não pudessem perceber a verdade (fatos ou evidências), então a Fantasia minguará até que eles ficassem curados. Se alguma vez entrarem nesse estado (não pareceria de forma alguma impossível), a Fantasia perecerá, e tornar-se-á Desilusão Mórbida (TOLKIEN, 2020, p. 63-64).

Tolkien defende que a Fantasia é um produto do intelecto humano, não desprovido de razão e não baseado em experiências necessariamente comuns. Para ele, é necessário conhecer muito bem o mundo que o cerca para que se possa criar outro (TOLKIEN, 2020). Somado a isso, os mundos real e fantástico são distintos, mesmo que com características semelhantes, assim, a explicação de fenômenos reais a partir de explicações fantásticas seria contraditório, uma vez que não se está levando em consideração as particularidades de cada universo. Como, desde criança, Tolkien já percebia.

Ainda sou capaz de re-sentir a irritação que sentia na infância com as afirmações de parentes instrutivos (ou de livros que me davam de presente), tais como estas: “Flocos de nesse são joias de fadas”, ou “São mais bonitos que joias de fadas”; “As maravilhas das profundezas do oceano são mais maravilhosas do que a terra das fadas”. As crianças esperam que as diferenças que sentem, mas não conseguem analisar, sejam explicadas pelos mais velhos, ou ao menos reconhecidas, **não ignoradas ou negadas**. Eu estava agudamente atento à beleza das “Coisas reais”, mas me parecia enganoso confundi-la com o assombro das “Outras coisas” (TOLKIEN, 2020, p. 83, grifo próprio).

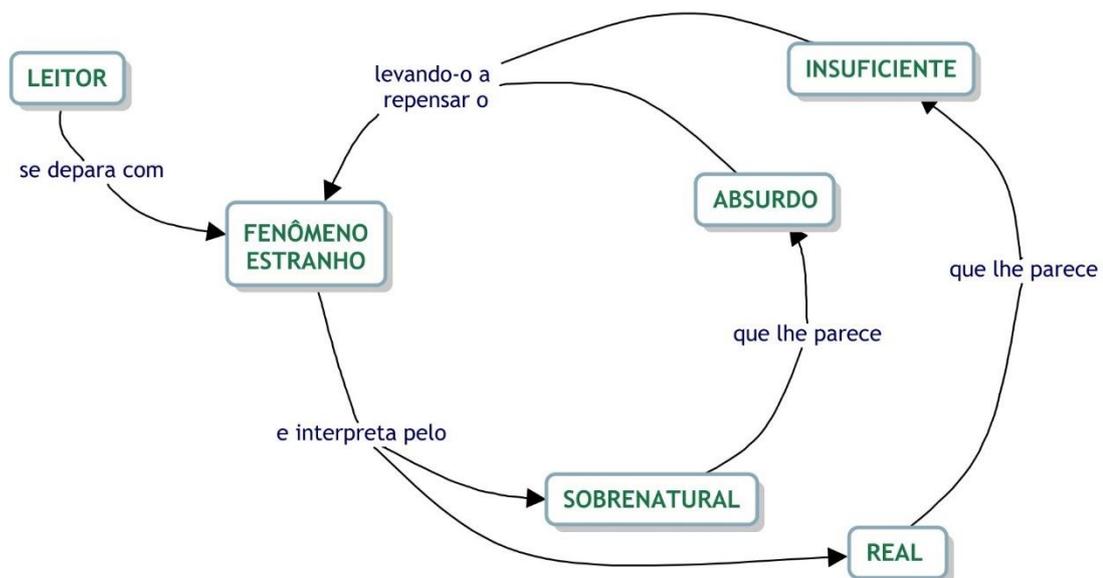
A complexidade do mundo real, então, não pode ser explicada pelo mundo fantástico. Entretanto, é possível trazer reflexões a partir do mundo fantástico para o mundo real, pois sendo mundos distintos, podem ser também complementares. Enquanto o humano é natural e percebe e se relaciona com o mundo real, este também é carregado de sua cultura, produzida

por esta espécie, que parte de seu mundo natural para o fantástico que ele mesmo criou, mas sem sair de seu próprio mundo. Como Edgar Morin defende, a unidualidade do homem, unidualidade pois nele há o biológico e o cultural, sem que um sobreponha o outro. Pois, ao ser cultural, o ser humano também é biológico e o contrário também é verdade (MORIN, 2000).

Nesse aspecto, Tolkien desenvolve o termo de *Crença Secundária*, que seria um estado mental onde se abandona voluntariamente a incredulidade a maravilhas que não ocorrem no mundo real e entra-se em um universo encantado onde isso é possível, conforme as leis desse universo (TOLKIEN, 2020). A entrada no mundo fantástico é verdadeira, e tudo que ocorre é tão palpável quanto no mundo real. Apesar disso, uma vez que a incredulidade surge, a magia se quebra, as maravilhas se desfazem (TOLKIEN, 2020).

Na LF, a permanência constante entre os dois mundos, o fantástico e o real, é uma das principais características. Como discorre o linguista Tzvetan Todorov (1981), o leitor se entrega a *vacilação*, um estado da mente onde não se tem certeza de qual a maneira correta de explicar os fatos, isto é: ao buscar explicações reais para os fenômenos, o leitor se depara com fatores inexplicáveis, que poderiam facilmente ter sua resolução a partir de especulações sobrenaturais. Entretanto, ao mesmo tempo, o sobrenatural lhe parece absurdo, o fazendo continuar em um ciclo, ilustrado na Figura 2, no qual o sobrenatural e o real podem ser duas explicações plausíveis para o fenômeno em questão (TODOROV, 1981):

**Figura 2:** Ciclo da Vacilação como propõe Todorov (1981).

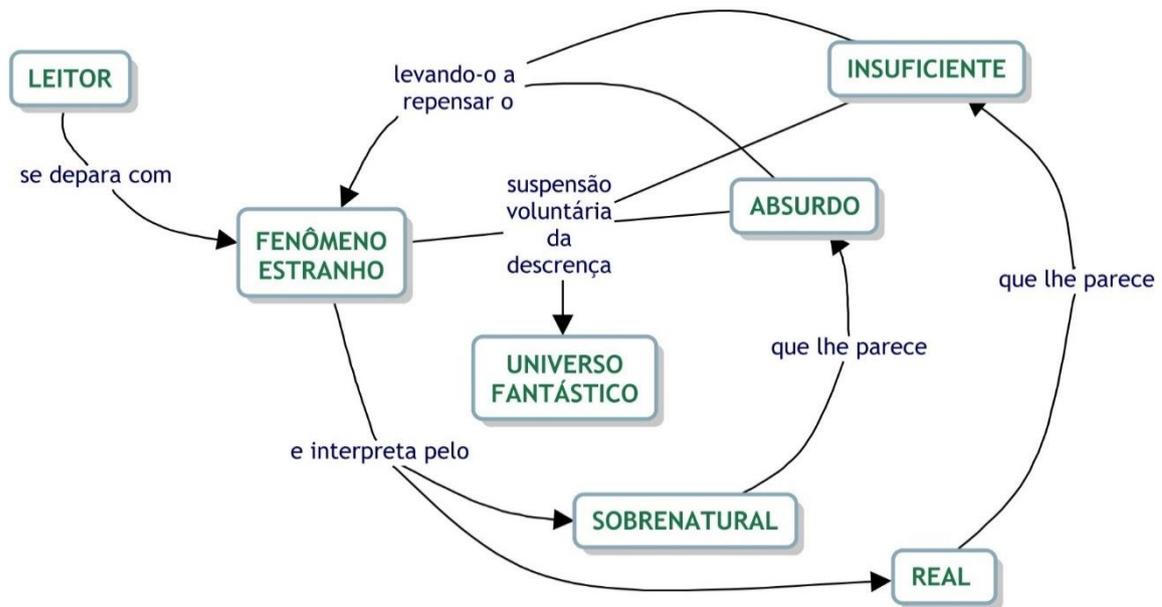


O leitor tenta explicar por meio do real ou do sobrenatural algum fenômeno específico, cuja explicação completa não se pode ser dada nem por um ou por outro. **Fonte:** Autoria Própria. Desenvolvido a partir do aplicativo CmapTools®

Sob essa ótica, reafirma-se ainda mais que os fenômenos desse mundo não se explicam a partir do mundo fantástico, pois suas leis são distintas deste. Todavia, o ser humano é alguém que possui a capacidade de caminhar entre os dois, sua cultura provém de sua constituição biológica (MORIN, 2002) e, novamente escrevo, seu biológico contempla também a sua capacidade cultural, assim como sua busca pelo real se entrelaça com o seu desejo de se entregar ao imaginário e, conseguir por fim, estabelecer conexões entre ambos.

O aspecto unidual do ser humano, entretanto, não é defendido apenas por Edgar Morin. Gaston Bachelard também discorre sobre ele, sob um outro olhar, que não desfoca completamente a perspectiva Moriniana. Para ele, a uni-dualidade se expressaria em um homem que em parte está ligado ao materialismo científico e em outra, com o materialismo imaginário, assim, um homem que viveria em sua completude, usando como metáfora um dia de 24h, onde esse homem passaria doze horas em um materialismo diferente (BACHELARD, 2006). É possível então perpassar pelos dois momentos, isto é: imergir no mundo secundário mesmo estando ligado ao primário. Uma vez capaz de se desvencilhar das amarras que impedem a passagem entre os mundos, isto é, suspendendo voluntariamente a incredulidade, torna-se possível passar pelas portas do Reino Encantado, quebrando o Ciclo da Vacilação (Figura 3) e se permitindo, de forma voluntária, vivenciar experiências no Universo Fantástico, como propôs Tolkien (2020). Essa suspensão, entretanto, não é irracional, mas uma submissão às leis daquele mundo. Pois, enquanto se estiver nele, é primordial acreditar que o que ocorre nele está sob sua legislação, e além das que conhecemos tão bem por meio do materialismo científico.

**Figura 3:** Quebra do Ciclo da Vacilação por meio da Suspensão Voluntária da Incredulidade (TOLKIEN, 2020).



O Ciclo é quebrado a partir do momento em que se suspende, voluntariamente, a descrença. **Fonte:** Autoria Própria. Desenvolvido a partir do aplicativo *CmapTools*®

Mas o que seriam esses mundos afinal? Tolkien os define como *Mundo Primário* e *Mundo Secundário* (TOLKIEN, 2020). O primeiro, seria o mundo em que vivemos, ao qual estamos ligados biologicamente e culturalmente. São os nossos bosques, estrelas e planetas, centros urbanos, desertos e oceanos, aldeias, grupos e movimentos sociais, constituições federais e códigos penais, religiões e crenças etc. Tudo que está relacionado com o nosso biológico, bem como nossas modificações por meio de nossa cultura. O mundo primário é definido pelo palpável, pelo sensitivo, por nossas experiências e interpretações dele.

O *Mundo Secundário*, seria um mundo criado “que a sua mente pode entrar. **Dentro dele, o que ele relata é ‘verdadeiro’, está de acordo com as leis daquele mundo**” (TOLKIEN, 2020, p. 48, grifo próprio). Concebido por seu autor, este mundo, como relata Tolkien, é distinto do primário, com suas leis e dinâmicas próprias. Entretanto, aqui, é necessário inserir mais um conceito delineado por Tolkien: o de *Subcriação*.

A *Subcriação*, conforme propõe Tolkien, parte da ideia de que novos mundos não podem ser criados do zero (TOLKIEN, 2020). Não podem, pois o seu criador já tem experiências com o mundo real e a partir de sua vontade, molda seus elementos deformando-os e reconstruindo-os, atribuindo-lhes novos sentidos. Os elementos do mundo real também são necessários, para que a vacilação se mantenha entre o real e o sobrenatural. A clareza dessa ideia pode ser exemplificada a partir de um fenômeno existente no mundo real, a chuva, por exemplo, que também pode existir no mundo fantástico. Essa chuva, pode ser consequência da ira de um deus, da conjuração de um feitiço ou resultado de um acontecimento importante em

uma aldeia. A chuva, entretanto, continua a mesma, tendo o mesmo significado semântico e lexical do mundo primário. Seu sentido, sentimento e expressão, todavia, apresentam aspectos do mundo secundário no qual ela cai. Assim, o mundo é *subcriado*, passando pelo crivo da imaginação e razão do autor (TOLKIEN, 2020).

A partir do conceito de *Subcriação*, pode-se então delinear melhor a ideia de *mundo secundário*. Tolkien discorre sobre a veracidade desses mundos, subcriados e com características próprias. Essas características refletem a criatividade do autor, suas experiências e ideias sobre o mundo. Não alegoricamente, pois seriam apenas uma representação, mas um processo maior sobre a reflexão do autor sobre o seu próprio universo. Assim, os elementos do *mundo secundário*, conforme discorre Tolkien, são elementos existentes no *mundo primário*, porém alterados, moldados, conforme o desejo do autor, para se comportarem diferentes no local aonde forem realocados. Dessa forma, é certo que esse mundo *subcriado* apresente, portanto, reflexos das experiências do autor com o mundo em que vive.

#### 4.3 Nós, humanos

Como já descrevi, a Terra-média é um mundo vivo. Fatores bióticos e abióticos se relacionam, se intercalam nesse território, formando ecossistemas complexos e biomas característicos. De árvores que mudam de coloração ao longo das estações até ambientes desérticos devido a interferência humana ou de outras raças, a paisagem da Terra-média é bastante diversa. Entretanto, o que mais me chamou atenção foi observar como aquelas espécies se relacionavam com aquele lugar, especialmente as raças mais parecidas com a nossa espécie humana, dotadas de biológico e cultural, como afirma Edgar Morin (2000). Quando percebi, logo comecei a desenvolver minhas reflexões sobre como a minha espécie se relaciona com o mundo em que vive, e a comparação não foi difícil. Entretanto, ao invés de começar a comparar, decidi seguir um percurso diferente, tentando trazer reflexões sobre a multifacetada espécie humana e as diversas raças da Terra-média. Para isso, achei necessário organizar minhas ideias ao longo das minhas leituras e da minha formação como professor sobre a relação do ser humano com a natureza.

Costumamos tratar a espécie humana de forma separada, uma parte biológica, a qual aparenta ser frágil, que poderia rapidamente se extinguir frente a eventos catastróficos, que parece indefesa e que precisa constantemente de alimento, água e abrigo e temos outra parte, pensante, inteligente e superforte, que consegue superar os obstáculos e se colocar como topo da cadeia alimentar, que produz arte e que se relaciona com a sua própria espécie das formas

mais variáveis que a mente humana pode produzir. O ser humano é biológico e também, pensante e social (MORIN, 2000), e essas partes não se separam em momento nenhum. Por ser assim, se relaciona não apenas consigo mesmo ou outros de sua espécie, mas com o mundo que o envolve, no qual vive e está ligado. Todavia, a forma como esse ser multifacetado tece seus laços com o universo que o abriga é distinta, se contaminando com o próprio mundo que o estimula.

François Ost (1995), por exemplo, aponta que esta relação encontra-se em crise, que é tão necessário refletir e reestabelecer a representação humana na natureza, quanto traçar estratégias para mitigar os danos causados, pois como ele discorre:

Esta crise é simultaneamente a crise do vínculo e a crise do limite: uma crise de paradigma, sem dúvida. Crise do vínculo: já não conseguimos discernir o que nos liga ao animal, ao que tem vida, à natureza; crise do limite: já não conseguimos discernir o que dele nos distingue (OST, 1995, p. 9).

Dessa forma, o ser humano pode encontrar-se em um estado no qual não consegue perceber suas semelhanças e distinções com o mundo que o abriga. Essa cegueira pode advir, dentre tantas outras influências, dos avanços tecnológicos e científicos durante os séculos no advento da idade moderna para o mundo ocidental. Como propõe Vandana Shiva em seu livro *Monoculturas da Mente* (2003), o lado “oeste” do mundo moderno e contemporâneo atribui ao mundo natural em si valor de consumo, se configurando dessa forma como um provedor de matéria prima, produtos e conseqüentemente bens de consumo. Assim, o mundo natural no qual o humano ocidental vive serve para alguma coisa: gerar meios do qual ele possa se beneficiar (SHIVA, 2003).

Perde-se então os dois aspectos citados anteriormente por Ost (1995), e que sua ausência configura uma relação em crise com o mundo natural. O vínculo se perde, à medida que não se enxerga mais as similaridades entre humano e o que ele chama de natureza ou mundo natural e, conseqüentemente o limite, onde esta espécie não consegue enxergar suas distinções das outras, uma vez que tudo é recurso, inclusive sua própria.

Uma vez que o humano faz parte da teia da vida, modificando e sendo modificado por ela (CYRULNIK, 2009) a consciência de sua relação com o mundo que o cerca é vital, tanto para a sua sobrevivência como para o reencontro com sua identidade. O *Homo sapiens* é também um ser vivo e se encaixa dentro da natureza, que o molda e que é moldada por ele (FRACALANZA, 1992). Entretanto, devido as modificações dessa espécie se tornarem cada vez mais invasivas, até mesmo severas, ele, o ser humano, passou a se ver dotado de um poder

que o isenta ou o remove da natureza. Com esse poder de modificação a seu bel prazer, a espécie humana passa a se ver como tutora, superior a natureza (CARVALHO, 1992).

Fora da natureza, esta também lhe parece ser estranha, uma vez que é postulada como algo distante, fora do seu convívio social. Tal perspectiva apenas reforça ideias de que, a natureza está além do urbano, além do moderno e por vezes, associado a lugares mais rurais, distantes das metrópoles, como algo intocável e até mesmo proibido de aproximação. Uma vez que o ser humano é moldado por suas próprias modificações – modificando a natureza, se modifica por fazer parte desta – existe um ponto de encontro entre ser humano e mundo natural. Esse ponto de encontro se dá na medida em que, como espécie, busca o próprio benefício e que, também como espécie, busca pela sobrevivência dependendo de alimento, abrigo, luz solar etc. (FRACALANZA, 1992). É exatamente nesse encontro, segundo a professora Dorotéia Fracalanza, que é possível encontrar a religação do humano com o mundo natural.

O ser humano é um ser multifacetado e complexo (MORIN, 2000). E, como complexo, suas várias dimensões completam quem ele é, não sendo independente, mas dependente do meio que o rodeia para sentir-se e ser completo. O meio natural não é diferente, pois o ser humano é natural. Diante disso, há a necessidade de religação, do humano e a natureza, bem como de todos os aspectos dele. Nesse panorama, a professora Miriam Krasilchik sugere que o ensino de Ecologia pode não promover, necessariamente, essa ligação, mas despertar o ser humano para essa necessidade (KRASILCHIK, 2000). De modo que, após o despertar, o ser humano pudesse se ver não apenas um modificador, mas também um integrante, capaz de atuar de forma consciente, refletir e se reposicionar no seu verdadeiro lugar no mundo.

Nessa perspectiva, o EC, especificamente de Ecologia, é um grande aliado. Entretanto, a forma como se ensina Ecologia pode nem sequer facilitar essa religação. Com o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) sugeriram atitudes, modos de ver e compreender o mundo como temas transversais, por vezes tais temas são vistos de forma isolada e descontextualizadas da realidade (BIZZO, 1992). Os conceitos relacionados as ciências da ecologia são, em sua maioria, abstratos e com alto nível de dificuldade, o que acaba demandando uma necessidade de contextualização e capacidade de abstração por parte do aluno (BIZZO, 1992; KRASILCHIK, 2000).

Além disso, é preciso considerar que não se trata apenas de Ecologia como conceitos a serem decorados ou aprendidos, mas também de discussões acerca do próprio lugar como espécie, como indivíduo e como sociedade. O ensino/aprendizagem de conceitos e temáticas não seria suficiente apenas dentro do EC, pois a Relação Humano-Natureza faz parte das

competências gerais da educação básica, assim como prevê a Base Nacional Comum Curricular, como por exemplo, nos seus itens 7 e 9:

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (...)
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 9-10).

Diante disso, a proposta de unidualidade do ser humano (MORIN, 2000) pode se configurar como um acréscimo. A não imersão em outras culturas, valorizando apenas os aspectos científicos fragmentados acabam por fortalecer a crise existente (OST, 1995; SHIVA, 2003), como concordam Ilya Prigogine e Isabelle Stengers: “a ciência clássica parecia, portanto, impor uma escolha entre a visão de um homem radicalmente estranho ao mundo e a recusa do único modo fecundo de diálogo com a natureza” (PRIGOGINE; STENGERS, 1991, p. 14).

Não que o científico seja desprezado, mas a sua “sacralização” sim. Com a fragmentação do conhecimento, das próprias ciências, esqueceu-se de outras culturas que envolvem a espécie humana e todos os outros seres, vivos ou não. Essas outras culturas, que fazem parte do humano unidual (MORIN, 2000) a partir das experiências vividas, dos gostos, do que ele consome e produz se interligam com a sua relação com a natureza, bem como podem atuar como modificadores de olhar, trazendo novas reflexões sobre diversos aspectos de seu ser e do universo em que vive, até mesmo da Relação Humano-Natureza. Como propõe Edgar Morin (2004), o *pensar bem* para o humano estaria ligado às suas reflexões, não apenas sobre Ciências, mas também sobre ciências, sendo esta com “c” uma operação do pensamento (SEVERO, 2015). Assim, a partir do seu arcabouço biológico em que é capaz de experimentar, somado a seu embasamento cultural – consumo e produção – seria possível repensar o seu lugar na natureza e sua relação com ela.

#### 4.4 Nós e o Mundo Natural

Ir a minha cidade, Natal-RN, é sempre um exercício de controle de emoções. Em cada espaço que passei parte da minha vida, vejo que eles guardam uma história de alguns anos. A minha rua, meus locais de estudo, meus lugares de lazer... Ah! É uma sensação familiar quando

passo por elas. Estar nas ruas perigosas de uma capital é um tanto assustador, mas confesso que sinto certa segurança ao adentrar nas ruas movimentadas, no barulho familiar dos carros, do cheiro de frango assado que emana dos pequenos restaurantes à beira da avenida principal onde fica minha antiga escola de ensino médio.

Ao perceber que sinto saudade do urbano, lembro-me de um escritor que muito admiro que parecia ser exatamente o meu oposto: ele sentia falta do ambiente rural. Tolkien, o escritor para quem retiro qualquer chapéu que possa estar usando em minha cabeça, diferente de mim, cresceu em uma zona rural. Suas biografias descrevem que sentia falta desse lugar, e até se irritava com o avanço tecnológico que mudava paisagisticamente os lugares (WHITE, 2013), escrevendo até um livro que aborda, um tanto sutilmente, o tema (TOLKIEN, 2015). Penso em Tolkien quando sinto familiaridade com o ambiente urbano de minha cidade, lembrando que na verdade não sou o seu completo oposto. Primeiro, porque não me irrita com zonas rurais, como ele se irritava com zonas muito urbanizadas e segundo porque nosso apreço pelos nossos lugares é grande, e a sensação de familiaridade e segurança parecem ser a mesma. A essa sensação, gostaria de chamar de *pertencimento*.

Costumo enxergar essa sensação de pertencimento como aquele sentimento nostálgico em relação um lugar. Em um exemplo mais prático, penso que seria como aquela parede daquela determinada rua que era o meu lugar quando criança: o lugar de sentar e conversar com meus amigos de infância. Era ali, o meu lugar, as minhas brincadeiras, os meus segredos. É o meu lugar, onde estão guardadas as minhas memórias e emoções que só são tão vívidas quando o encontro novamente. Era naquela parede, onde tantas vezes ríamos tão alto que a vizinha saía de sua casa e reclamava, alegando estar ali um bebê que se fosse acordado não deixaria mais ninguém na casa dormir.

Refletindo sobre essa ideia de pertencimento, vejo que ela não trata apenas de um sentimento meu. Ao reencontrar, por acaso, amigos antigos de infância naquele lugar que era nosso, é algo tão forte que sentimos que não conseguimos não expressar, relembando juntos acontecimentos antigos ali. Essa sensação de pertencimento é engraçada. Engraçada, pois não se trata de um conjunto de neurônios envolvidos em muitas sinapses complexas, nem se configura naquelas estruturas utópicas apresentadas no filme Avatar (2009). Não. São apenas tijolos, concreto e uma ou duas mãos de cal, e mesmo assim, guardam memórias e emoções que só são evocadas, tão nítida e intensamente, quando estou em contato com a parede. Às vezes, penso que mesmo que fosse derrubada, ainda assim o lugar guardaria essas memórias e sentimentos, e que continuariam sendo evocadas no contato, bastasse ser reconhecida.

Talvez eu esteja divagando um pouco demais, pois as memórias e emoções obviamente estão em mim, nos meus neurônios. Como cientista, não posso negar isso. Mas, ainda como cientista, penso que esses lugares as guardam, justamente por esse pertencimento o qual eu tenho com ele. É como se fizesse parte de mim, uma extensão da minha rede complexa de pensamentos e emoções. É meu lugar, ainda que seja o muro da casa da minha vizinha com seu bebê que a essas tantas deve estar entrando na universidade.

É sentindo esse pertencimento e tomando lugares como meu que relembro do meu escritor favorito. Posso dizer que desse sentimento, ele entendia muito bem. Tolkien escreveu vários livros, porém os mais tocantes e envolventes são claramente os que compõem a trilogia das (2019b; 2019c; 2019d). Neles, o escritor conta a história de alguns hobbits que precisaram sair de sua terra natal para cumprir uma tarefa que estava fora de seu controle: salvar o mundo de uma dominação tirana, cruel e letal. O objetivo para eles não era muito claro, entretanto, uma e se não a principal motivação deles era retornar para casa em paz e liberdade, dois termos que sumiriam dos seus vocabulários se o problema em questão não fosse solucionado. Assim, eles decidem abandonar sua terra natal para realizar um objetivo maior e então, somente se fosse possível, retornar. Mas esta... esta era a sua maior esperança, mesmo que todas as outras se tivessem perdido.

O sentimento de pertencimento, entretanto, não está presente apenas nos quatro hobbits. Cada integrante do que se configurou em A Sociedade do Anel levava consigo em sua longa jornada suas próprias memórias, desejos e o pertencimento com a terra-média. Fosse com qualquer coisa que envolvesse o seu mundo, os objetos pelos quais seus corações pulsavam estavam ameaçados por uma força poderosa, única e que causaria uma mudança drástica que pouco a pouco culminaria na destruição daquilo pelo qual cada um deles lutava, e não apenas isso, mas os nove integrantes representavam o seu povo, e mais do que seus próprios ideais, eles carregavam o fardo de ideias de seu povo, transportando e lutando por uma ideia coletiva, por um patrimônio público, pela própria existência.

Mas o que é o pertencer? Pertencemos necessariamente a algo ou algo necessariamente nos pertence? E, se algo nos pertence ou pertencemos a algo, isso dá àquele a quem pertence o direito de fazer o que quiser com o objeto pertencido? A partir dessas perguntas, começo a pensar sobre o que tenho como pertencimento. Sempre achei que se eu tivesse algo, eu teria plenos direitos de fazer aquilo que eu quisesse com ele. Acho que não contava que o meu algo poderia ser o algo de alguém também.

Quando partimos para a ideia de natureza, do significado da palavra pertencimento e da espécie humana, talvez a primeira coisa que talvez venha a nossa mente é que a ela nos pertence.

Vandana Shiva discorre sobre essa primeira visão, impregnada em nossa cultura ocidental que visa a manipulação, venda e compra da natureza, substituindo, em grande parte das vezes, o termo natureza por *recursos* (SHIVA, 2001). Em seu livro *Biopirataria: A Pilhagem do Conhecimento e da Natureza* (2001), ela demonstra que a cultura ocidental vem se elevando ao longo do tempo e se colocado como uma “detentora” dos conhecimentos e da própria natureza. O conhecimento promovido pelos laboratórios e centros de pesquisa de maior renome é tido como o único válido, capaz de modificar e – como ela critica em seu texto – criar novos organismos e processos para melhorar a natureza e fazer um uso mais eficiente dela (SHIVA, 2001).

Em 2019, o mundo observou uma das mais terríveis consequências em virtude dessa ideia de que a natureza nos pertence – no caso, essa visão promovida pela cultura imediatista e capitalista. A maior floresta tropical do mundo, a floresta amazônica, sofreu com inúmeros focos de incêndio. Os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) emitiram o assustador número de 278% de aumento no desmatamento em relação ao ano anterior (INPE, 2019), uma clara reflexão da posição adotada pela atual equipe de governo do Brasil, a qual exalta o mercado da agricultura e desvaloriza os movimentos e ações socioambientais, defendendo que há espaços de preservação demais e que estes impedem o desenvolvimento. Na essência, penso que essa ideia se configure como uma expressão de uma visão antagônica da natureza, como propõe a professora Doroteia Fracalanza (1992). Vista como uma espécie de vilã que atrapalha o progresso, a natureza é minada e “obrigada” a se submeter ao dominador humano, que a molda conforme o seu bel prazer, sem se preocupar com as consequências futuras de suas ações, seja para ela, para si e até mesmo para sua espécie.

O maior problema dessa visão é que a natureza não pertence somente a um país, a uma cultura, ou até mesmo a uma espécie. Quando se considera a natureza real, e não a *idealizada*, é preciso considerar que ela pertence a si mesma. As consequências das modificações realizadas pelos humanos não dizem respeito somente a eles, mas também às outras espécies, aos outros seres vivos e não vivos. Dessa forma, a visão de pertencimento do qual o humano pode promover as mudanças que quiser, não corresponde a um pertencimento real, mas ilusório, distorcido demais para se considerar como um padrão a ser seguido.

Desfocando das influências pesadas da cultura ocidental detentora do conhecimento e da natureza, a noção de pertencimento toma um pouco mais de forma real a partir do pensamento dos intelectuais da tradição (ALMEIDA, 2016). Francisco Lucas da Silva (Chico Lucas), um grande intelectual da tradição pensa de forma contraditória, redefinindo e dando uma forma melhor à noção de pertencimento:

A criatividade está presente no homem. Da mesma forma está presente na natureza, e o homem faz parte da natureza. Se ele quiser fazer parte da natureza, porque para fazer parte da natureza ele tem que aceitar as coisas que a natureza oferece, ou seja, as coisas que a natureza oferece para preservar (SILVA, 2015, p. 76).

Chico Lucas amplia a noção de pertencimento para além da perspectiva ocidental, positivista e capitalista. Ao colocar o humano, colocando a si próprio, inclusive, como parte da natureza, ele também aponta a necessidade que este tem que olhar, sentir e agir com responsabilidade, bem como se aceitar como parte dela e não como seu dominador. Para isso, Chico propõe a leitura da natureza, pois para ele, ela é “um corpo vivo”, “um livro, é sábia” (SILVA, 2015, p. 76). A leitura da natureza é, por tanto, fundamental ao humano que se relaciona com ela, pois apenas por meio dessa leitura ele pode ser parte, recebendo aquilo que a natureza lhe entrega.

A leitura da natureza envolve muitos aspectos. Por exemplo, não é somente a planta ou somente o animal. Envolve o homem, a geologia, as rochas. Você talvez ignore e diga: “mas Chico, eu sou um biólogo, eu trabalho com as águas”. Mas como é que você vai encontrar um diagnóstico nas águas se o impacto que está acontecendo é por conta da degradação das nascentes do riacho? Então, você tem que trabalhar a geologia. Quer dizer, chegando lá você vê que há um impacto naquela nascente toda desmoronada, como você viu ontem aqui. Foi ali que eu constatei a degradação daquela chapada calcária e relatei com o impacto nos peixes das águas aqui na Lagoa do Piató. Levei um tempo para ver que todo o dano causado foi por conta daquele desmatamento na aba da serra. Mas e se a gente não tivesse ido ali? Se eu não tivesse estudado aquilo? Eu não teria diagnosticado nunca para contar para vocês. (SILVA, 2015, p. 74).

A leitura da natureza é, para Chico, envolta por diversos aspectos. A Lagoa do Piató, tem uma importância muito grande para ele, que compreende que não apenas ela, mas todos os outros aspectos que a envolvem. Nesse trecho, o intelectual da tradição reforça que a qualidade da água está totalmente dependente de uma nascente, que foi assoreada devido a desmatamentos próximos. Como Chico consegue tecer essas relações? A partir da sua leitura da natureza, sendo parte dela e se deixando contaminar por aquilo que a natureza lhe mostra, lhe diz e lhe toca. Partindo-se daqui, pode-se pensar que o sentir-se pertencido a ela envolva apenas aspectos naturais, intocados, não modificados pelo humano. Entretanto, a noção de pertencimento é mais abrangente.

A noção de pertencimento, principalmente no que diz respeito à natureza, é variável. Como propõe Barsarab Nicolescu (2000), em seu livro *O Manifesto da Transdisciplinaridade*,

houve três momentos históricos onde a percepção da natureza mudou. Essas concepções, como discorre o professor Thiago Severo em sua dissertação de mestrado, parecem persistir, inclusive, em cursos de áreas que estudam diretamente a natureza: as ciências biológicas (SEVERO, 2013).

Para Nicolescu, esses três momentos configuraram a natureza como *mágica, máquina e morta* (2002). Em seu primeiro momento, a natureza aparece como um organismo vivo, mágico, inteligente e pensante. Tudo nesse organismo é relacionado ao ser humano, e necessita dele para existir. No segundo momento, a natureza é uma espécie de maquinário, que precisa ser compreendido e operado pelo humano, cuja função é exatamente essa: descobrir e operar a natureza em sua plenitude. O terceiro momento, decorrente do segundo, é a decomposição da natureza em suas peças, tendo o seu conceito tão fragmentado que já não existe uma natureza, e sim diversas peças separadas, sem necessidade de se reconectarem.

A concepção de natureza, entretanto, varia. Assim como o ser humano é multifacetado e sua capacidade cultural é atrelada ao seu corpo biológico (MORIN, 2002), a variação cultural a qual cada grupo está inserido altera as concepções de natureza que cada um tem. Vandana Shiva exemplifica essa variação, ao comparar um grupo de cientistas com comunidades indígenas (SHIVA, 2001): elas pensam diferente sobre seu poder e propriedade da natureza. Fritjot Capra, em seu livro *Ponto de Mutação* amplia ainda mais:

Nos Estados Unidos, aditivos alimentares sintéticos, pesticidas, agrotóxicos, plásticos e outros produtos químicos são comercializados numa proporção atualmente avaliada em mais de mil novos compostos químicos por ano. Assim, o envenenamento químico passa a fazer parte, cada vez mais, de nossa vida. Além disso, as ameaças à nossa saúde através da poluição do ar, da água e dos alimentos constituem meros efeitos diretos e óbvios da tecnologia humana sobre o meio ambiente natural. Efeitos menos óbvios mas possivelmente muitíssimo mais perigosos só recentemente foram reconhecidos, e ainda não foram compreendidos em toda a sua extensão. Contudo, tornou-se claro que nossa tecnologia está perturbando seriamente e pode até estar destruindo os sistemas ecológicos de que depende a nossa existência. (CAPRA, 2012, p. 13)

O alerta de Capra aponta não só a necessidade de se olhar para o que está acontecendo e que pode acontecer aos ecossistemas e ao humano. Ele aponta uma visão dupla a natureza. Em uma, o domínio dos meios de produção, que preocupam uma parte do mundo. Do outro, as consequências ao meio ambiente, que preocupam outra parte. Como se fossem temáticas distintas, o ritmo acelerado de produção associado à hiper valorização do capital findou por aumentar ainda mais a distância entre esses dois pensamentos, criando certo antagonismo entre eles.

Em uma outra perspectiva, Shiva apresenta as comunidades quilombolas e indígenas (SHIVA, 2001), que por sua vez, parecem apresentar uma relação com a natureza onde se sentem inseridos nela, pertencidos a ela. Vandana Shiva (2003) problematiza a importância dos saberes tradicionais e a sua supressão frente ao conhecimento científico. Ela, entretanto, problematiza também, mediante essa tentativa de substituição pelo conhecimento científico, a sua própria fragmentação em partes, e por consequência, a compreensão de uma natureza fragmentada em peças, conforme previu Nicolescu (2002).

Sendo assim, penso que seja necessário retornar para os conhecimentos da tradição. Não para negarmos o conhecimento científico, mas pelo contrário, para buscarmos um conhecimento orgânico do mundo natural. A frase de Chico Lucas: “é preciso saber ler a natureza” (SILVA, 2016, p. 31), um intelectual da tradição, reforça essa necessidade de observar a natureza de forma completa e complexa como ela é. Pois ela não se resume à Botânica, à Ecologia e a Zoologia. Não. A natureza é, portanto, mais complexa do que áreas do conhecimento que a estudam. Como cientista, sei da importância dessas áreas para a compreensão de fenômenos. Como humano, parte da natureza, e cientista também, sei que elas não definem nem permitem a leitura da natureza, como diria Chico Lucas. O conhecimento é, interligado, como alerta Edgar Morin (2002).

## 5 DIÁRIO IV – NOTAS DA TERRA-MÉDIA: DA SUBSCRIÇÃO

John Ronald Reuel Tolkien nasceu no dia 3 de janeiro de 1892. Nascido em uma cidade com grande atividade rural, na África do Sul, descrita, muitas vezes, como um deserto por sua mãe. Mabel Tolkien, em cartas, no início de sua infância, já tivera contato com alguns seres vivos não humanos, desde as parreiras que observava no início das manhãs, até macacos e uma tarântula que lhe mordeu (CARPENTER, 2018).

Em uma visita à casa de seus avós, entretanto, Tolkien sofreu a perda de seu pai à distância. Por causa de seu emprego, Arthur não pode acompanhar a família, ficando na África do Sul, mas era esperada a sua visita em breve. Adoeceu, entretanto, e faleceu, deixando seus filhos com poucas lembranças de si. Tolkien e seu irmão, Hillary, tiveram sua infância apenas com sua mãe e avós, que por sua vez se preocupavam com o crescimento das crianças em um subúrbio, procurando lugares com mais “ar livre” (CARPENTER, 2018). Mas foi apenas no ano de 1896 que Mabel conseguiu uma casa na zona rural, o que causou Tolkien uma mudança com efeito “profundo e permanente”, pois “ele se viu na região rural da Inglaterra justamente na idade em que a sua imaginação a florava” (CARPENTER, 2018, p. 32).

O lugar onde moravam, é, pelo escritor Humphrey Carpenter, descrito da seguinte maneira:

Diante do portão a estrada subia pela colina até a vila de Moseley e de lá continuava em direção a Birmingham. Na outra direção levava a Stratford-upon-Avon. Mas o tráfego limitava-se às carroças de um outro fazendeiro ou negociante e era fácil esquecer que a cidade ficava tão perto.

Do outro lado da estrada, depois do prado, estava o Rio Cole, pouco mais que um riacho largo e, à margem deste, o moinho de Sarehole, uma antiga construção de tijolos com a chaminé alta. Durante três séculos havia se moído trigo ali, mas os tempos estavam mudando. Uma máquina a vapor fora instalada para fornecer energia quando o rio estivesse baixo, e agora o principal serviço do moinho era moer ossos para produzir adubo. Mesmo assim, a água ainda se precipitava pelo dique e corria por baixo da grande roda, enquanto o interior da construção era coberto por um pó fino e branco (CARPENTER, 2018, p. 32-33).

É um tanto perceptível que as experiências de Tolkien, já nessa época, o influenciaram profundamente. A descrição da vila de Sarehole lembra, em grande parte, a descrição de uma região familiar, A Vila dos Hobbits, em O Senhor dos Anéis, com algumas diferenças, moldadas por Tolkien. Não apenas isto, mas alguns eventos em sua infância relembram alguns trechos do percurso dos jovens hobbits, como “roubar” cogumelos e ter que fugir do seu respectivo dono:

De fato, era possível fazer explorações em muitas direções, apesar de haver riscos. Um velho fazendeiro que certa vez perseguiu Ronald por apanhar cogumelos foi apelidado de “o Ogro Negro” pelos meninos. Tais terrores deliciosos eram a essência daqueles dias em Sarehole, que Hillary Tolkien, quase 80 anos depois, relembrou deste modo: “Passamos verões adoráveis apenas colhendo flores e invadindo propriedades alheias” (CARPENTER, 2018, p. 33-34).

Em *O Senhor dos Anéis*, no primeiro livro, há um capítulo chamado *Um Atalho para Cogumelos*, em que os hobbits adentram em uma fazenda e Frodo relembra de que, quando era mais jovem, foi aterrorizado por um fazendeiro justamente por roubar cogumelos.

“Eu sei”, disse Frodo. “Ainda assim” acrescentou com uma risada constrangida, “fico aterrorizado com ele e seus cães. Evitei a fazenda dele durante anos e anos. Ele me pegou várias vezes invadindo para pegar cogumelos, quando eu era jovem na Mansão do Brandevin. Da última vez ele me bateu, depois me agarrou e me mostrou aos cães (...)” (TOLKIEN, 2019b, p. 155)

Tolkien teve em sua infância um contato maior com outros seres não-humanos. Sarehole lhe permitia contato com o rio, com outros animais, com a paisagem rural e com as árvores. Estas últimas, Tolkien expressava um afeto especial. Falava com elas, gostava de estar entre elas e até se entristecia quando via que nem todos tinham os mesmos comportamentos ou enxergavam as mesmas particularidades que ele conhecia das árvores. Inclusive, houve até um evento importante: a derrubada de um salgueiro que ficava próximo ao lago do moinho. Nele, antes de sua derrubada, Tolkien subia e brincava. Em *A Sociedade do Anel*, a Floresta Velha, uma floresta misteriosa e considerada até perigosa guarda um velho salgueiro, este parece, de certa forma consciente a tal ponto de prender, por vontade própria, quatro hobbits dentro de si:

Ele ergueu os olhos pesados e viu, inclinando-se sobre ele, um enorme salgueiro, velho e grisalho. Parecia enorme, com galhos espalhados que subiam como braços estendidos com muitas mãos de dedos compridos, e seu tronco nodoso e torcido se abria em largas fissuras que rangiam baixinho à medida que os ramos se mexiam (...) (...) se deitaram com as costas apoiadas no tronco do salgueiro. Atrás deles as grandes rachaduras se escancararam para recebe-los enquanto a árvore oscilava e rangia. Ergueram os olhos para as folhas cinzentas e amarelas, movendo-se devagar diante da luz e cantando. Fecharam os olhos, e então pareceu que quase conseguiam ouvir palavras, palavras serenas, dizendo algo sobre água e sono (TOLKIEN, 2019b, p. 189)

Sua infância foi deveras relevante, desde o lugar onde morou, até mesmo nos estudos. Acompanhando a caligrafia de sua mãe e professora, Tolkien se interessava pelos estudos, principalmente pelas línguas. Para si, era como se as palavras tomassem o som da música

(CARPENTER, 2018). Ao ingressar na educação formal, Tolkien fez alguns amigos com interesses mútuos: discutir diversos assuntos acadêmicos, incluindo línguas. Denominados T.C.B.S., trazia como iniciais os sobrenomes dos quatro garotos, que discutiam, inclusive a criação de novas línguas entre si (CARPENTER, 2018).

Ao passar por Oxford, estudando línguas clássicas, Tolkien se aproximou da filologia, da invenção de línguas e do finlandês. Esse último teve uma importância muito grande, pois a beleza que Tolkien enxergou nesse idioma fez com que ele começasse a inventar uma nova língua, que mais tarde se tornaria o *quenya*, a língua dos altos elfos em *O Senhor dos Anéis*. Não apenas isto, mas também proporcionou o contato do futuro filólogo com a *Kalevala* – um extenso compilado de antigas canções que eram vivas apenas na tradição oral, que contavam muito da mitologia finlandesa – e, conseqüentemente, o desejo de se aprofundar em uma mitologia, que posteriormente se tornaria o *Legendarium*<sup>2</sup>.

Ainda em Oxford, mas durante a guerra, Tolkien decidiu se alistar, mas em uma espécie de programa que permitiria que se formasse antes de ser convocado à que se tornou a Primeira Guerra Mundial. Nesse período de formação, ainda inspirado pelo *Kalevala*, Tolkien começou a pensar em um conto em prosa e verso, o que culminou na escrita de *A História de Kullervo*, e as primeiras ideias da mitologia que criaria mais tarde, com a criação da Terra-média e do universo fantástico de Tolkien.

Após a universidade, Tolkien seguiu junto as forças britânicas para as trincheiras. Combateu em diversas batalhas, e viu de perto o horror de uma guerra: cadáveres brutalmente mortos; cheiro de podridão; deserto; perda dos seus amigos e febre das trincheiras. Esta última, responsável por tirá-lo dos campos de batalha e o levarem de volta para sua amada Edith. Após seu retorno, sentiu-se inspirado e determinado a escrever uma mitologia sobre a Inglaterra. A partir disso, começou a escrita dos primeiros contos, que hoje compõem o livro, publicado postumamente, *O Silmarillion*.

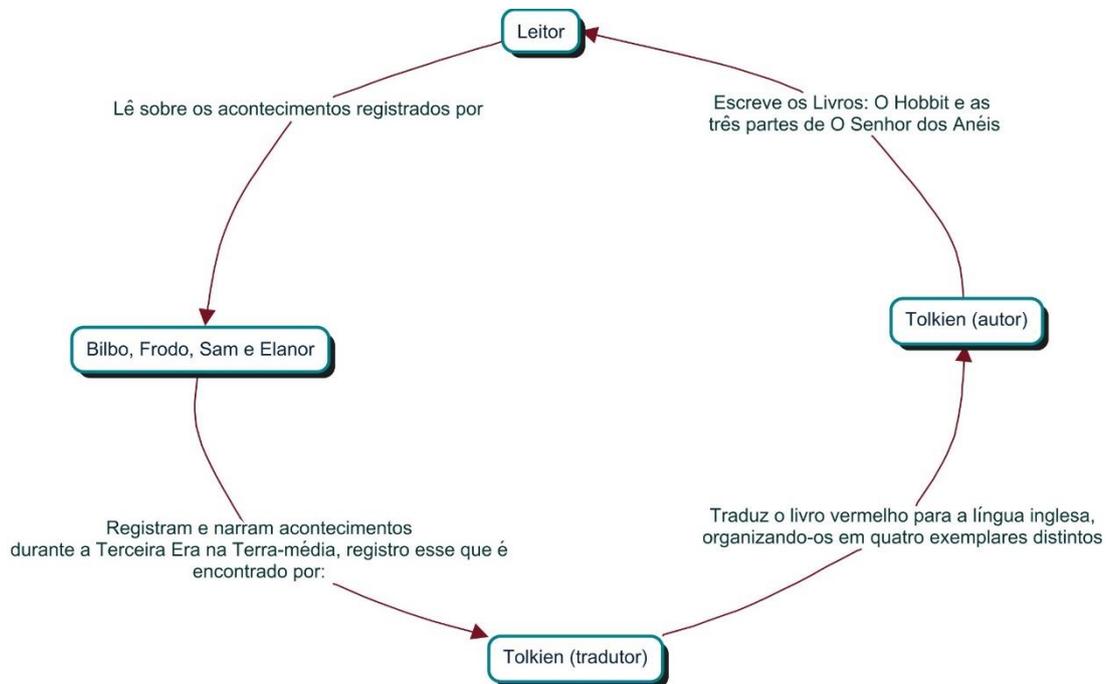
Tolkien, entretanto, publicou em vida apenas os livros *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *As Aventuras de Tom Bombadil*, no que diz respeito a mitologia da Terra-média. Desses, *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* trazem muito da mitologia proposta por ele. Além disso, a forma como Tolkien escreve seus contos dão ainda mais ênfase ao desejo de criar uma mitologia,

---

<sup>2</sup> Como é chamado o compilado de contos, canções e histórias de autoria de Tolkien que relatam os acontecimentos na Terra-média, desde sua criação em *O Silmarillion* até a passagem do último membro da Comitiva do Anel, em *O Senhor dos Anéis*.

escrevendo em pelo menos três níveis de profundidade, conforme explica o diagrama da Figura 4.

**Figura 4:** Diagrama da profundidade nos Livros de O Senhor dos Anéis



**Fonte:** Autoria Própria, produzido com o aplicativo CmapTools®.

O professor aprofunda ainda mais sua narrativa a partir do momento que não se coloca diretamente como o autor, mas infere a autoria aos hobbits e supõe a existência de um tradutor, que encontrou o Livro Vermelho<sup>3</sup>. Além disso, como discutido anteriormente, os conceitos de Mundo Primário, Mundo Secundário e Subcriação permeiam a mitologia que Tolkien cria. Primeiro, suas experiências contribuem para a criação da Terra-média, como discutido ao longo deste capítulo. A vida do filólogo, suas experiências no mundo primário servem de base e interferem na subcriação do mundo secundário. Em segundo lugar, o processo de um universo subcriado com suas próprias dinâmicas é reforçado à medida que o autor se coloca no papel de apenas tradutor, e não de autor da história. Isso traz a ideia, mesmo que ficcional, de que todo aquele universo proposto pode ter existido em um passado distante. Por fim, Tolkien termina

<sup>3</sup>Quando Tolkien assume a posição de tradutor, os livros *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* se tornam apenas a forma que o autor organizou o texto que traduziu para a língua inglesa.

seu aprofundamento à medida que não apenas relata uma história, mas que propõe um cenário dinâmico, com diversas interações, incluindo o relato interno desta pelos personagens.

O universo subcriado de Tolkien traz diversas formas de interpretação, podendo gerar diversas reflexões. A Terra-média traz as experiências de Tolkien tecidas com a dinâmica que próprio mundo secundário tem, tornando o conto tanto ligado a perspectiva de tempo do autor como atual para os leitores que adentram em seus bosques. De todos os seres viventes, os contos de Tolkien, como toda a história é, sobre humanos. Mesmo com diversos povos e raças, com humanóides e entidades cósmicas, os livros ainda assim refletem os humanos, que se envolvem em guerras, estabelecem reinados, registram suas histórias. Dessa forma, se tornando um ótimo operador cognitivo para se tecer reflexões acerca dos problemas que os personagens, os povos e sociedade que existem na Terra-média, enfrentam.

## 6 DIÁRIO IV – NOTAS DA TERRA-MÉDIA: A NOÇÃO DE PERTENCIMENTO DOS ELFOS

### 6.1 Os Elfos

Para começar esse diário, preciso antes me deter em quem são os elfos e como é a sua relação com a natureza. A partir daqui, farei uma breve explicação, de acordo com a mitologia Tolkieniana, quem são os elfos e sua participação no mundo.

A sua origem é abordada no livro *O Silmarillion* (2011). Sendo a sua criação o resultado da canção de seres muito poderosos e vida dotada de Eru Ilúvatar, a divindade única da mitologia Tolkieniana, os elfos “emergiram” antes de sequer existir lua ou sol. Emergiram e acordaram em uma noite em que, o escuro céu, era forrado pelas estrelas. Digo emergiram, pois o autor não especifica como foi esse surgimento:

Perto da lagoa de Cuiviénen, a Água do Despertar, iluminados pelas estrelas, eles acordaram do sono de Ilúvatar. E, enquanto permaneciam, ainda em silêncio, junto a Cuiviénen, seus olhos contemplaram, antes de mais nada, as estrelas dos céus. Por isso, eles sempre amaram o brilho das estrelas (TOLKIEN, 2011, p. 47).

Os elfos, por causa disso, tem uma ligação especial com as estrelas, com a noite. Ela traz um misticismo, um saudosismo, de épocas onde se poderia observar as estrelas, junto a uma fogueira, sem preocupações. Sua vida sempre fora ligada ao mundo natural, e assim como ele, os elfos deveriam viver pela eternidade. Não que a vida das outras raças também não fossem, pois todas são codependentes umas das outras, bem como o meio físico o qual os cerca. Os elfos, entretanto, possuíam uma ligação a mais, visto que em sua mitologia, foram criados para cuidar do mundo, enquanto ele existir. São, portanto, amortais, ligados ao destino do mundo, enquanto outras raças, como os humanos, são mortais, possuindo uma vida breve, não precisando aguardar ao desfecho do universo para partirem.

Em linhas gerais, no nosso mundo, enquanto nós, humanos, temos uma existência finita, os elfos teriam a sua existência baseada no tempo em que a terra durasse, ou tivesse condições necessárias para a vida. Enquanto o tempo médio de vida para um humano dura por volta dos 72,5 anos, segundo o Banco Mundial (2018), para um elfo, esse tempo de vida se estenderia até o momento em que fosse possível haver vida na terra, ou até que esse indivíduo morresse por outras causas que não naturais ou doenças, como acidentes de trânsito, por exemplo.

Sendo assim, as preocupações de um elfo no mundo moderno e as temáticas ambientais não estariam apenas relacionadas com a sobrevivência de sua espécie ou em como ele deixaria

o mundo para seus netos e bisnetos. Seria consigo mesmo, como indivíduo, pois muito provavelmente, estará vivo em um futuro distante. O desmonte das políticas ambientais no Brasil promovidos pelos governos Temer e Bolsonaro, de 2016 até o presente momento, por exemplo, seriam uma fonte de preocupação ininterrupta para os elfos, motivo suficiente para se irromper em protestos e, ou, outras ações mais incisivas do que apenas levar isso para internet.

A ligação dos elfos com o mundo natural é especial, pois sua existência depende única e exclusivamente dele. Como falei anteriormente, não que as outras raças também não dependam, mas, se não morrerem prematuramente, os elfos continuarão existindo, ao longo dos séculos, até não ser mais possível haver vida no mundo.

Com todos os séculos de vida, no período da Guerra do Anel, em SdA, os elfos já possuem um amplo conhecimento sobre o mundo, sobre as raças e sobre as sociedades. Dividem uma inimizade com a sociedade dos anões, pois são gananciosos para a sua raça, acabam despertando males. A ganância desses seres considerados inferiores pelos elfos, mancham a perfeição com a qual eles veem o mundo em que vivem. Os anões são mineradores, cavam montanhas, vales etc. Tiram seu apreço e sentido de vida na atividade da mineração de forja de metais. Atividades essas que pode trazer elevados graus de desmatamento e degradação ao meio ambiente (BOMFIM, 2017).

Os elfos, apesar de não possuírem inimizade com os humanos, não os compreendem em sua complexidade. Primeiro, porque os humanos não são amortais como os elfos, sendo sujeitos a doenças e a velhice – mortes por causas naturais. Segundo, os humanos não possuem essa ligação como os elfos possuem. Acreditam que seu destino não é necessariamente ligado ao destino do mundo. E, terceiro, os humanos possuem um desejo muito forte pela imortalidade, coisa que os elfos não compreendem, pois a imortalidade para eles é até mesmo um fardo, que os permite viver muito tempo, e desenvolvendo um conhecimento profundo das maldades do mundo.

Dessa forma, os elfos possuem uma cultura de interferir o mínimo possível em sua paisagem. Conhecendo a longo tempo as grandes sociedades, principalmente de humanos, priorizam uma vida isolada em meio a bosques ou florestas. Constroem habitações que preservam a maior parte da fauna e flora local, causando o menor impacto possível. Gostam de fazer músicas e poemas sobre a paisagem que os rodeia e tomam como habitações não apenas estruturas fechadas, mas a própria floresta é a sua habitação. Se sentem tutores e ao mesmo tempo dependentes das florestas e bosques, propagando o seu conhecimento por meio de tradições, ou até mesmo de livros. Entretanto, este fica restrito aos elfos ou amigo dos elfos.

Um elfo, entretanto, pode se sentir em casa em meio a outros elfos, mesmo que não seja especificamente daquele grupo, assim como Legolas se sente em casa em Lothlórien. Por se considerarem pertencentes a si mesmo e a natureza, não veem motivos para rejeitarem outros elfos de outras tribos como seus parentes.

Na natureza, eles realizam o que Chico Lucas chama de Leitura da Natureza (2016). Eles não possuem métodos tecnológicos avançados, mas em muito a observação e o aprendizado ao longo de séculos. Um elfo consegue prever que algo está para vir apenas com o uso de seus sentidos, assim como Chico Lucas consegue observar a dinâmica da natureza ao observar o comportamento de formigas, por exemplo. O elfo é um conhecedor nato da natureza e compreende suas dinâmicas. Essa compreensão é tanto essencial para sua sobrevivência como para sua identidade como um todo.

## 6.2 A identificação de Legolas com Lothlórien

Lothlórien é o sexto capítulo do livro 2, contido na parte I de SdA, A Sociedade do Anel. O capítulo narra como a comitiva do anel, a saber o grupo de personagens, chega na floresta de Lothlórien, que nomeia o capítulo. A floresta, por sua vez, é uma habitação de elfos governada por Galadriel. Esta, uma elfa dos anos antigos, protege o local com a sua força e poder e também consegue conhecer os desejos mais profundos dos corações, pois sua sabedoria é grande e seu poder, advindo do seu anel de poder, mantém a floresta preservada e distante do resto do mundo. Além disso, para aqueles que se aproximam, existem inúmeros vigias elfos que os impedem de adentrar à floresta, tornando assim essa habitação dos elfos protegida do mundo de fora.

Entretanto, a vida em Lothlórien nem sempre fora assim. Conforme discorre Legolas, a floresta já fora alegre, cheia de vida em suas bordas também, pois como ele discorre em T5 e T8, respectivamente:

### **T5**

“Muito tempo faz que alguém de meu próprio povo viajou para cá, de volta à terra de onde nos afastamos em eras passadas,” comentou Legolas, “mas ouvimos que Lórien ainda não está deserta, pois aqui há um poder secreto que afasta o mal da terra. Ainda assim, seu povo raramente se vê, e quem sabe habitem agora na profundidade das matas, longe da borda setentrional (TOLKIEN, 2019a, p. 480).

### **T8**

Quando toda a Comitiva tinha atravessado, sentaram-se e descansaram, e comeram algum alimento; e Legolas lhes contou histórias de Lothlórien que os Elfos de Trevamata ainda mantinham no coração, da luz do sol e das

estrelas nos prados junto ao Grande Rio, antes que o mundo ficasse cinzento (TOLKIEN, 2019a, p. 481)

Por ser uma floresta muito bela, Lothlórien tinha um significado especial para os elfos. As memórias que Legolas faz uso, não são memórias dele, mas dos elfos que lá habitam e até mesmo dos que lá visitaram. Bela no inverno, resplandecente na primavera. Os *mallorns*, árvores endêmicas desse bosque eram peculiares: não apresentavam caducifolia no inverno, suas folhas ficavam amarelas, mas suas copas permaneciam cheias. Ao bater o sol, no inverno, a tonalidade amarela tomava conta do lugar, enquanto que na primavera, suas flores douradas banhavam o solo de ouro. Sua coloração é tão característica, que inspirou a fotógrafa Valerie, ao entrar em contato com o bosque de Shenandoah (LA VALEROSA, 2014), que buscou em suas memórias, de imediato, as características que Legolas descreve em T2 e se assemelham a paisagem enxergada pelas lentes de Valerie (Figuras 5 e 6):

### T2

"Ali ficam as florestas de Lothlórien!", disse Legolas. "É a mais bela dentre todas as moradas de meu povo. Não há árvores como as árvores dessa terra. Pois no outono suas folhas não caem, mas se transformam em ouro. Só caem quando vem a primavera e o verde de novo se abre, e então os ramos ficam carregados de flores amarelas; e o chão da floresta é dourado, e dourado é o teto, e suas colunas são de prata, pois a casca das árvores é lisa e cinzenta. **Assim dizem ainda nossas canções em Trevamata.** Meu coração se alegraria se eu estivesse sob o beiral dessa floresta e fosse primavera!" (TOLKIEN, 2019a, p. 475-476, grifo meu).

Retomando o que escrevi anteriormente, as memórias de Legolas não são apenas suas, mas dos elfos, do povo a quem se sente pertencido. Pois, apesar de não se recordar de visitas a Lothlórien, Legolas traz consigo a bagagem das tradições orais de seu povo, passadas por canções, por poemas, por arte. O elfo reconhece um *mallorn* em apenas bater o seu olho, pois já o conhecia, pelo menos em teoria, por meio das canções em Trevamata. A teoria trazida em canções, entretanto, não é suficiente. Legolas precisa observar, precisa conhecer, experimentar. Assim, o jovem elfo se aventura por subir no *mallorn*, para conhece-lo de perto, desde o ramo a raiz, como ele sente necessidade em T13:

### T13

"Vou escalar", disse Legolas. "Entre as árvores estou em casa, por raiz ou ramo, apesar de serem de uma espécie que me é estranha, **exceto como nome nas canções.** *Mellyrn* elas se chamam, e são as que dão a flor amarela, mas jamais escalei uma. Agora verei qual é sua forma e modo de crescer" (TOLKIEN, 2019a, p. 484, grifo meu).

Os *mallorns* são, por tanto, uma identificação dos elfos, os elfos de Lothlórien. Tanto que são cantados e reconhecidos em outras tribos da cultura élfica. O sentimento de pertencimento que há, entre os elfos e os *mallorns* chega a ser tão evidente que canções e histórias giram em torno deles, servindo de pano de fundo para os mais diversos contos élficos que são entoados nas florestas.

**Figuras 5 e 6:** Fotografias do bosque de Shenandoah, nos Estados Unidos.



Fotógrafa, chamada apenas por Valerie, compara o bosque com Lothlórien, acessando imediatamente as descrições de Legolas ao se deparar com as árvores de folhas douradas. **Fonte:** LA VALEROSA (2014).

Além das árvores, o rio Nimrodel, que cruzava o bosque, também era conhecido por todos os elfos. Havia muitas canções e crenças a respeito do rio. Todo esse conhecimento que

Legolas tinha a respeito do rio, assim como dos *mallorns*, viam de canções. As crenças à respeito do rio estão nos trechos T7 e T9, respectivamente:

**T7**

"Eis o Nimrodel!", disse Legolas. "Sobre este riacho, os Elfos Silvestres fizeram muitas canções tempos atrás, e ainda as cantamos no Norte, recordando o arco-íris em suas cascatas e as flores douradas que flutuavam na espuma. Agora está tudo escuro, e a Ponte do Nimrodel está derrubada. Vou banhar meus pés, pois dizem que a água cura os exaustos." Avançou, desceu pela margem escarpada e pôs os pés no riacho. "Segui-me!", exclamou. "A água não é funda. Vamos passar o vau! Na margem oposta podemos repousar, e o som da água caindo poderá nos trazer o sono e o esquecimento do pesar." (TOLKIEN, 2019b, p. 481).

**T9**

"Ouves a voz de Nimrodel?", perguntou Legolas. "Cantar-vos-ei uma canção da donzela Nimrodel, que levava o mesmo nome do riacho junto do qual vivia muito tempo atrás. É uma bela canção em nossa língua da floresta; mas é assim que soa na fala westron, como alguns a cantam agora em Valfenda." Em voz suave, que mal se ouvia em meio ao farfalhar das folhas acima deles, ele começou: (...) (TOLKIEN, 2019b, p 481).

No trecho T9, Legolas inicia uma canção acerca de Nimrodel, uma donzela élfica que, segundo ele, vivia próximo a um riacho com o mesmo nome. Noto que nessa fala, o elfo demonstra a importância de sua cultura para o seu povo, pois na sua língua, e não na língua mais geral – o westron – a canção fica ainda mais bela. Ela soa mais bela, com maior significado. Legolas, apesar de outra tribo, toma os elfos como um único povo e cultura, no respeito, na identificação, no pertencimento. Aquelas canções e memórias são suas, são dos outros elfos, e ele só as compartilha com o grupo por tê-los como amigos. Pelo menos a maioria do grupo.

As lendas e crenças do povo élfico atuam, inclusive, em sua relação com outras sociedades. Os elfos detestavam os anões por eles despertarem o mal dentro das montanhas. Mal esse que existia nas canções élficas, que era um mal antigo mas que se provou ser real, quando um membro da comitiva foi acometido por ele e perdendo até a própria vida no capítulo anterior (na visão dos personagens até então). Os elfos atribuíam esse mal, desde épocas mais antigas, à ganância dos anões em escavar a pedra, como discutem Legolas e Gimli, o anão que fazia parte da comitiva, em T11:

**T11**

A voz de Legolas vacilou, e a canção cessou. "Não posso cantar mais", afirmou ele. "Esta é somente uma parte, pois esqueci muita coisa. É longa e triste, pois conta como o pesar acometeu Lothlórien, Lórien da Flor, quando os Anões despertaram o mal nas montanhas." "Mas os anões não fizeram o

mal", disse Gimli. "Eu não fuisse isso; porém o mal veio", respondeu Legolas com tristeza. " Então muitos dos Elfos da gente de Nimrodel deixaram suas moradas e partiram, e ela se perdeu longe no Sul, nos passos das Montanhas Brancas; e não chegou ao navio onde Amroth, seu amante, a aguardava." (TOLKIEN, 2019b, p. 483).

### 6.3 O Isolamento dos Galadhrim

As lendas sobre o rio Nimrodel moldaram a cultura élfica. O medo do mal despertado nas montanhas, que fez com que parte dos elfos que moravam ali fugissem e outra parte se isolasse na floresta, dentro da proteção de Galadriel, e ao mesmo tempo a protegesse do mal, fosse ele qual fosse. Além disso, nos dias da Guerra do Anel, onde o poder de Sauron crescia para assolar toda a Terra-média, o isolamento foi a estratégia utilizada pelos elfos, tanto para se proteger como para proteger o que era seu, no caso, a floresta, a cultura, as memórias. O isolamento entretanto, entristece Legolas, que teme até que os costumes de seu povo tenham sido alterados, como ele fala em T12:

#### **T12**

"Contam que ela tinha uma casa construída nos ramos de uma árvore que crescia junto às cascatas; pois era esse o costume dos Elfos de Lórien, habitar nas árvores, e quem sabe ainda seja assim. Por isso eram chamados de Galadhrim, o Povo-das-árvores. Na profundeza de sua floresta as árvores são muito grandes. O povo das matas não escavava o solo como os Anãos, nem construía fortificações de pedra antes que viesse a Sombra" (TOLKIEN, 2019b, p. 484).

As habitações dos elfos, como Legolas descreve, tendia a modificar o mínimo possível da paisagem, preservando seus elementos naturais, enquanto adequava suas construções a eles. Entretanto, à medida em que o isolamento foi tornando-se mais necessário, para se precaver e proteger a própria raça, foi necessário alterar os costumes. Já os Anãos, a diferir dos elfos, escavavam as pedras e construía verdadeiras fortalezas e cidades de pedra abaixo das montanhas, enquanto avançavam em sua atividade mineradora e que, conforme os elfos pensavam, não havia necessidade para tal.

O isolamento era tão crítico em Lothlórien que os elfos já estavam esquecendo-se do westron, a língua comum da Terra-média, que existia para que todos, independentemente do idioma ou dialeto, conseguissem se comunicar. Quando finalmente encontraram os personagens para conduzi-los para dentro da floresta, os elfos de Lórien, entretanto, tiveram certa dificuldade em se comunicar na língua comum, como Haldir fala no T17:

**T17**

"Bem-vindo!", repetiu então o Elfo na língua comum, falando devagar. "Raramente usamos outra língua que não é nossa, pois agora habitamos no coração da floresta, e não lidamos de bom grado com qualquer outro povo. Mesmo nossa própria gente no Norte está apartada de nós. Mas há alguns dentre nós que ainda deixam nossa terra para saber de notícias e vigiar nossos inimigos, e eles falam os idiomas de outras terras. Eu sou um deles. Haldir é meu nome. Meus irmãos, Rúmil e Orohin, pouco falam de vossa língua" (TOLKIEN, 2019b, p. 486).

#### 6.4 A preservação de Lothlórien

A Floresta de Lothlórien é uma das regiões mais preservadas da Terra-média. Habitada majoritariamente por elfos, não se vê devastação em sua paisagem. Possui praticamente plantas nativas, endêmicas de sua região, que tem a sua própria dinâmica de existência. Os elfos, conhecendo suas particularidades, aproveitam desse conhecimento e leitura da natureza para mantê-la assim. A preservação paisagística, a pouca modificação existente nos bosques de Lothlórien é tanta, que até mesmo sem o sentido da visão, ela é perceptível. Assim como Frodo percebeu, sentiu, ouviu, cheirou e tocou aquele lugar preservado e teve a sensação de estar em uma época antiga, além de seu tempo, em um local que parece estar intocado por mãos humanoides, como está registrado no trecho T27:

**T27**

Como estava privado de visão, Frodo descobriu que sua audição e os demais sentidos estavam aguçados. Podia sentir o cheiro das árvores e da grama pisada. Podia ouvir muitas notas diferentes no farfalhar das folhas sobre sua cabeça, o rio passando a murmurar à sua direita, e as vozes agudas e nítidas dos pássaros alto no céu. Sentia o sol no rosto e nas mãos quando atravessavam uma clareira aberta. Assim que pusera os pés na outra margem do Veio-de-Prata, assaltara-o uma sensação estranha, que se intensificava à medida que avançava para dentro do Naith: parecia-lhe ter transposto uma ponte de tempo, chegando a um canto dos Dias Antigos e que agora caminhavam em um mundo que não mais existia (TOLKIEN, 2019b, p. 494).

Mais uma vez, ao ser-lhe retirada a venda, Frodo observa ao seu redor e fica deslumbrado em quanto a floresta lhe arremete a coisas que só conhecia nas canções, nos poemas e registros élficos, trazidos para si pelo seu tio Bilbo Bolseiro. Como ele mesmo percebe, aquele lugar remete a dias antigos, e a sensação de que atravessou uma ponte do tempo se torna ainda mais forte para o hobbit que até alguns meses só conhecia o Condado, com as tocas de hobbits, alguns prédios e moinhos, que moldavam a paisagem ao seu redor,

completamente diferente de uma ruína de um reinado élfico, do qual estava diante, como percebo no trecho T29:

### T29

Quando, por sua vez, teve os olhos descobertos, Frodo olhou para cima e tomou fôlego. Estavam de pé em um espaço aberto. À esquerda erguia-se um grande morro, coberto por um gramado verde como a Primavera dos Dias Antigos. Sobre ele, como dupla coroa, cresciam dois círculos de árvores: as exteriores tinham a casca branca como a neve e estavam sem folhas, mas belas em sua formosa nudez; as interiores eram de mellyrn de grande altura, ainda enfeitados de ouro pálido. Bem no alto, em meio aos ramos de uma árvore altaneira posta no centro de tudo, reluzia um eirado branco. Aos pés das árvores, e por todos os verdes flancos do morro, a grama estava semeada de florezinhas douradas em forma de estela. Entre elas, balançando em caules delgados, havia outras flores, brancas, e de verde muito pálido: lampejavam como névoa em meio ao tom intenso da grama. Por cima de tudo o céu era azul, e o sol da tarde brilhava no morro e lançava longas sombras verdes sob as árvores.

"Contemplai!" Chegastes a Cerin Amroth", disse Haldir. "Pois é este o coração do antigo reino, tal como foi há muito tempo, e aqui está o morro de Amroth, onde em dias mais felizes, foi construída a sua alta casa. Aqui florescem sempre as flores do inverno na grama imarcescível: a *elanor* amarela e a pálida *niphredil*. Aqui ficaremos por um tempo, e chegaremos à cidade dos Galadhrim ao anoitecer."

Os demais se deixaram cair na grama perfumada, mas Frodo ficou mais um tempo em pé, ainda perdido e pasmo. Parecia-lhe ter transposto uma alta janela que dava para um mundo desaparecido. Havia sobre ele uma luz para a qual sua língua não possuía nome. Tudo o que via era formoso, mas as formas pareciam ao mesmo tempo bem delineadas, como se acabassem de ser concebidas e desenhadas quando desvendara os olhos, e antigas, como se tivessem durado para sempre. Não via cores além das que conhecia, ouro e branco e azul e verde, mas eram frescas e pungentes, como se naquele momento ele as tivesse percebido pela primeira vez e feito para elas nomes novos e maravilhosos. Aqui, no inverno, nenhum coração poderia lamentar-se pelo verão ou pela primavera. Nenhum defeito, nem doença, nem deformidade era visível e qualquer coisa que crescesse na terra. Na terra de Lórien não havia nódoa (TOLKIEN, 2019b, p. 495-496).

Para Frodo, não havia nenhum defeito em Lothlórien. Apesar de isso não seja necessariamente uma característica de um local intocado, pois existem parasitas, doenças de plantas, que são comuns em qualquer ecossistema, na Terra-média, isso ocorria de forma diferente. Os bosques da floresta dourada não são, apesar de preservados, intocados. Assim como o conhecimento e a tecnologia nos auxilia, aqui no mundo primário, a manter florestas mais preservadas, diminuindo ações que gerem devastação, em Lothlórien há o poder da Senhora da Floresta e os conhecimentos élficos dos habitantes, que conseguem mantê-la preservada. Para eles, a não existência de doenças nas plantas ou até mesmo sua morte soa como

perfeição e preservação. A Sombra, ou Sauron, o inimigo tão temido por todos os povos livres da Terra-média, utiliza como um dos mecanismos de dominação a destruição e devastação dos lugares, usando seu poder, inclusive, para causar morte à vida que ali existe, doenças e processos de desertificação aos lugares que eram tidos como belos. Assim, a preservação de Lothlórien se mostra, além da proteção da cultura élfica e do seu patrimônio biológico, uma afronta, resistência aos poderes do inimigo.

Ao se deparar naquele lugar, Frodo acessa uma parte de sua memória e traz a cultura élfica que conhece à lembrança. Àqueles que não possuem o conhecimento de Frodo, vislumbram ali nas ruínas de Cerin Amronth um pouco de seus costumes, ao notar ruínas não de tijolos ou pedras, mas de árvores, que ainda parecem se manter vivas e firmes, e que davam lugar a um luxuoso palácio, que agora é tomado por árvores, flores e gramíneas. A preservação de Lothlórien, mais do que a manutenção de um bioma é a preservação de uma cultura, de uma raça, de um povo, de uma sociedade. Esse sentimento é tão forte que, Sam, também conhecedor da cultura élfica, se vê na mesma inquietação de Frodo, ao ponto de achar que estava dentro de uma canção, como registra o trecho T30 e T31, respectivamente:

### **T30**

Virou-se e viu que agora Sam estava parado ao seu lado, olhando em volta com expressão perplexa e esfregando os olhos como quem não tem certeza de que está desperto. "Tem luz do sol e é dia claro, sem dúvida", comentou ele. "Eu pensava que os Elfos eram mais chegados à lua e às estrelas: mas isto é mais élfico que qualquer coisa de que já ouvi falar. Eu me sinto como se estivesse *dentro* de uma canção, se me entende" Haldir olhou para eles, e de fato parecia compreendê-los em pensamento e palavra. Sorriu. "Sentis o poder da Senhora dos Galadhrim", disse ele. "Agradar-vos-ia subir comigo a Cerin Amroth?" (TOLKIEN, 2019b, p. 496-497, grifo do autor);

### **T31**

Seguiram-no quando ele pisou de leve as encostas gramadas. Apesar de estar caminhando e respirando, e as folhas vivas e as flores em seu redor serem agitadas pelo mesmo vento fresco que lhe soprava no rosto, Frodo sentiu que estava em uma terra fora do tempo, que não se apagava, nem mudava, nem caía no esquecimento. Quando tivesse partido e passado outra vez ao mundo exterior, o errante Frodo do Condado ainda iria caminhar ali, na grama entre *elanor e niphredil*, na bela Lothlórien. (Ibidem, p. 497).

Como escrevi anteriormente, o poder da Senhora Galadriel somado com o conhecimento e cuidado dos elfos traziam para Lothlórien o ar de preservação, dos dias antigos. Entretanto, não apenas por causa do poder especial de uma elfa feiticeira. Os costumes, a cultura e a forma

de vida dos elfos influenciam e muito na preservação da floresta. Quando os hobbits sobem até Cerin Amroth, as supostas ruínas do palácio de um reinado que já não existe mais, a consciência de vida, do vivo, continua ali. Os elfos de Lothlórien, ao invés de derrubarem árvores para suas construções, as aproveitava como pilares, de modo que sempre tentava mantê-las vivas, pois respeitavam a sua vida assim como de qualquer outro ser, com exceção apenas dos orcs e outros seres malignos criados pelos poderes sombrios para devastar e destruir as coisas que consideravam belas da natureza.

Ao subir o eirado, o antigo palácio de Cerin Amroth, Frodo tem duas experiências. Primeiro, ele tem a consciência da vida de uma árvore, apenas ao tocá-la. Essa consciência do vivo, facilitada pelo poder que opera em Lothlórien é um dos mecanismos que, acredito, incentivam ainda mais os elfos em seu desejo de preservação. Ali, devido ao poder de Galadriel, não apenas os elfos tem a consciência do vivo, como já a tem por habilidade de sua raça, mas também outros humanoides, como os hobbits Frodo e Sam, em T33:

### **T33**

Haldir fora em frente e agora estava subindo ao alto eirado. Quando Frodo se preparava para segui-lo, pôs a mão na árvore ao lado da escada: nunca antes estivera cômico, tão súbita e nitidamente, da sensação e da textura de uma casca de árvore e da vida que ela continha. Sentiu o deleite da madeira e de seu toque nem como silvicultor nem como marceneiro; era o deleite da própria vida da árvore vivente. (TOLKIEN, 2019b, p. 497)

Em sua segunda experiência, Frodo contempla o centro dos dois poderes: o centro de Lothlórien e uma região descrita no trecho **T34** como envolta “em uma floresta de escuros abetos, onde as **árvores porfiam umas contra as outras e seus ramos apodrecem e murcham**” (TOLKIEN, 2019b, p. 498, grifo próprio). Essa segunda região, seria um dos centros do poder do Inimigo, Sauron, que utiliza também com o intuito de domínio, a devastação e destruição ambiental. Seu poder, então, se contrapõe ao de Galadriel, que mantém a preservação de Lothlórien. Ambos temem um ao outro, entretanto, mais os elfos que Sauron, pois as forças do Inimigo crescem todos dias para se levantar em guerra. O poder de Sauron se tornou tão forte em Dol Guldur, que já começa a atingir a floresta de Trevamata, e região onde moram os elfos da floresta das trevas, na qual Legolas habita.

## 6.5 Um Sábio na Natureza

Acredito que um dos motivos da necessidade ávida que Legolas sentia por conhecer Lothlórien, advinha de sua própria floresta, Trevamata, estar definhando aos poucos, havendo

pouca esperança para outros biomas da Terra-média caso Sauron vencesse a guerra. Claro, em nenhum momento o autor discorre sobre esse desejo ávido de Legolas a não ser por sua curiosidade e desejo gerado nas canções. Entretanto, dado tal momento crítico, não é de se esperar que o elfo quisesse conhecer a terra que tanto ouviu falar em canções já que passaria por perto e, talvez, jamais a pudesse ver novamente.

As experiências de Frodo me fazem pensar nos dois poderes, oponentes um ao outro, que se travam constantemente. Um, da necessidade de preservação **em a** nível máximo, trazendo uma concepção de que a natureza precisa ser intocada, distante, isolada, dado todos os acontecimentos devastadores da atualidade. O segundo poder, o da devastação em massa que visa buscar o domínio, colocando o humano no patamar de dono da natureza, e por tanto, dando a ele uma exploração sem limites, com o intuito de dominar tecnologias, povos e culturas.

Penso que em situações extremas demandam atitudes um tanto desesperadas. É uma frase clichê, um ditado antigo, mas que nessa situação se torna necessário. O isolamento dos elfos e sua preservação se tornam atitudes de resistência frente ao poder destruidor e dominador de Sauron. Entretanto, não será o suficiente quando a guerra se levantar. Os elfos, como discorri ao longo do diário, tem a consciência disso, e por isso tentam manter preservado, pelo máximo de tempo possível aquilo que amam, que diz quem eles são, que lhes pertence e a que pertencem.

Apesar do poder de Galadriel, os elfos tem uma grande participação na preservação da floresta dourada. Sua leitura da natureza, realizada, treinada e aprendida ao longo dos anos aumentam o cuidado e amor que eles tem pelo lugar ao qual se sentem pertencidos. Esse amor e afeto se assemelha com o que sente o intelectual da tradição Francisco Lucas da Silva por seu lugar, o Piató, uma comunidade rural situada em uma cidade do Rio Grande do Norte, Assú.

Em seu livro *Um Sábio na Natureza* (SILVA, 2016), “Chico Lucas” relata suas vivências e experiências com a leitura da natureza. Diferente dos elfos, Chico não dispunha de um poder para proteger aquilo que lhes pertencia, além de sua intelectualidade, o conhecimento tradicional e sua leitura. Chico descreve que a sua motivação residia em sua curiosidade, que o motivava a observar o mundo que o envolvia e retirar conhecimentos e reflexões de suas experiências e observações, além de, claro, ser orientado pelo seu pai, também conhecedor das tradições. Para Chico Lucas, o diagnóstico da natureza é tido com o tempo, não em apenas um dia, como ele mesmo discorre:

A natureza tem algo a nos ensinar. Todo dia ela passa uma página, porque quanto mais o homem agride mais ela tem algo diferente a nos mostrar. Ela tem as suas transformações. É preciso observar as transformações diferentes

para saber o dano que causou. Não é em um dia só que a gente vai ter esse diagnóstico (SILVA, 2016, p. 76).

Os elfos se sentem ligados ao mundo, pois seu destino está conectado com ele. Para Chico Lucas, o destino do homem também. Pois, como ele mesmo relata: “o homem faz parte da natureza” (SILVA, 2016, p.76) e ainda levanta um alerta, “se ele quiser fazer parte da natureza, porque para fazer parte da natureza ele tem que aceitar as coisas que a natureza oferece, ou seja, as coisas que a natureza oferece para preservar” (Ibidem). A ligação do ser humano e o mundo natural para o intelectual da tradição é mais profunda do que a ciência, sozinha, pode conceber. Para ele, a natureza é de uma complexidade infinita, que apesar da leitura da natureza, das ciências e sabedoria do humano, não se tem como desvela-la de sua complexidade (SILVA, 2016).

O conhecimento variado, que Haldir e outros elfos de Lothlórien construíram através da observação também é construído por Chico Lucas. Este distingue biomas e compreende a degradação do meio ambiente por suas observações e leituras da natureza. Observações essas que são importantes no seu cotidiano, tanto para as atividades de pesca e agricultura, como também como passatempo. Ler a natureza, para Chico, mais do que necessário para saber a época de plantar ou colher, faz parte de sua vida, de seus hábitos, de sua diversão:

Eu acredito que o passatempo do homem é estudar o dia-a-dia. A natureza é como se fosse um livro aberto, que vai passando, passando... Todo dia passa uma página virada para a gente ler. E eu, com o passar dos tempos, fui fazendo essa leitura e construindo meus diagnósticos (SILVA, 2016, p. 71).

Assim como os elfos, para Chico a natureza é tema de pensamentos, poemas e canções. As falas do sábio na natureza são, muitas vezes, poéticas, porém não fantasiosas. É a mistura de saberes da tradição, de suas leituras da natureza, de sua expressão cultural que fala muita das vezes. A forma que Chico Lucas faz essa leitura, interpreta e traz ao conhecimento de outros, como dos organizadores do livro ao qual me refiro, traz um conhecimento complexo, construído e produzido por um humano, que conhece sua natureza multifacetada e não se limita as fragmentações das ciências clássicas.

Chico lê a natureza, preocupa-se com ela, pois se entende como parte dela e a vê como parte de si mesmo. Se vê pertencido e pertencente do lugar, das memórias, das descobertas. Associa suas experiências a sua forma poética de enxergar e descrever o mundo, bem como traz a poesia e a declama com ciência de ponta, produzida nas suas expedições e atividades cotidianas. É encontrando uma rocha e observando a forma de seus minerais que Chico desenvolve uma história sobre ela (SILVA, 2016), e é nessa história o momento em que ele cria

hipóteses sobre possíveis fenômenos da natureza. É esse conhecimento de vai e vem, o materialismo imaginário se misturando com o materialismo científico, como propõe Bachelard (2006), é processo de transformação das informações que chegam até em conhecimento pertinente (MORIN, 2000), é a transdisciplinaridade, “cujo objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos seus imperativos é a unidade do conhecimento” (NICOLESCU, 2000, p. 46).

A noção de pertencimento entre os elfos e Chico é parecida nesses aspectos. A conexão com o mundo, bem como os destinos de ambos estão interligados. A leitura da natureza, a compreensão do que se passa ao mundo ao redor, como uma necessidade por fazer parte dela e sentir que ela também lhe faz parte. É a atribuição de sua cultura ao lugar em que vive, o que torna a preservação ainda mais necessária. Por fim, a identificação como espécie, como povo, como sociedade e sua ligação com aquele lugar. Chico, assim como os elfos, conhece a história do lugar, conhece os mitos, as lendas, as árvores, os campos, a lagoa do Piató tão bem como os elfos conhecem Lothlórien e todas essas coisas que citei anteriormente, ligadas à ela. Assim como a fala de Haldir em T26, Francisco Lucas da Silva complementa:

**T126**

Eu me sinto realizado com o meu trabalho. Eu moro aqui e tenho tudo isso para ouvir: o cantar do galo, o berro da ovelha, o mugir da vaca, o relinchar do jumento, o latido do cachorro.... Eu adoro isso aqui. Por isso eu digo a vocês: pra mim, aqui é o lugar, é um pedacinho do céu, é o lugar melhor do mundo, pra mim, pra minha vivência do que já vivi até hoje (SILVA, 2016, p. 33).

Por fim, apesar de Chico Lucas não ter em sua comunidade um dos elementos que se tornam fundamentais nos elfos de Lothlórien, o isolamento é presente em outras diversas tribos que existem aqui no Brasil. As demarcações de território indígenas e as comunidades quilombolas trazem esse elemento. Seu isolamento, em sua maioria parcial e em vezes total, traz a proteção daquele território. Os elfos, o protegem com a magia de Galadriel. Os indígenas e quilombolas, entretanto, dependem de políticas públicas, dos órgãos governamentais e, de muita luta de ativistas em órgãos não-governamentais para manterem o seu habitat protegido da mineração, do desmatamento, da agricultura e pecuária a larga escala.

## 7 DIÁRIO V – NOTAS DA TERRA-MÉDIA: O DESPERTAMENTO DOS ENTS

### 7.1 Os Ents

Os Ents, também chamados pastores de árvores, são criaturas que estão associados à florestas e bosques, sempre amando mais os seres vegetais do que quaisquer outras coisas. Na aparência podem ser confundidos com árvores falantes, entretanto, essas criaturas são mais complexas. Elas apresentam racionalidade, cultura, capacidade de se colocarem e posicionarem diante de problemas, questionamentos e adversidades.

Mitologicamente, essas criaturas são abençoadas por Yavanna, uma ser celestial poderosíssima, quase divina, que atuou junto à criação das outras coisas. De seu sentimento de preocupação com as árvores e outros seres vegetais e por medo de destruição de todas essas entidades vivas, surgiram os Pastores de Árvores, criados a partir da mistura de espíritos distantes e os seres sésseis, capazes de defender os bosques e a si mesmos. Tal relato consta no livro *O Silmarillion*, no qual Tolkien estabelece a mitologia da Terra-média (TOLKIEN, 2015).

Os Ents são seres antigos, que viram o mundo se modificar inúmeras vezes. Observaram batalhas entre os elfos, os homens, os orcs, mas nunca participaram ou se envolveram com negócios dos outros povos livres. Possuem um grande conhecimento acerca do mundo devido à sua longevidade, e possuem um idioma próprio, que é utilizado para as coisas que valham a pena se dizer, pois é um idioma cujo as sentenças são muito longas. Por observarem o mundo desde muito tempo, os Ents se atêm a detalhes que nenhum outro ser se ateria. Isso faz com que sejam extremamente morosos em tomar decisões até mesmos simples, pois ponderam ao máximo em todas as possibilidades. Dessa forma, são conhecidos como um povo lento.

A proximidade deles com as árvores faz com que, outros povos sequer percebam a sua presença em um bosque, ou se estiverem parados, como Merry e Pippin no trecho 39 e quando encontram outros Ents, no trecho 74:

#### **T39**

Na face da parede de pedra havia algo parecido com uma escada: talvez natural, feita na rocha gasta pelas intempéries e fendida, pois era tosca e desigual. Bem no alto, quase no nível dos topos das árvores da floresta, havia um patamar sob um penhasco. Ali nada crescia senão uns poucos capins e ervas na beirada e um velho toco de árvore com apenas dois galhos: quase se parecia com um vulto de um ancião retorcido, ali de pé, piscando à luz matutina. (TOLKIEN, 2019c, p. 688);

#### **T74**

Os Ents eram tão diferentes entre si como árvores de árvores: alguns tão diferentes como uma árvore de outra com mesmo nome, mas crescimento e história bem diferentes; e alguns tão diferentes como uma espécie de árvore da outra, como a bétula da faia, o carvalho do abeto. Havia alguns Ents mais velhos, barbudos e retorcidos como árvores sãs, porém antigas (apesar de nenhum parecer tão antigo quanto Barbárvore); e havia Ents altos e fortes, de membros retos e pele lisa, como árvores da floresta no seu apogeu; mas não havia Ents jovens, não havia rebentos. (TOLKIEN, 2019c, p. 711)

Os Ents se sentem ligados aos bosques e florestas, cuidando delas e as protegendo, tomando medidas que afastem aqueles que querem sua destruição. Além de apenas gostar das árvores, os Ents possuem relações de amizade com elas. Eles interagem e protegem tudo aquilo que sentem como parte deles, no caso, os bosques e florestas. Fangorn, por exemplo, é apresentada inicialmente como uma floresta escura, sombria, desalinhada. Entretanto, essa é a característica da floresta. Uma floresta antiga, preservada, protegida. Por dentro, os Ents vivendo nelas, cuidando de sua própria sobrevivência, que é inerente a existência e permanência desses seres no universo.

A maior parte dos Ents está concentrada na floresta de Fangorn, que leva esse nome por causa de um Ent, Barbárvore na língua comum e Fangorn em élfico. Barbárvore aparenta ser o Ent mais velho daquela floresta. Localizada próxima a Rohan e Isengard, a floresta sempre fora respeitada pelos povos livres, bem como os Pastores de Árvores, mantendo-se isolada do mundo e sem habitações de elfos ou outros povos além dos Ents. Entretanto, longe de abandonada, tinha sua própria dinâmica, como qualquer ecossistema, que é afetado por atividades externas.

Os Ents convivem dentro da floresta reunidos em tribos, e cada uma delas tem o seu líder. As tribos cuidam para a manutenção do ecossistema, e estão ligados geralmente a alguma espécie de árvore, que é mais frequente na sua região. Os Ents se identificam quase que exclusivamente com o gênero masculino, enquanto aquelas que se identificam com o gênero feminino são chamadas de Entesposas. Estas, por sua vez, não possuem paixão pelas florestas grandes e escuras, mas amam bosques arbustivos e floridos. Por conta disto, as Entesposas se afastaram dos Ents, e no meio das guerras entre outros povos, se perderam dos Ents e nunca mais voltaram, como Barbárvore fala pesadamente no trecho 71c:

**T71c**

"Assim, as Entesposas fizeram jardins para neles viverem. Mas nós Ents seguimos vagando e só de vez em quando chegávamos aos jardins. Então, quando a Treva chegou no Norte, as Entesposas atravessaram o Grande Rio, e fizeram novos jardins, e cultivaram novos campos, e nós as víamos mais raramente. Depois que a Treva foi derrotada, a terra das Entesposas floriu ricamente, e seus campos eram repletos de grãos. Muitos homens aprenderam

os ofícios das Entesposas e muitos as honravam; mas nós éramos para eles apenas uma lenda, um segredo no coração da floresta. Porém, ainda estamos aqui, enquanto todos os jardins das Entesposas estão baldios; os Homens os chamam de Terras Castanhas. (TOLKIEN, 2019c, p. 706)

Assim, tanto Ents como as Entesposas foram se tornando esquecidos ao longo do tempo e sumindo do mundo, visto que já não se reproduziam. Eles, apesar de serem amortais como os elfos e não morrerem de morte natural, poderiam sofrer e tombar com outras adversidades, como violência, guerra etc. Como os dois hobbits, Merry e Pippin no trecho 74, observam, não há Ents mais jovens entre eles. Aqueles que eles conseguem ver são apenas Ents velhos, mais novos que Barbárvore, mas não jovens.

Os Ents são, portanto, também pessoas. Dotados de sua cultura, pensamento, são confrontados por Saruman, um mago devotado a Sauron que busca para si o poder, e começa a causar devastação nas bordas da floresta para seu exército de orcs. É em meio a tudo isso que cabe aos Ents decidirem se continuam a perder sua floresta, aquilo que é o seu motivo de vida, ou se lutam para manter o que é seu.

A partir da Análise do Capítulo Barbárvore, traço então os aspectos que trazem os Ents até o seu despertar. O primeiro, Profundidade e Complexidade de Fangorn, está ligado na relação que os Ents têm com o ecossistema da floresta, como se relacionam com ela e o que elas representam para eles. O segundo, A Problemática Ambiental em Fangorn, aponta o início de uma devastação parcial ou completa da floresta, motivada por um comportamento dominador de uma pessoa de fora. E, o terceiro, Despertamento dos Ents, traz os elementos que levaram os Ents a, de fato, despertarem para a problemática ambiental e se levantarem para intervirem antes que sejam completamente dominados.

## 7.2 Profundidade e Complexidade de Fangorn

Assim como todos os povos livres, que estão de alguma forma ligados a um lugar, a uma cultura, a um povo, os Ents também se sentem ligados à Fangorn. Lá é o seu lar desde os tempos mais antigos. Por eras, os Pastores de Árvores as defenderam, e resistiram às estações, as mudanças climáticas, políticas, guerras. A Floresta de Fangorn traz marcas de uma origem muito remota, e cicatrizes do tempo. No trecho 36b, após fugirem de um quase sequestro e torturas, os hobbits finalmente percebem onde estão e comentam sobre sua primeira impressão doo lugar:

### **T36b**

"E o velho Gerontius foi meu trisavô: a coisa remonta um pouquinho. Mas isso não é nada em comparação com a sensação de velhice dessa floresta. Olhe

todas essas barbas e bigodes de líquen, escorrendo e se arrastando! E a maior parte das árvores parece meio cobertas de folhas secas esfarrapadas que nunca caíram. Desleixado. Não consigo imaginar como seria a primavera aqui, se é que ela chega algum dia; muito menos uma faxina de primavera." (TOLKIEN, 2019c, p. 687).

Quando se referem à primavera, os hobbits comentam exatamente sobre as estações e mudanças sazonais que normalmente atingem todas as florestas. Fangorn, entretanto, parecia intocada até mesmo pela própria natureza, que a conservava do jeito que estava. Entretanto, também como pontuado pelos hobbits, os sinais de antiguidade, como líquens e folhas secas que nunca caíram. Entretanto, ao escalarem um ponto mais alto e contemplarem a floresta de cima, os hobbits veem algo diferente. As cores da floresta resvalam em seus olhos, refletidas pelo sol. Escura por dentro, colorida por fora:

### **T38b**

Descobriram que era mais longe do que pensavam. O terreno ainda subia íngreme e tornava-se cada vez mais pedregoso. A luz ficou mais intensa à medida que avançavam, e logo viram que havia uma parede de rocha diante deles: o flanco de uma colina, ou a extremidade abrupta de alguma longa raiz projetada pelas montanhas distantes. Não havia árvores crescendo sobre ela, e o sol caía pleno sobre sua face de pedra. Os ramos das árvores em seu sopé estendiam-se rígidos e imóveis, como se tentassem alcançar o calor. Ao contrário de antes, quando tudo parecera tão surrado e cinzento, agora a floresta reluzia com ricos tons de marrom e com os lisos cinza-negros das cascas semelhantes a couro polido. Os troncos das árvores brilhavam com um verde suave, semelhante a relva fresca: havia em seu entorno a primavera precoce ou uma visão fugaz dela. (TOLKIEN, 2019c, p. 688)

A floresta de Fangorn era antiga, escura e muita coisa acontecia lá dentro. Habitat de diversos seres, incluindo os Pastores de Árvores, Fangorn apesar de parecer morta pelo tempo, era bastante viva. Os Etns que andavam por ela a tinham como sua região, como seu próprio lugar. Tão seu, que Barbárvore tentou intervir quando viu os hobbits, exigindo-os dizer quem eram, já que nunca os tinha visto e, acreditava ter visto pelo menos um exemplar de todos os seres vivos, dado toda a sua existência, como ele fala no trecho 46a:

### **T46a**

(...) "Sem tanta pressa. E sou eu quem estou perguntando. Estais em minha região. O que sois vós, eu me pergunto? Não consigo localizar-vos. Não parece que fazeis parte das velas listas que aprendi quando era jovem. Mas isso foi muito, muito tempo atrás, e pode ser que tenham feito listas novas. Deixa-me ver! Deixa-me ver! Como é que era? (TOLKIEN, 2019c, p. 690)

A construção da ligação dos Ents com Fangorn é mais do que uma profecia mitológica, ela é real, biológica, cultural, social. Esses seres cresceram junto ao bosque, saindo poucas vezes de dentro deles, apenas em necessidade. Sentem-se familiarizados a ele e não conseguem, nem se desejassem, sair dele. Não é uma prisão, mas um lar. Em Fangorn, com as aleatoriedades que acontecem no ecossistema, os Ents se sentem bem e felizes, como Barbárvore explica a diferença entre eles e as Entesposas para os hobbits em T71b:

**T71b**

"Mas nossos corações não seguiram crescendo do mesmo modo: os Ents deram seu amor às coisas que encontravam no mundo, e as Entesposas deram seu pensamento a outras coisas, pois os Ents amavam as grandes árvores, e as matas selvagens, e as encostas dos altos morros; e bebiam das torrentes das montanhas, e só comiam as frutas que as árvores deixavam cair em sua trilha; e aprendiam com os Elfos e falavam com as Árvores. Mas as Entesposas davam suas mentes às árvores menores, e aos prados à luz do sol além dos pés das florestas; e viam os abrunhos na moita, e a maçã silvestre e a cereja florindo na primavera, e as ervas verdes nas terras alagadas no verão, e os capins dando sementes nos campos do outono. Não queriam falar com esses seres; mas desejavam que ouvissem e obedecessem ao que lhes fosse dito. As Entesposas os mandaram crescer de acordo com seus desejos e dar folha e fruto ao seu agrado; pois as Entespostas queriam ordem, abundância e paz (e com isso queriam dizer que as coisas deveriam permanecer onde as tinham colocado). (TOLKIEN, 2019c, p. 705-706).

A sociedade dos Ents compreende diversas tribos que coexistem dentro de Fangorn. Não apenas coexistência, mas colaboração e compreensão de serem um mesmo povo. O Entecentro, uma espécie de reunião onde todas as tribos comungam das mesmas ideias e debatem a necessidade ou não de se tomar uma decisão é um forte exemplo. É nesse momento democrático, onde todos aqueles que escolhem participar traz à tona suas ideias, preocupações e argumentos. E debatem, além de sua existência, a existência da floresta e tudo aquilo que lhes cabe discutir. Como o próprio Barbárvore explica em T73, o Entecentro “é uma reunião de Ents” (TOLKIEN, 2019c, p. 709).

Assim, mais do que uma floresta aparentemente abandonada pela própria natureza, Fangorn é tão habitada como Lothlórien. Seus habitantes, toda vida, se camuflam tão bem, e até melhor, do que qualquer elfo da floresta dourada, e dispõem de uma sabedoria muito maior. Conseguem interagir com as árvores tão mais profundamente que os elfos, se entristecem com os acontecimentos ruins, porém não tomam partido em alguma atitude que não lhes afetar diretamente. Além disso, são democráticos, tendo líderes em suas tribos, mas podendo opinar e argumentar conforme aquilo que acredita, e que são tão importantes como quaisquer outro.

Entretanto, Barbárvore reconhece os perigos da floresta. Fangorn é uma floresta consciente de sua existência (T59), com árvores e Ents que sabem que estão ali. Portanto, sabe que pode ser também uma floresta (T58b):

**T59**

"As árvores e os Ents", disse Barbárvore. "Eu mesmo não compreendo tudo o que ocorre, portanto não posso explicá-lo a nossa maneira, porém muitos estão ficando sonolentos, tornando-se arvorescos, como poderíeis dizer. A maior parte das árvores são só árvores, é claro; porém muitas estão meio despertas. Algumas estão bem despertas, e umas poucas estão, bem, ah, bem, ficando entescas. Isso está ocorrendo o tempo todo. (TOLKIEN, 2019c, p. 695);

**T58b**

"E esta também. Pessoas deram-se mal aqui. Deram-se mal, sim. *Lauderindórenan lindelorendor malinornéliion ornemalin*", cantarolou para si. "Lá dentro estão se atrasando bastante em relação ao mundo, eu acho", disse ele. "Nem esta região, nem qualquer outro lugar fora da Floresta Dourada, é o que foi quando Celeborn era jovem. Mesmo assim: *Taurelilómëa-tumbalemorna Tumbaletaurëa Lómeanor* é o que costumavam dizer. As coisas mudaram, mas ainda é verdade em alguns lugares" (Ibidem).

Conforme discorri anteriormente, a floresta de Lothlórien possuía além dos elfos para protege-la, o poder de Galadriel, que a isolava do mundo. Entretanto, os Ents não dispunham de artifícios maravilhosos. Pelo contrário, estava sendo alvo de um ser que utilizava esses artifícios para auxiliar na devastação do ecossistema. A importância dos Ents para Fangorn eram altas, pois eles junto das árvores mais conscientes eram quem afastavam quaisquer suspeitos de ocasionar o mal de dentro das profundezas da floresta, o que poderia ter ocorrido a Merry e Pippin.

A problemática que envolve a situação, porém, é o início da devastação de Fangorn a partir de suas bordas, por ordem de um vizinho e antigo amigo, Saruman. Que pouco se preocupa com a complexidade da floresta, pois como discorre Barbárvore, o único mago que realmente se preocupou com as árvores havia sido Gandalf. Saruman, entretanto, ordenava as queimadas e derrubadas de árvores para alimentar suas fornalhas e utilizar em suas criações esquisitas.

### 7.3 A Problemática Ambiental em Fangorn

Ao adentrar na floresta, os Hobbits viram, primeiramente, um lugar intocado, preservado, isolado até mesmo da primavera. Porém, não era bem assim. Nas bordas de Fangorn,

ocorria uma devastação sem limites. As fornalhas de Iserngard não cessavam, utilizando como combustível parte da madeira desmatada. Parte da história daquele ecossistema se perdia. Árvores antigas, memórias e afetos que os Ents guardavam em seus corações, subiam aos céus em colunas de fumaça negra:

**T40**

Chegaram finalmente à borda do patamar, quase aos pés do velho toco; depois deram um salto e se viraram de costas para a colina, respirando fundo e olhando para o leste. Viram que só haviam avançado umas três ou quatro milhas para dentro da floresta: as cabeças das árvores marchavam encosta abaixo rumo à planície. Ali, perto da orla da floresta, subiam grandes torres de fumaça negra e enrolada, oscilando e flutuando na direção deles. (TOLKIEN, 2019c, p. 688-689)

Tal problemática envolvia diversos fatores. Dentre eles, um mago traidor, que tinha como principal objetivo demonstrar o seu poder para todos os seres da Terra, na tentativa de se sobressair a outro dominador, Sauron. Com o nome de Saruman, o mago se aproximou dos Ents, se passou por seu amigo até conhecer os caminhos de Fangorn.

Sauron, em suas tentativas de dominação, poderia causar a destruição das florestas, como aconteceu com Mordor. Tal devastação como demonstração de poder e amedrontamento, alterando o lugar e a paisagem, de modo a se tornarem repulsivos e amedrontadores para quaisquer seres que não sejam seus servos orcs. Não obstante os rumores da vinda de Sauron para dominação da Terra-média, um mago chamado Saruman, que adentrou diversas vezes à floresta e conversava com os Ents agora investia contra ela. Em seu projeto de se tornar um dominador ao lado ou superior a Sauron, o mago passou a realizar experimentos entre Orcs e Humanos. E não só isso: levantou um exército

Saruman levantou o seu exército de orcs, e alimentou a produção de armas com suas fornalhas, que necessitavam de árvores para continuarem queimando. Os orcs, entretanto, além de destruir as bordas para a obtenção de combustível, passaram também a desmatar por desmatar, para retirar a vegetação do terreno com os objetivos que não são possíveis de prever. Barbárvore se lamenta ao lembrar da traição em T66:

**T66**

"Ele e sua gente imunda estão produzindo devastação agora. Lá nas bordas estão derrubando árvores - boas árvores. Algumas das árvores eles simplesmente abatem e deixam apodrecer - isso é injúria de Orc; mas a maioria é picada e levada para alimentar os fogos de Orthanc. Sempre há fumaça subindo de Isengard nestes dias. "Maldito seja, raiz e ramo! Muitas daquelas árvores eram minhas amigas, criaturas que eu conhecia desde a noz e a bolota;

muitas tinham suas próprias vozes que agora estão perdidas para sempre. E há desertos de tocos e sarças onde outrora havia arvoredos cantantes. Estive ocioso. Deixei as coisas fugirem ao controle. Isso precisa parar!" (TOLKIEN, 2019c, p. 703)

Barbárvore se sente lesado. A perda daquilo que lhes pertencia era dolorido. A força com que o Ent se sente ligado à Fangorn é tamanha que ele mesmo sente que deveria ter feito algo, permitiu que as coisas se descontrolassem. Barbárvore puxa para si essa responsabilidade, imaginando que seria capaz de fazer algo, mas não o fez. É nesse momento que o Ent se sente incitado a fazer algo. Barbárvore desperta, sabendo que precisa tomar uma decisão rapidamente, ou perderão tudo aquilo que amam. De súbito, em T67b, o Ent levanta e a sua decisão está tomada:

**T67b**

"Eu vou parar isso!", disse com estrondo. "E vós haveis de vir comigo. Podeis ser capazes de me ajudar. Desse modo também ajudareis vossos próprios amigos; pois se Saruman não for impedido, Rohan e Gondor terão um inimigo às costas assim como pela frente. Nossas estradas andam juntas - a Isengard!" (TOLKIEN, 2019c, p. 703)

Ainda que estivesse se decidido, Barbárvore não conseguiria enfrentar o poder de Isengard sozinho. Precisaria de mais Ents. Entretanto, como ele relata, muitos Ents estão adormecidos, se tornando mais parecidos com as árvores do que com os próprios Ents:

**T59**

"As árvores e os Ents", disse Barbárvore. "Eu mesmo não compreendo tudo o que ocorre, portanto não posso explicá-lo a nossa maneira, porém muitos estão ficando sonolentos, tornando-se arvorescos, como poderíeis dizer. A maior parte das árvores são só árvores, é claro; porém muitas estão meio despertas. Algumas estão bem despertas, e umas poucas estão, bem, ah, bem, ficando entescas. Isso está ocorrendo o tempo todo. (TOLKIEN, 2019c, p. 695)

**T61**

"Alguns da minha espécie já se parecem muito com árvores e precisam de algo grande que os incite; e só falam em sussurros. Mas algumas de minhas árvores têm membros ágeis, e muitas conseguem falar comigo." (TOLKIEN, 2019c, p. 696)

Além disso, as ações de Isengard também causaram amedrontamento em alguns Ents, com ataques diretos e indiretos. Casca-de-Pele foi um dos Ents atacados, e que se mantém isolado do resto de Fangorn, amedrontado, como Barbárvore conta em T69:

**T69**

“Casca-de-Pele vivia nas encostas das montanhas a oeste de Isengard. Foi lá que aconteceram os piores problemas. Foi ferido pelos Orcs, e grande parte de sua gente e seus pastores-de-árvores foi assassinada e destruída. Ele subiu aos lugares altos, entre as bétulas que mais ama, e não quer descer.” (TOLKIEN, 2019c, p. 704)

O plano de Barbárvore torna-se despertar os Ents para que possam tomar, juntos, alguma atitude frente à grande devastação que acontece nos seus pertencimentos. O Ent convoca uma reunião democrática, na qual comparecem muitos outros Pastores de Árvores. A reunião que dura mais de um dia, onde se discutem diversas coisas acerca dos acontecimentos em sua própria língua culmina em uma decisão em conjunto, para o bem comum, porém sem desconsiderar todos os posicionamentos. Chamado de Entecentro, a reunião ocorre em um lugar específico, e tem ocorrência com a frequência de grandes eventos que necessite de uma tomada de ação coletiva. Após algumas horas de reunião, apesar de ser demorada, um dos Ents já havia se decidido. Seu nome era Bregalad.

#### 7.4 O Despertamento dos Ents

Apesar de ser chamado um Ent apressado, pois eram seres que não se apressavam em suas decisões, Bregalad ainda parecia muito com um Ent. Sua pressa, entretanto, para intervir na situação que os assolava advinha de suas perdas. Bregalad fazia parte da tribo que foi atacada pelos orcs. Suas árvores foram destruídas, parte de suas memórias junto com elas. O afeto e o apego que o Ent possuía eram tão grandes, que ele passa a temer que possa perder mais. Assim, a intervenção deixa de ser um ato de vingança ou justiça: passa a ser a luta pela própria sobrevivência. No trecho 79b, ele descreve mais detalhadamente o que ocorreu:

##### **T79b**

"Havia pés de sorveira em meu lar", disse Bregalad, suave e tristemente, "pés de sorveira que criaram raízes quando eu era um Entinho, muitos, muitos anos atrás, na quietude do mundo. Os mais velhos foram plantados pelos Ents para tentarem agradar às Entesposas; mas elas olharam e sorriram e disseram saber onde cresciam flor mais branca e fruto mais rico. Porém não há árvores de toda essa raça, do povo da Rosa, que sejam tão belas para mim. E aquelas árvores cresceram e cresceram, até a sombra de cada uma ser como um salão verde, e seus frutos vermelhos no outono eram fardo, e uma beleza, e um prodígio. Os pássaros costumavam apinhar-se ali. Gosto de pássaros, mesmo quando tagarelam; e a sorveira tem de sobra. Mas os pássaros se tornaram hostis e cobiçosos, e dilaceraram as árvores, e lançavam os frutos no chão e não comiam. Então vieram Orcs com machados e derrubaram minhas árvores.

Cheguei a as chamei por seus longos nomes, mas elas não palpitarão, elas não ouviram nem respondera: jaziam mortas. (TOLKIEN, 2019c, 715-716)

Os hobbits, apesar de duvidarem inicialmente da tomada de decisão dos Ents, sabiam do poderio e força dos Ents juntos, e que nada seria páreo para eles. A coletividade, além de ser um fator valorizado nos Ents, melhora a capacidade de defender e lutar aquilo que é seu, bem como de tomar grandes decisões que influenciarão na vida de todos. Entretanto, ao serem incitados e tomados pela necessidade de alguma ação, os Ents saem de sua reunião democrática com a decisão já tomada:

### **T80b**

Logo vieram a fila marchante que se aproximava: os Ents vinham balançando com grandes passadas, descendo a encosta na direção deles. Barbárvore estava à cabeça deles, e atrás vinham uns cinquenta seguidores, em fila dupla, marcando o passo com os pés e batendo o ritmo com as mãos nos flancos. À medida que se aproximavam, podia-se ver o reluzir e o bruxulear de seus olhos.

"Huum, hom! Aqui chegamos com ribombo, aqui chegamos enfim!", chamou Barbárvore quando avistou Bregalad e os hobbits. "Vinde, juntai-vos ao Encontro! Estamos de partida. Estamos de partida a Isengard!"

"A Isengard!", gritaram os Ents com muitas vozes. "A Isengard!"

### **T81**

"Nós Ents não gostamos de ser incitados; e nunca nos incitamos a não ser que nos seja óbvio que nossas árvores e nossas vidas estão em grande perigo. Isso não acontece nesta Floresta desde as guerras de Sauron e dos Homens do Mar. Foi o serviço-órquico, a derrubada desenfreada - rárum -, sem nem a desculpa ruim de alimentar as fogueiras, que nos enfureceu tanto; e a traição de um vizinho, que nos deveria ter ajudado. Os Magos deveriam saber melhor: eles sabem melhor. Não há maldição em élfico, em entês ou nas línguas dos Homens suficientemente má para tal traição. Abaixo Saruman!" (TOLKIEN, 2019c, p. 718)

Nos trechos citados acima, é possível determinar com detalhes os motivos dos Ents e seu objetivo. A força que há em suas palavras, em uníssono, é tão grande que soam como uma só. Barbárvore percebe que aquele momento é crucial para definir, de fato, o que será feito, pois apesar de terem tomado uma decisão, esta fora feita em meio ao esquentar de corações, a um incitamento e despertamento forte. Era um momento crucial, pois saberiam se permaneceriam como um ou se voltariam a se separarem, como está no trecho 83:

### **T83**

"Agora estão todos incitados, e suas mentes estão todas em uma só coisa: romper Isengard. Mas logo vão começar a pensar de novo; vão esfriar um pouco, quando tomarmos nosso trago da tardinha. Que sede havemos de ter!"

Mas agora que marchem e cantem! Temos um longo caminho a percorrer, e há tempo à frente para pensar. Já é alguma coisa ter começado." (TOLKIEN, 2019c, p. 719)

O rompimento de Isengard não era apenas uma demonstração de poder da parte dos Ents, como Saruman fazia. A destruição do lugar significaria que o que Saruman havia feito jamais seria realizado novamente. Pelo menos durante muito tempo. O despertar dos Ents fora para a luta de resistência. Eles foram acordados para a sua realidade, e mesmo que fosse o fim para todos, ainda assim seriam conscientes por que causa estavam tentando: sua própria vida (T84). Uma luta tão importante que até as árvores mais despertas, além dos Ents, pareciam se juntar à batalha:

#### **T84**

"É claro que é bem provável, meus amigos," disse ele lentamente, "bem provável que estejamos indo à nossa ruína: a última marcha dos Ents. Mas se ficássemos em casa e nada fizéssemos, a ruína nos encontraria de qualquer modo, mais cedo ou mais tarde. Esse pensamento há tempos vem crescendo em nossos corações; e é por isso que estamos marchando agora. Não foi uma resolução apressada. Agora, pelo menos, a última marcha dos Ents pode valer uma canção. Sim," suspirou ele, "podemos ajudar os outros povos antes de nos irmos. Ainda assim, gostaria de ter visto as canções sobre as Entesposas se tornarem verdade. Gostaria muito de ter visto Fimnrethil outra vez. Mas aí está, meus amigos, as canções, como as árvores, só dão fruto em seu próprio tempo e ao seu próprio modo: e às vezes murcham antes do tempo. (TOLKIEN, 2019c, p. 719-720)

#### **T85**

Pippin olhou para trás. O número de Ents havia crescido - ou o que estava acontecendo? Onde deviam estar as encostas áridas e indistintas que haviam atravessado, ele pensava ver capões de árvores. Mas elas se moviam! Podiam as árvores de Fangorn estar despertas, e a floresta se erguendo, marchando à guerra por cima das colinas? Esfregou os olhos, perguntando-se se o sono e a sombra o tinham enganado; mas os grandes vultos cinzentos avançavam continuamente. (TOLKIEN, 2019c, p. 720)

Diante de toda a situação, a decisão dos Ents culmina em uma intervenção. Após estarem despertados para problemática ambiental que envolve Fangorn, pela tentativa de destruição de seu próprio habitat, os Pastores de Árvores passam para a ação. A sensibilização e o despertar foram fundamentais para que criassem forças e formassem um coletivo na defesa do que é seu.

### 7.5 A Problemática Ambiental e As Demarcações Indígenas no Brasil

No ano de 2021, o Projeto de Lei (PL) 490 (BRASIL, 2007) é lembrado e trazido para a votação. Com a premissa de rever a lei 6001/73 (BRASIL, 1973), que dispõe do Estatuto do

Índio, o documento altera o artigo 19, que discorre sobre a demarcação de terras protegidas para abrigar as comunidades, tribos e povos indígenas.

Em sua justificativa, o ex-deputado Homero Pereira, discorre sobre a necessidade de que a demarcação de terras indígenas envolva os três poderes, uma vez que o Estatuto do Índio prevê a demarcação apenas de forma administrativa, pelo poder executivo, pela Fundação Nacional do Índio (BRASIL, 2007). A mudança do artigo, entretanto, permite a revisão de terras que, inclusive, estão demarcadas após a Constituição Brasileira (1988).

A crise ambiental que se estabeleceu no país, principalmente com a redução nas políticas ambientais após o governo Temer (2016-2018) e o aumento dessa redução com o governo Bolsonaro (a partir de 2019), o retorno de um projeto de lei como esse, que já havia sido arquivado, é preocupante. O crescente aumento na devastação no Brasil, aliado a falta de investimento em ações para mitigação e a votação de leis para aumentarem a exploração aos ecossistemas vêm sendo frequentemente registrados na mídia. No mês de julho de 2021, tivemos um aumento em 2,7%, apenas no desmatamento, em relação ao mês anterior (INPE, 2021). Somado a isso, o Projeto de Lei 520/2021 (BRASIL, 2021), também conhecido popularmente como Projeto de Lei da Grilagem, se for aprovado, facilitará a posse de terras públicas que foram ocupadas de forma ilegal.

Os dois projetos de lei têm um grande potencial de aumentar ainda mais a crise ambiental que o Brasil sofre atualmente. O primeiro, o PL 490, pode rever as demarcações indígenas. As terras protegidas para o uso dos povos indígenas auxiliam o país, de modo que não podem ser exploradas por empresas a não ser em casos nos quais não se haja outras alternativas, como prevê a própria Lei 6001/73 (BRASIL, 2073). Dessa forma, esses territórios são preservados, diminuindo consideravelmente a devastação causada as florestas, como a Floresta Amazônica, que vem perdendo sua biomassa ao longo dos anos, e mais ainda durante a crise ambiental que o Brasil vem sofrendo atualmente. Além disso, mantém vivos e protegidos os povos pré-coloniais, que possuem o seu território para subsistência, de forma biológica, social e cultural.

O PL 510, por sua vez, passa a permitir que territórios com área de até 2500 hectares, que estão sob posse até 2014, sejam legalizados e de posse do seu utilizador, sem nenhuma vistoria. Tal prática, entretanto, facilita que áreas demarcadas para povos indígenas, e, ou, protegidas, desde que tenham até 2500 hectares e utilizadas com a data limite de 2014, possam passar de públicas para privadas, com pouca ou nenhuma investigação ou vistoria. Sobre esse PL, diversas organizações do meio ambiente se posicionaram, argumentando o perigo da Lei

para o meio ambiente, incluindo, a legalização da grilagem, um processo de fraude no qual se realiza a falsificação de documentos de posse:

O PL 510/21 legitima práticas de grilagem, pois, entre outros pontos, altera mais uma vez a data limite para que invasões de terras públicas sejam legalizadas (passando de 2011 para 2014) e permite que grandes áreas (de até 2500 hectares) possam ser tituladas sem necessidade de vistoria. Cientes de que a grilagem de terras públicas é responsável por 1/3 do desmatamento no país, além de ser promotora de uma espiral de violência, seria um absurdo aprovar um projeto como esse (GREENPEACE *et al.*, 2021);

Ao alterar a lei 11.952/09, o Projeto de Lei abre brecha para a ocupação de terras federais, incluindo os que estão na Amazônia Legal, ameaçando não apenas o patrimônio biológico, mas também o patrimônio cultural, os povos indígenas. Diversos protestos realizados pelos povos indígenas foram realizados, inclusive, com a resposta truculenta das forças de segurança.

O posicionamento do atual governo no que diz respeito à problemática ambiental parece ir no sentido oposto a grande necessidade de políticas ambientais no Brasil. O desmatamento desenfreado, e as últimas queimadas do Cerrado, do Pantanal e da Amazônia em 2020 e 2021 ameaçam a existência dos biomas brasileiros, bem como das comunidades indígenas. Apesar de algumas comunidades estarem isoladas, tais grupos sentem na pele as pressões das políticas de devastação ambiental os atingirem.

As florestas brasileiras vêm sofrendo com uma crise ambiental que se sustenta no Brasil desde 2016, se intensificando nos anos do governo Bolsonaro, a partir de 2018. Em 2020, quase um terço do Pantanal, bioma brasileiro e maior área úmida tropical do mundo, se perdeu em chamas inclusive a maior parte dos territórios indígenas localizadas nesse bioma (LIBONATI *et al.*, 2020). Conforme a pesquisadora Renata Libonati e sua equipe relatam em sua pesquisa, publicada na Revista *Nature*, os incêndios ocasionados no Pantanal são fruto de má gestão, leis frouxas e eventos climáticos. Não obstante, os recursos destinados as pastas ligadas a proteção ambiental vem sendo cortados. De acordo com os mesmos pesquisadores, 20% dos recursos que eram fornecidos anteriormente à proteção ambiental foram cortados no ano de 2020 (LIBONATI *et al.*, 2020).

Os Ents, sem saber exatamente o que se passa fora de seu mundo, percebem um braço da guerra de Sauron como Saruman, que promove a destruição desenfreada de Fangorn. As comunidades indígenas também, mas com o barulho das máquinas, com o afugentamento dos animais, com o cheiro de fumaça que emana da floresta queimada para o agronegócio. Os povos indígenas tem como papel, impostos até indiretamente, por meio da demarcação, a proteção às

áreas demarcadas. Entretanto, além das invasões a seus territórios, há por meio dos projetos de lei a possibilidade de que seu papel diminua.

Os povos pré-coloniais compartilham também a sua existência prévia em seu local assim como os Ents. Estavam lá antes de serem “descobertos”. Sua cultura, sua história, suas relações com a natureza ligadas aos biomas brasileiros são bem anteriores à chegada do povo europeu, a sua colonização e ao surgimento do povo brasileiro. Com o tempo, eles observaram a ascensão e queda do regime escravagista, o surgimento do Brasil como república, o período trágico da ditadura militar, a recomposição da democracia brasileira e agora observam o ruir de seu lugar, de sua casa.

Barbárvore foi incitado, incitou os Ents e eles partiram em marcha para reclamar aquilo que era seu. Os povos indígenas também estão se incitando e reclamando aquilo que é seu, por meio dos protestos. Mas, necessitam de auxílio. Os Ents tiveram as árvores, suas amigas, partindo para proteger não apenas os Ents, mas o seu lugar. Os protestos dos povos indígenas que vem ocorrendo contra o PL 490, demonstram a preocupação e necessidade de alguma ação ativa por parte dos povos indígenas. Em defesa daquilo que é seu, e para evitar danos irreparáveis a diversas espécies e culturas, incluindo a sua, manifestações vêm sendo realizadas, na expectativa de expor a importância de sua causa, que é causa do todo brasileiro e humano. Os três aspectos da relação humano-mundo natural em Fangorn também se desenvolvem no mundo primário: os biomas com sua complexidade e profundidade, assim como a floresta fantástica; a problemática ambiental de Fangorn que se entrelaça com a crise ambiental brasileira; e o despertar dos Ents se transcreve nas manifestações dos povos indígenas em defesa da existência de suas florestas amadas e a sua própria. O despertar desses povos resulta, também, em outra característica encontrada na obra de Tolkien: a Resistência, que será discutida a seguir a partir do capítulo O Expurgo do Condado.

## 8 DIÁRIO VI – NOTAS DA TERRA-MÉDIA: A RESISTÊNCIA DOS PEQUENOS

### 8.1 Os Hobbits

“Em uma toca vivia um Hobbit” (2019a, p. 1). Tolkien começa o livro *O Hobbit* com essa frase, e ela já traz bastante informação a respeito desse povo, entretanto, para me detalhar melhor, trarei alguns trechos do Prólogo da história, onde o autor faz diversas considerações e notas a respeito desse povo, que passou a ser conhecido na Terra-média inteira durante e após a guerra do anel. Tolkien começa sua descrição com as seguintes informações:

Os Hobbits são um povo discreto, mas muito antigo, mais numeroso antigamente do que hoje em dia; pois amam a paz e a tranquilidade e a boa terra lavrada: uma área rural bem ordenada e bem cultivada era seu pouso favorito. Desde sempre, não compreendem e não gostam de máquinas mais complicadas que um fole de forja, um moinho d’água ou um tear manual, apesar de que eram habilidosos com ferramentas. (TOLKIEN, 2019b, p. 37)

Como descreve o autor, os hobbits são um povo simples. O Condado, é um local muito similar a localidades rurais. Suas áreas são voltadas quase que exclusivamente para habitação e atividades de agropecuária familiar. As atividades econômicas, também baseadas principalmente na agricultura e pecuária, se desenvolvem e são centradas dentro da própria terra dos hobbits, com poucos aparatos com alta complexidade. Outros produtos, que não são produzidos em larga escala, são de origem da atividade de artesões, que participam de todo o processo de produção, praticamente de sua matéria prima até a venda do produto.

Os hobbits também são um povo pacífico. Acostumados a viver na fartura de sua terra, geralmente não se preocupam com as coisas que acontecem fora, acreditando que em toda a Terra-média prospera a mesma paz que no Condado (TOLKIEN, 2019b). São um povo otimista, alegre, sempre com um sorriso no rosto. Não tem o costume de caça, apenas se for por alimentação, nunca por esporte. Amam as árvores, as flores, e tudo que envolvem a sua terra. Gostam da tranquilidade e raramente se envolveram em batalhas: desde seu estabelecimento no Condado, apenas uma batalha é registrada, na qual se tratava da expulsão de Orcs de seu território (TOLKIEN, 2019b).

O Condado, terra a que amam e estão estabelecidos, é um território afastado dos outros reinos da Terra-média. Um lugar, como poderia dizer qualquer um deles, onde nada acontece. Eventos trágicos são pouco conhecidos, e quando ocorrem dentro de seu território, logo se espalham com avidez, deixando todos os habitantes chocados, pois são algo do qual não estão

acostumados. Paisagisticamente, o Condado é uma terra onde não se vê grandes construções, a exceção de moinhos, residências e prédios públicos.

Politicamente, o Condado era organizado em quatro regiões, chamadas de Quartas, cada uma representando as quatro regiões de um território, Quarta Norte, Quarta Leste, Quarta Sul e Quarta Oeste. Os cargos mais importantes eram o de Prefeito, que era eleito a cada sete anos, o de Mestre-Correio, responsável pelo serviço de correio e o Primeiro Condestável responsável pela segurança. Entretanto, como um lugar pacífico, praticamente as maiores atividades ficavam a cargo do Mestre-Correio. Assim, no Condado as coisas eram coordenadas pelos próprios habitantes, sem muita necessidade de intervenção.

Dentre esse povo, quatro hobbits são destacados na história de Tolkien: Frodo, Sam, Merry e Pippin. Amigos desde criança, a eles é imputada a tarefa de salvar o mundo, destruindo um anel de poder, cujo mesmo guardava toda a força do antagonista, Sauron, que tinha por objetivo recuperar seu anel e dominar toda a Terra-média. Durante o percurso, os quatro passam por diversas provações. Dentre elas, conhecem Lothlórien, dois deles participam do Despertamento dos Ents e, os outros dois, seguem para a destruição do anel, levando consigo o peso da responsabilidade da liberdade do mundo inteiro. Após conseguirem realizar o seu objetivo, os quatro retornam ao Condado. E, é a partir desse momento que irei discorrer sobre a terceira característica na Relação Humano – Mundo Natural na obra de Tolkien: Resistência.

## 8.2 A Opressão pelas Pessoas Grandes

No decorrer da história, após realizarem os grandes feitos e serem os responsáveis pelo fim da Guerra do Anel, os quatro hobbits retornam ao Condado. Ao chegarem, encontram um lugar totalmente diferente. Seu lar, de início, os recebe de forma hostil, informando que era proibido a entrada de hobbits em um horário tão tarde. Além disso, visivelmente já percebem diferenças estruturais, e bloqueios do caminho que sempre fora livre:

### **T86**

Já havia anoitecido quando, molhados e cansados, os viajantes finalmente chegaram ao Brandevin e encontraram o caminho bloqueado. Em ambas as extremidades da Ponte havia grandes portões com espigões; e do lado oposto do rio podiam ver que haviam sido construídas algumas casas novas: de dois andares, com janelas estreitas de bordas retas, desnudas e fracamente iluminadas, tudo muito obscuro e não no estilo do Condado. (TOLKIEN, 2019d, p. 1421)

Pela característica pacífica do Condado, ninguém era perturbado por transitar na região, em qualquer hora do dia, ou até mesmo não era comum o bloqueio de estradas. Assim, os quatro hobbits ao chegarem, e serem recebidos de uma forma hostil, estranham de início. Entretanto, depois de todas as experiências que passaram, não se amedrontam. Pelo contrário, ultrapassam a barreira, adentram ao local e exigem comida e descanso, visto que estão cansados e já é tarde:

**T89a**

"Vamos acordá-lo de um jeito que vai surpreendê-lo", retrucou Merry. "Se você quer dizer que seu precioso Chefe esteve contratando rufiões vindos do ermo, então não voltamos cedo demais". Apeou do pônei e, vendo o aviso à luz dos lampiões, arrancou-o e o jogou por cima do portão. Os hobbits recuaram e não fizeram menção de abri-lo. "Vamos lá, Pippim"! disse Merry. "Dois são o bastante" (TOLKIEN, 2019d, p. 1422).

**T92**

Os hobbits do portão ainda pareciam desconfortáveis, pois evidentemente estavam quebrando alguma regra; mas não havia como contradizer quatro viajantes tão autoritários, todos armados, e dois deles anormalmente grandes e de aspecto vigoroso. Frodo mandou que trancassem os portões outra vez. De qualquer modo, fazia sentido manter guarda enquanto ainda houvesse rufiões à larga. Então, os quatro companheiros entraram na casa de guarda dos hobbits e se acomodaram do melhor modo que puderam. Era um lugar despojado e feio, com uma lareirazinha miserável que não permitia fazer um bom fogo. Nos quartos superiores havia pequenas fileiras de camas duras, e em todas as paredes havia um aviso e uma lista de Regras. Pippim arrancou-os. Não havia cerveja e havia bem pouca comida, mas com a trazida e compartilhada pelos viajantes, todos fizeram uma refeição razoável; e Pippim quebrou a Regra 4 pondo no fogo a maior parte da porção de lenha do dia seguinte, (TOLKIEN, 2019c, p. 1423-1424).

Os quatro hobbits ao conseguirem conversar com outros que pareciam mais abertos e solícitos, descobriram que a opressão vem de fora, e não dos próprios hobbits, com a exceção de alguns que se achavam superiores aos demais. Dois hobbits, que provavelmente estavam tristes com o ocorrido, Hob e Robin, acabam por informar atitudes que retiraram a maior parte da liberdade dos hobbits no Condado:

**T91**

"Bem, não, o ano foi bastante bom", disse Hob. "Cultivamos um monte de comida, mas não sabemos bem o que é feito dela. São todos esses 'colhedores' e 'repartidores', eu acho, que circulam contando, medindo e levando pros armazéns. Eles mais colhem que repartem, e a maior parte de nós não vemos nunca mais" (TOLKIEN, 2019d, p. 1423).

**T98b**

"Estão todas fechadas!", respondeu Robin. "O Chefe não gosta que bebam cerveja. Pelo menos foi assim que começou. Mas agora calculo que são os Homens dele que estão com tudo. E ele não gosta que as pessoas se movimentem por aí; portanto, se quiserem ou precisarem, têm de ir à Casa-dos-Condestáveis e explicar seus afazeres." (TOLKIEN, 2019b, p. 1426).

Além da liberdade dos hobbits, eles também tiveram seu lugar devastado: diversas tocas foram destruídas, e construídas casas no lugar; árvores foram derrubadas sem necessidade; prédios públicos foram alterados. Pelo que se lembrava, um ano antes de saírem, o Condado era diferente para os quatro hobbits:

#### **T102**

Os viajantes seguiram caminho, e quando o sol começava a se pôr nas Colinas Brancas, no longínquo horizonte ocidental, chegaram à Beirágua junto ao seu extenso lago; e ali tiveram seu primeiro choque realmente doloroso. Era a própria região de Frodo e Sam, e agora descobriram que se muitas das casas que tinham conhecido. Algumas pareciam ter sido incendiadas. A aprazível fileira de velhas tocas de hobbit, na ribanceira do lado norte do Lago, estava deserta, e seus jardinzinhos que costumavam descer coloridos até a margem da água, estavam atulhados de ervas daninhas. Pior, havia toda uma fila de feias casas novas ao longo da Beira do Lago, onde a Estrada da Vila-dos-Hobbits corria perto da ribanceira. Ali houvera uma avenida das árvores. Todas haviam sumido. E, viram ao longe uma alta chaminé de tijolos. Despejava fumaça negra no ar vespertino. (TOLKIEN, 2019d, p. 1429)

#### **T132**

Foi uma das horas mais tristes de suas vidas. A grande chaminé se ergueu diante deles; e ao se aproximarem da velha aldeia do outro lado do Água, através das fileiras de casas novas e miseráveis de ambos os lados da estrada, viram o novo moinho em toda a sua feiura carrancuda e vil: um grande prédio de tijolos escarranchado sobre o rio, conspurcando-o com uma efluente fumegante e fedorento. Em toda a extensão da Estrada de Beirágua as árvores haviam sido derrubadas uma a uma.

Quando atravessaram a ponte e ergueram os olhos para a Colina, deram um grito sufocado. Nem a visão de Sam no Espelho o preparara para o que viam. A Granja Velha do lado oeste fora demolida e seu lugar fora ocupado por fileiras de barracões alcatroados. Todas as castanheiras tinham sumido. As ribanceiras e as cercas vivas estavam despedaçadas. Grandes carroções estavam postados em desordem em um campo pisoteado e sem grama. A Rua do Bolsinho era uma pedreira escancarada de areia e cascalho. Bolsão, mais à frente, não podia ser visto devido a um grupo desordenado de várias cabanas. "Derrubaram ela!", exclamou Sam. "Derrubaram a Árvore da Festa!" Apontou o lugar onde se erguera a árvore sob a qual Bilbo fizera o seu Discurso de Despedida. Ela jazia no campo, podada e morta. Como se aquilo fosse a última gota, Sam irrompeu em lágrimas. (TOLKIEN, 2019d, p. 1445-1446)

As alterações no Condado afetaram os hobbits de tal forma que eles chegaram a comparar a situação com os domínios de Sauron. Mordor, uma terra na qual imperava o descaso, a poluição, a devastação, com o intuito de causar repulsa e medo, por vezes perturbou Frodo e Sam enquanto precisavam caminhar até o lugar de destruição do anel. Agora, observando o que

foi feito do Condado, Sam compara as duas situações, acreditando que esta última era ainda pior, pois aquilo um dia fora diferente, e estava tanto em sua memória como em suas emoções. Ele fala em **T134a**: “‘‘Isto é pior que Mordor!’’, disse Sam. ‘‘Muito pior, de certo modo. Atinge a gente, como dizem, porque é a nossa casa, e lembramos dela antes que estivesse toda arruinada’’” (TOLKIEN, 2019d, p. 1447).

Entretanto, esse não fora apenas o único mecanismo de amedrontamento. A imposição de regras mais rígidas e retirada da liberdade dos hobbits no Condado se intensificou com as punições. Cada vez que avançaram, os quatro viajantes foram descobrindo no que o seu lugar havia se tornado. O Fazendeiro Villa, um dos hobbits que queriam se impor contra tudo o que estava acontecendo, porém não tinha forças sozinho, relata como tudo começou aos quatro:

### **T125**

Tudo começou com o Pústula, como nós o chamamos" disse o Fazendeiro Villa; "e começou assim que você partiu, Sr. Frodo. Ele tinha umas ideias esquisitas, o Pústula. Parece que queria ser dono de tudo e depois mandar as outras pessoas irem e virem. Logo revelou que ele já possuía bem mais do que era bom para ele; e estava sempre agarrando mais, mas era um mistério de onde ele conseguia o dinheiro: moinhos, maltarias, estalagens, fazendas e plantações de erva-de-fumo. Parece que já tinha comprado o moinho do Ruivão antes de chegar em Bolsão."

"É claro que começou com um monte de propriedades na Quarta Sul, que vinham do seu pai; e parece que estava vendendo muito da melhor erva e mandando para longe em segredo por um ou dois anos. Mas no fim do ano passado ele começou a enviar cargas de materiais, não só de erva. As coisas começaram a ficar escassas, e o inverno vinha chegando. As pessoas ficaram furiosas, mas ele tinha resposta. Um monte de Homens, rufiões na maioria, vieram com grandes carroças, alguns para levar as mercadorias pro sul e outros para ficar. E vieram outros. E antes de sabermos onde estávamos, eles se haviam instalado aqui e ali, no Condado todo, e estavam derrubando árvores, cavando e construindo barracos e casas para si, do jeito que queriam. No começo o Pústula pagava pelos bens e pelos danos; mas logo eles começaram a bancar os senhores e a pegar o que queriam.

"Então houve alguma encrenca, mas não o bastante. O velho Will, o Prefeito, foi até Bolsão protestar, mas nem chegou lá. Os rufiões puseram as mãos nele, o levaram e o trancaram em uma toca em Grã-Cava, e ele está lá agora. E depois disso, seria logo depois do Ano Novo, não tinha mais Prefeito, e Pústula se intitulou Chefe Condestável, ou apenas Chefe, e fazia o que queria; e se alguém fosse 'presunçoso', como diziam, seguia Will. Então as coisas foram de mal a pior. Não restava mais erva-de-fumo, exceto pros Homens; e o Chefe não concordava com cerveja, exceto pros seus Homens, e fechou todas as estalagens; e tudo, a não ser as Regras, ficou cada vez mais curto, a menos que pudesse esconder um pouco do que era seu quando os rufiões faziam as rondas recolhendo material 'para distribuição justa': quer dizer, eles tinham e nós não, exceto os restos que dava pra conseguir nas Casas-de-Condestáveis, se fosse possível engolir. Tudo muito ruim. Mas depois que Charcoso chegou tem sido a ruína total." (TOLKIEN, 2019d, p. 1439-1440)

Apesar da problemática ter-se iniciado de dentro pra fora, uma força, porém adveio de fora do Condado. Charcoso, responsável pela destruição da maior parte das coisas, parecia mais forte do que Lotho, também chamado de Pústula, e tirou proveito do momento frágil do Condado. Os outros hobbits, que não estavam envolvidos com essas ações, acabaram por sucumbir às Regras por medo de serem presos ou pior. Não havia uma força até então que fosse capaz de erguer uma frente de resistência, até a chegada dos quatro viajantes com suas experiências.

### 8.3 O Despertamento dos Hobbits

Assim como os Ents, os hobbits também precisaram ser despertados. Quando os quatro hobbits chegam, muitos estão inconformados com a situação. Entretanto, por medo de piorarem ainda mais a situação, e pela pouca experiência de batalha, se veem de mãos atadas. Além disso, sabem que precisam fazer algo, mas não se sentem unidos o suficiente para isso. É o símbolo dos quatro viajantes e sua tomada de iniciativa que desperta os outros hobbits para formarem uma frente de luta contra as imposições das Pessoas Grandes. Merry e Pippim, ao se deparar com um grupo de rufiões, os ameaça e os manda deixar o seu território, declarando, pela primeira vez de forma realmente ameaçadora, que aquele território é seu e não deixará que seja invadido e destruído:

#### **T113**

Aquilo foi demais para Pippim. Seus pensamentos voltaram ao Campo de Cormallen, e ali estava um malandro vesgo chamando o Portador-do-Anel de "pequeno atrevido". Jogou a capa para trás, arrancou a espada, e o prata e o negro de Gondor reluziram nele quando se adiantou montado.

"Eu sou mensageiro do Rei", afirmou ele. "Você está falando com o amigo do Rei, um dos mais renomados em todas as terras do Oeste. Você é um rufião e um tolo. De joelhos na estrada e peça perdão, do contrário eu o atravesso com esta perdição de trols!"

A espada rebrilhou no sol poente. Merry e Sam também sacaram suas espadas e se aproximaram de Pippim; mas Frodo não se moveu. Os rufiões recuaram. Seu trabalho fora assustar camponeses da região de Bri e intimidar hobbits desnorteados. Hobbits destemidos com espadas brilhantes e rostos severos eram uma grande surpresa. E havia nas vozes daqueles recém-chegados uma nota que não tinham ouvido antes. Ela os gelava de medo.

"Vão!", disse Merry. "Se incomodarem esta aldeia outra vez, vão se arrepender." Os três hobbits avançaram, e então os rufiões se viraram e fugiram, correndo para longe da Estrada da Vila-dos-Hobbits; mas tocavam as trompas enquanto corriam. (TOLKIEN, 2019d, p. 1431)

Desse acontecimento em diante, os quatro hobbits passam a discutir sobre o que deve ser feito. Dado o que experimentaram, certamente não seria ficar apenas observando enquanto as pessoas grandes e Charcoso terminavam de consumir sua casa. Precisavam elaborar uma estratégia e levantar uma resistência, de modo que pudessem expulsar aqueles aproveitadores do seu lugar, mas como Merry relembra Frodo, em **T116a**: “Mas se houver muitos desses rufiões, retrucou Merry, ‘certamente isso significará combate. Você não vai resgatar Lotho, ou o Condado, só ficando chocado e triste, meu caro Frodo’” (TOLKIEN, 2019a, p. 1432). Não apenas a necessidade de luta, mas também a urgência:

**T117**

"Não!", respondeu Merry. "Não adianta 'abrigar-se'. É bem isso que as pessoas vêm fazendo, e bem do que gostam esses rufiões. Eles simplesmente vão nos atacar em grande número, encurralar e depois expulsar, ou aprisionar com fogo. Não, precisamos fazer alguma coisa de imediato." (TOLKIEN, 2019d, p. 1432-1433)

**T118**

"Instigar o Condado!", disse Merry. "Agora! Acordar todo o nosso povo! Eles odeiam isso tudo, está vendo: todos, exceto talvez um ou dois malandros e alguns tolos que querem ser importantes, mas não entendem nem um pouco o que realmente está acontecendo. Mas o povo do Condado esteve tão confortável por tanto tempo que não soube o que fazer. Mas só precisam de um fósforo para pegarem fogo. Os Homens do Chefe devem saber disso. Vão tentar nos pisotear e apagar depressa. Só temos bem pouco tempo." (TOLKIEN, 2019d, p. 1433)

Quando finalmente compreendem a necessidade de organizar uma resistência firme, os hobbits passam a planejar a forma como despertarão os outros. Eles se dividem, e cada um parte para uma tarefa. Após anunciar sua chegada, os quatro hobbits conseguem reunir uma boa quantidade de outros hobbits prontos para a batalha. Inclusive, muitos dos que estavam a serviço do Chefe se rebelam também e se unem à resistência:

**T121**

Quando Sam voltou, encontrou toda a aldeia em levante. Além de muitos rapazes mais jovens, já havia mais de cem hobbits robustos reunidos com machados, martelos pesados, facas compridas e bastões resistentes; e alguns tinham arcos de caça. Mais ainda estavam chegando de fazendas remotas. Alguns dos aldeões tinham feito uma grande fogueira, só para animar as coisas, e também porque era uma das coisas proibidas pelo Chefe. Ela queimava brilhante à medida que a noite chegava. Outros, por ordens de Merry, estavam montando barreiras na estrada em ambas as extremidades da aldeia. Quando os Condestáveis alcançaram a de baixo, ficaram estupefatos; mas assim que viram como as coisas estavam, a maioria tirou as penas e se juntou à revolta. Os demais escapuliram furtivamente. (TOLKIEN, 2019d, p. 1435)

A rapidez que os hobbits se juntaram à frente de resistência demonstra o quão aguardavam o momento em que alguém tomaria a liderança para que pudessem enfrentar e se livrarem das forças de Charcoso. Prontos para a batalha, os hobbits pegam tudo aquilo que acreditam que podem servir de arma, uma vez que esperam o confronto armado. Ao formar a resistência, eles se colocam como prontos para enfrentar o necessário para defender a própria existência.

#### 8.4 A Retomada do Condado

A resistência se deu início não com um ataque dos Hobbits, mas com a defesa daquilo que lhes era seu. Os hobbits se organizaram e formaram um cerco contra a primeira leva de rufiões, entretanto, não atacaram. Impuseram suas condições, e reivindicaram sua liberdade, liderados por Merry:

##### **T124a**

Merry adiantou-se. "Encontramo-nos antes," disse ele ao líder, "e eu avisei para não voltar aqui. Aviso-o de novo: vocês estão parados na luz e na mira de arqueiros. Se puserem um dedo nesse fazendeiro ou em qualquer outro, serão alvejados imediatamente. Deponha todas as armas que tiverem!" (TOLKIEN, 2019d, p. 1438)

A recusa, entretanto, fez com que fosse necessário a tomada de ação. Ao insistirem na dominação dos hobbits, iniciando um ataque ao líder, os dominadores foram rechaçados em um contra-ataque, preparado para evitar perdas de hobbits. Assim, o primeiro rufião é morto no Condado, provocando a rendição dos outros:

##### **T124c**

Com uma faca comprida na mão esquerda e um porrete na outra, investiu contra o anel, tentando rompê-lo e voltar na direção da Vila-dos-Hobbits. Dirigiu um golpe selvagem a Merry, que estava em seu caminho. Caiu morto atingido por quatro flechas.

Isto bastou para os demais. Renderam-se. Tiraram-lhes as armas, e foram juntados com cordas, e fizeram-nos marchar até uma cabana vazia que eles mesmos haviam construídos, e ali foram amarrados de mãos e pés e trancados sob guarda. O líder morto foi arrastado para longe e enterrado. (TOLKIEN, 2019d, p. 1438)

Merry havia alertado aos hobbits, anteriormente em T116a que não haveria como recuperar o Condado sem luta, justamente por saber que não lhes permitiriam sair de uma dominação sem que tentassem combater antes e coloca-los no que imaginavam que fosse o

seu lugar: de dominados. Além disso, ao demonstrarem sua força e resistência, seriam rechaçados com tudo o que possuíam. Os quatro hobbits desconheciam situações como essa no Condado, mas sua experiência em lidar com dominadores poderosos, como Saruman e o próprio Sauron, o principal antagonista da trama, aprenderam características da dominação, como o próprio Merry reconhece em T118.

Em consequente, sabendo que os rufiões não parariam diante do primeiro contra-ataque, já estavam se preparando para um novo ataque. Pippim se encaminharam para Tuqueburgo, com o objetivo de reunir mais hobbits, enquanto o restante se planejava para mais um ataque. Quando este veio, porém, a atitude tomada pelos hobbits foi de igual forma no primeiro. Impuseram suas condições, de modo a não haver morte, porém foram atacados mesmo assim, tendo que responder em um contra-ataque, como está nos trechos a seguir:

#### **T128**

"Bem, vocês andaram para dentro de uma armadilha", disse Merry. "Seus camaradas da Vila-dos-Hobbits fizeram a mesma coisa, e um deles está morto, e os outros estão prisioneiros. Deponham as armas! Depois recuem vinte passos e sentem-se. Quem tentar escapar será alvejado." (TOLKIEN, 2019d, p. 1444)

#### **T129**

Mas os rufiões já não podiam ser intimidados tão facilmente. Alguns deles obedeceram, mas de imediato foram atizados pelos companheiros. Uma vintena ou mais correu para trás e atacou as carroças. Seis foram alvejados, mas os demais irromperam, matando dois hobbits e espalhando-se depois pelo terreno, na direção de Ponta do Bosque. Mais dois tombaram ao correr. Merry deu um toque alto de trompa, e outros toques responderam de longe.

"Não irão longe", disse Pippim. "Toda essa região já está fervilhando com os nossos caçadores."

Lá atrás, os Homens apanhados na estrada, ainda cerca de quatro vintenas, tentavam escalar a barreira e as ribanceiras, e os hobbits foram obrigados a atirar em muitos deles ou golpeá-los com machados. Mas muitos dos mais fortes e desesperados saíram pelo lado oeste e atacaram os inimigos com ferocidade, agora com mais intenção de matar do que fugir. Vários hobbits tombaram, e os demais estavam hesitantes, quando Merry e Pippim, que estavam do lado leste, atravessaram e atacaram os rufiões. O próprio Merry matou o líder, um grande brutamonte vesgo e semelhante a um enorme orc. Então, recolheu sua gente, cercando os últimos remanescentes dos Homens com um largo anel de arqueiros.

Finalmente estava tudo terminado. Quase setenta rufiões jaziam mortos no campo e uma dúzia fora aprisionada. (TOLKIEN, 2019d, p. 1444)

Durante a batalha, Frodo desempenhou um papel muito importante. Ao invés de sacar a sua espada e partir para a batalha, ficou monitorando e tomando cuidado para que os hobbits não atacassem apenas pelo ódio, mas se mantivessem firmes em apenas se defender e defender

o Condado. Assim, Frodo evitou muitas mortes, inclusive motivadas pelo ódio. Ele cuidou para a Batalha de Beirágua fosse um ato de resistência e não de ódio, no trecho **T131**:

“Frodo estivera na batalha, mas não sacara a espada e seu principal papel fora evitar que os hobbits, enraivecidos por suas perdas, matassem aqueles dentre os inimigos que depusessem as armas” (TOLKIEN, 2019d, p.1445).

A formação de uma resistência foi muito importante para a retomada do Condado. Tão importante que fora registrada na história, para que não se esqueça do que aconteceu. A história, passa a ser uma ferramenta para os hobbits, para que se recordem e não se permitam ser dominados novamente. Ao todo, 19 hobbits foram mortos apenas durante a resistência, e ao que se sabe, um deles foi morto, a saber Lotho também chamado de Pústula, não por outros hobbits, mas pelos invasores. Segue o trecho de registro da Batalha de Beirágua:

### **T130**

Dezenove hobbits foram mortos e cerca de trinta ficaram feridos. Os rufiões mortos foram carregados em carroças, levados para uma antiga cova de areia e enterrados lá: na Cova da Batalha, como se chamou depois. Os hobbits tombados foram sepultados juntos em um túmulo na encosta da colina, onde mais tarde erigiram uma grande pedra com um jardim em volta. Assim terminou a Batalha de Beirágua, em 1419, a última batalha travada no Condado e a única desde os Verdescampos, em 1147, lá longe na Quarta Norte. Como consequência, apesar de felizmente ter custado muito poucas vidas, ela tem seu próprio capítulo no Livro Vermelho, e os nomes de todos os que participaram entraram em um Rol e foram aprendidos de cor pelos historiadores do Condado. O muito considerável incremento de fama e fortuna dos Villas data dessa época; mas no topo do Rol, em todos os relatos, constam os nomes dos Capitães Meriadoc e Peregrin.

Apesar da batalha finalizada, era necessário reparar o Condado. Assim, a resistência além de consistir no enfrentamento do domínio e opressão, implica também na reparação de erros. Quando Sam fala que não há como considerar que estava tudo terminado, ele falava a respeito dos danos causados pela opressão, que continuariam por traumatizar os hobbits ao longo dos anos. Desfazer os males causados, como diria Sam no trecho **T135**, “(...) vai exigir um monte de tempo e trabalho” (TOLKIEN, 2019d, p. 1451).

## 8.5 Crise Ambiental, Resistência e Reparo

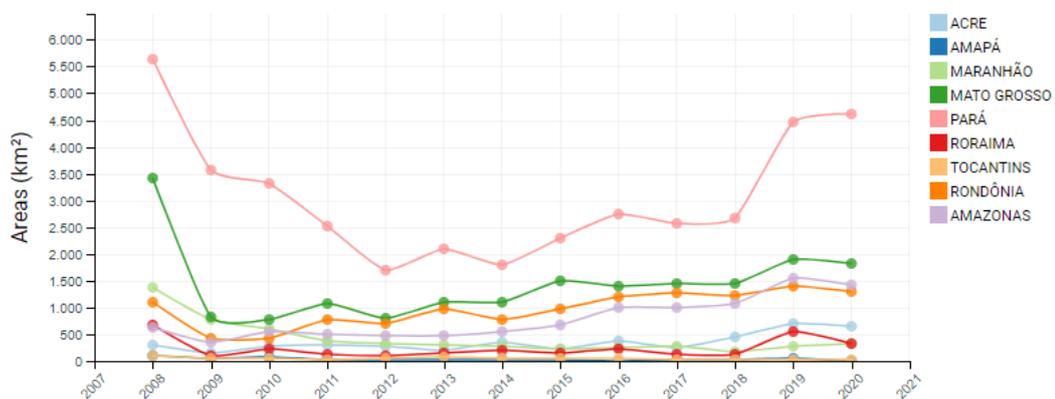
A crise ambiental sobre a qual discorri anteriormente causa diversos impactos. A maioria deles longe de ser reparada com soluções simplistas. No Condado, apesar de todo o mal causado, os hobbits conseguiram unir-se para que o seu lugar se tornasse ao menos parecido com o que fora antes. Vários danos foram causados, incluindo a morte de alguns. Entretanto,

com o esforço e empenho, a restauração do lugar foi, pouco a pouco, conduzida e finalizada, como é relatado no capítulo seguinte: Os Portos Cinzentos. No Brasil, entretanto, no qual existem diversos interesses, as políticas ambientais são, frequentemente negligenciadas, como ocorre no período do governo Bolsonaro, denunciado por Renata Libonati *et. al*, (2020) e ressaltado anteriormente.

É provável que, após a mudança de estratégia política no que diz respeito às questões ambientais, seja possível uma redução da devastação que se prossegue, sem freios, aos ecossistemas brasileiros. Todavia, é possível reparar aquilo que foi perdido? Como relatado por Libonati *et. al* (2020), as espécies perdidas, os territórios indígenas e parte das reservas ambientais que existiam no território queimado do Pantanal talvez tenham se perdido para sempre. Não se pode mensurar o valor do prejuízo causado, tanto com a devastação dos biomas brasileiros por afrouxamento das leis, bem como dos que serão provocados a partir da aprovação dos PL 490 e 510.

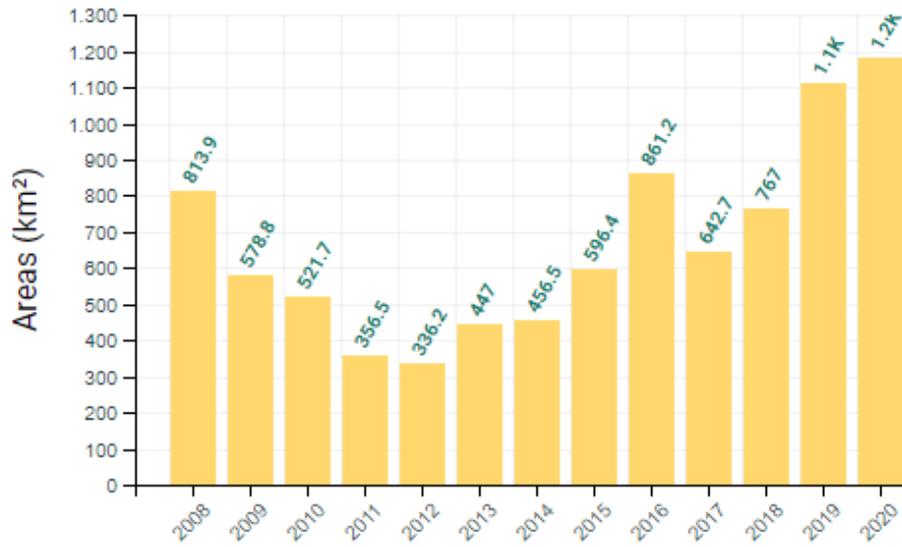
No Condado, o empenho coletivo dos hobbits foi capaz de trazer uma nova era para o lugar. Para o Brasil, é necessário refletirmos, nos debruçarmos sobre dados e estatísticas para prever se, ao menos, a devastação será parada ou terá sua progressão diminuída. Como um sistema democrático, caberá aos políticos futuros, seus interesses, e a conscientização e pressão popular para que seja possível avaliar um futuro promissor. O que se pode dizer é, que sem nenhuma intervenção, a problemática ambiental tende a piorar: conforme os dados de desmatamento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (2021), não apenas a taxa de desmatamento na Amazônia Legal a aumentar, como também se concentraram, nos últimos dois anos, no estado do Pará, estado que detém grande parte do bioma no território brasileiro, associado também ao aumento em Unidades de Conservação, como demonstram as figuras 7 e 8:

**Figura 7:** Aumento do desmatamento na Amazônia Legal desde 2007 por Estados.



Fonte: INPE (2021)

**Figura 8:** Aumento do desmatamento na Amazônia Legal desde 2007 por Unidades de Conservação.



Fonte: INPE (2021)

Com a tendência ao aumento do desmatamento, as políticas contra o meio ambiente podem aumentar ainda mais as perdas climáticas. Conforme o estudo publicado no mês de julho pela pesquisadora Luciana Gatti *et. al.*, (2021), parte da floresta amazônica já emite mais carbono do que assimila pela fotossíntese. De acordo com os pesquisadores do INPE, as mudanças climáticas aliadas ao desmatamento e queimadas na Amazônia tem contribuído para um aumento na emissão de gás carbônico superior a taxa de assimilação do mesmo gás. Esse é um fator preocupante, visto que se encaminha para alterações que serão difíceis de reverter sem políticas ambientais mais rígidas. Como diria Sam, exigirá bastante tempo e trabalho (TOLKIEN, 2019d).

Por fim, no capítulo seguinte, o esforço dos hobbits é recompensado. O Condado retorna a florescer, a dinâmica se reestrutura e a tranquilidade impera novamente, se tornando um lugar tão belo que outros povos passam a conhece-lo, se tornando uma espécie de ponto turístico para toda a Terra-média. Tomando como exemplo a atitude dos hobbits, ainda é possível reparar os erros, mas primeiro, é necessário um despertar do povo brasileiro, apesar de parte dele estar desperto e nas ruas, em resistência, lutando pela própria existência.

## 9 DIÁRIO VII – NOTAS DA TERRA-MÉDIA: DISTRITOS & BIOMAS

Diante dos resultados analisados, cheguei a conclusão por meio do método a qual empreguei que a Relação Humano – Mundo Natural na Obra O Senhor dos Anéis, e consequentemente, na Terra-média durante o período da Guerra do Anel se dá por meio de três elementos: Pertencimento, Despertamento e Resistência. O Pertencimento, caracterizado pela Identificação, Preservação e Isolamento, se demonstra, principalmente, pela relação dos elfos com Lothlórien, sendo a sua relação parecida com a relação com Chico Lucas e o Piató, se enfatizando a partir da leitura da natureza (SILVA, 2016). Entretanto, o Pertencimento não é evidenciado apenas no capítulo Lothlórien, mas demonstrado em diversos capítulos dos livros, incluindo os outros dois capítulos investigados. Em Barbárvore, o sentimento de Pertencimento também aparece nos Ents, quando avaliam os danos causados à Fangorn e despertam para a ação. Do mesmo modo, também aparece em O Expurgo do Condado, quando os hobbits chegam ao lugar que deixaram há um ano e o observam completamente diferentes do que era, se levantando em uma forte resistência para romper com o domínio de Saruman.

O Despertamento, por sua vez, foi tratado nessa pesquisa como um elemento muito forte em Barbárvore, com suas três subcategorias: A Profundidade e Complexidade da floresta, A Problemática Ambiental em Fangorn e o Despertamento dos Ents. Essas três características também são relacionadas com o mundo primário, As Demarcações de Territórios Indígenas e dois projetos de Lei que estão em discussão pelo poder legislativo brasileiro que traz uma ameaça ainda maior, uma vez que, de forma legal, poderá ocasionar na extinção de povos e culturas. Mas, da mesma forma que O Pertencimento não aparece apenas em um capítulo, o Despertamento também não, aparecendo principalmente no Expurgo do Condado e em outros diversos capítulos da trama.

Já a resistência é bem característica do Expurgo do Condado, aparecendo em alguns outros capítulos, principalmente nos que tratam das batalhas que ocorreram durante a Guerra do Anel. Entretanto, existir também é um ato de resistência quando se há um domínio iminente, o confisco da liberdade e o genocídio de todo um povo. Assim, tanto os Elfos de Lothlórien, os Ents de Fangorn e os hobbits no Condado se mantêm firmes, resistindo ao máximo que conseguem. No capítulo analisado, porém, A Resistência se tece a partir de três fios: A Opressão, o Despertamento e a Retomada.

Esses três elementos se aparentam com a Relação Humano-Mundo Natural dos Intelectuais da Tradição (ALMEIDA, 2016), apesar de existirem diversos aspectos dessa relação, conforme Chico Lucas e Vandana Shiva concordam, (2016; 2003), a relação com o

meio ambiente é diferente entre os povos tradicionais e a cultura ocidental (SHIVA, 2001). Tal diferença pode ser fruto também da fragmentação das ciências, que se tornaram cada vez mais específicas, tornando a compreensão da natureza também fragmentada e retirando o ser humano de dentro dela (PRIGOGINE, STENGERS, 1991; CARVALHO, 1992; NICOLESCU, 1995; CAPRA, 2012). Em contrapartida, a visão mais integrada dos saberes, trazida pelos intelectuais da tradição, aparentam ter uma compreensão complexa da própria existência, bem como do mundo ao seu redor. Como propõe o professor Thiago Severo (2013), uma visão a olho nu dos saberes, a partir da teia complexa do pensamento, para uma compreensão diferente da Natureza.

De todo modo, não se deve esquecer da importância da fragmentação das ciências, pois esta foi necessária para ao avanço em cada uma de suas especialidades. O estudo da geografia, da ecologia, da biologia, química, física e todas as outras disciplinas trouxeram novos conhecimentos que auxiliam na elucidação do que é o mundo natural, bem como das relações que existem nele. Entretanto, é preciso compreender que esses conhecimentos se interligam uns aos outros, e que é necessário uma percepção complexa do que ele é, porque ele mesmo é complexo (MORIN, 2000).

Dessa forma, como que uma obra da literatura pode ser integrada ao ensino de ciências? Quais as reflexões a partir da leitura e imersão em um universo fantástico, especificamente a Terra-média, objeto desta pesquisa? A Literatura, assim como toda forma de arte, é uma expressão do pensamento humano, bem como a ciência. A Arte é produzida e consumida o tempo todo, e traz novas perspectivas do universo ao qual estamos ligados. A Terra-média, especificamente, é uma criação de um autor específico, que teve suas experiências e retrata, em sua criação, parte delas, como as vê e um pouco da realidade que conheceu. A Arte permeia a formação do humano, e se integra com os outros conhecimentos, porque o pensamento é complexo.

Respondendo aos dois questionamentos, primeiro, ao se integrar com as ciências, se integra também com o Ensino de Ciências. A Literatura Fantástica traz um novo olhar, como um operador cognitivo, para se pensar e discutir ciências, desde situações em que se visa explicar um fenômeno fantástico no mundo natural até mesmo trazer para a sala discussões acerca da Relação Humano-Mundo Natural a partir de acontecimentos em uma trama. Em segundo lugar, as reflexões trazidas a partir da imersão e emersão na Terra-média é acerca da relação existente e os posicionamentos tomados por nós, humanos. Ao discutir-se os elementos dessa relação com as diversas raças existentes na Terra-média durante o período em que a trama se passa, comparei esses elementos junto a fenômenos reais, como a existência dos intelectuais da tradição, o ataque aos territórios demarcados indígenas e a reversibilidade dos danos

ambientais causados no Brasil, é possível trazer discussões e reflexões em sala de aula a partir desses elementos.

Somado a isso, desenvolvi um jogo de RPG denominado Distritos & Biomas, cujo o objetivo é imergir seus jogadores em uma situação que perpassasse por esses três elementos. Em uma narrativa interativa, que decorre em três capítulos, os jogadores conhecerão um povo e sua cultura, observarão uma problemática ambiental e serão instigados a tomar uma atitude de resistência. A diferença do RPG para outros jogos, é a capacidade de liberdade de ação dos jogadores, que ao interpretar seus personagens, podem fazer praticamente tudo dentro dos limites do cenário proposto. Sendo assim, a partir da análise dos elementos que tecem a Relação com o Mundo Natural em O Senhor dos Anéis, como produto educacional da pesquisa, elaborei uma estratégia para discussão dessa temática em sala de aula.

Por fim, as possibilidades de se discutir Arte e Ciência por meio da Obra O Senhor dos Anéis são inúmeras, e trago apenas uma delas em uma breve análise, a partir dos referenciais percorridos ao longo do texto. Compreendo que este estudo possui suas limitações, uma vez que a estratégia proposta não fora testada por causa das mudanças bruscas nas atividades escolares em decorrência da pandemia. Entretanto, acredito que a partir desse estudo seja possível inspirar outros professores a relacionar essas duas linguagens dentro da sala de aula, principalmente na temática ambiental, que tem sido um tema muito relevante e de caráter transversal.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. *In*: SILVA, Francisco Lucas da. **Um Sábio na Natureza**. Natal: Editora IFRN, 2016.
- AVATAR. Direção: James Cameron. Produção de Lightstorm Entertainment e Dune Entertainment. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2009. 1 DVD.
- BACHELARD, Gastón. **A Formação do Espírito Científico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gastón. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 2º ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BIZZO, Nélio. Um pouco de História Brasileira das Ciências Biológicas no Brasil. *In*: MEC (Ed.). **Orientações Curriculares do Ensino Médio**. BRASIL: MEC/SEB, 2004. p. 148-169. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/07Biologia.pdf>. Acesso em: 30 de julho de 2019.
- BOMFIM, Marcela Rebouças. **Avaliação de Impactos Ambientais da Atividade Minerária**. Cruz das Armas, BA: UFRB, 2017.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 1 de agosto de 2021
- BRASIL. [Estatuto do Índio (1973)]. **Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973**. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Brasília: Presidência da República, 1973. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm). Acesso em: 01 de agosto de 2021.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 490, de 2007**. Altera a Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, que dispõe sobre o Estatuto do Índio. Brasília: Câmara dos Deputados, 2007. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=345311>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 510, de 2021**. Altera a Lei nº 11.952, de 25 de junho de 2009, que dispõe sobre a regularização fundiária das ocupações incidentes em terras situadas em áreas da União e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2021. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/146639>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 23 de março de 2020.
- CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos**. Tradução de Newton Eicheberg. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação: A Ciência, A Sociedade e A Cultura Emergente**. Tradução de Álvaro Cabral. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien – Uma Biografia**. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse. 1. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

CARVALHO, Edgar de Assis. Ecologia do Conhecimento: Uma nova paradigmologia. **Perspectivas**, v. 15, n. 1, p. 95-105, 1992.

COSMOS. Direção: Adrian Malone. Produção de KCET e Carl Sagan Productions. Estados Unidos: PBS, 1980. 1 DVD.

CRUZ, Dalcy da Silva. A arte, princípio organizador do mundo. In: Almeida, Maria da Conceição de, Margarida Maria Knoobe, e Angela Maria de Almeida. **Polifônicas ideias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

CYRULNIK, Boris. **De Corpo e Alma – a conquista do bem estar**. Tradução de Cláudia Berliner. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FRACALANZA, Dorotéia Cuevas. **Crise ambiental e ensino de ecologia: o conflito na relação homem - mundo natural**. 1992. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FUNDAÇÃO SOS AMAZÔNIA, *et al.* [Carta aberta ao Brasil]. 2021. Disponível em: [https://www.greenpeace.org.br/hubfs/OC\\_Posicionamento\\_RegularizacaoFundiaria\\_abril21.pdf](https://www.greenpeace.org.br/hubfs/OC_Posicionamento_RegularizacaoFundiaria_abril21.pdf). Acesso em 01 de agosto de 2021.

GATTI, Luciana V. *et al.* Amazonia as a carbon source linked to deforestation and climate change. **Nature**, v. 595, n. 7867, p. 388-393, 2021.

GIDDENS, Anthonv. Modernidade e identidade. **Estudos de Sociologia. Rev. do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 9, n. 2, p. 119-122, 2002.

INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. PRODES (desmatamento), 2021. Disponível em: [http://terrabilis.dpi.inpe.br/app/dashboard/deforestation/biomes/legal\\_amazon/increments](http://terrabilis.dpi.inpe.br/app/dashboard/deforestation/biomes/legal_amazon/increments). Acesso em: 29 de julho de 2021.

KRASILCHIK, Myriam. Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, p. 85–93, 2000.

LA VALEROSA (Blog). **The Golden Wood**, 2014. Disponível em: <https://lavalerosa.com/2014/11/06/the-goldenwood/>. Acesso em 30 de março de 2020.

LAVILLE, Christian.; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIBONATI, R. et al. Twenty-first century droughts have not increasingly exacerbated fire season severity in the Brazilian Amazon. **Scientific reports**, v. 11, n. 1, p. 1-13, 2021.

MELO, Evaneide Maria de; NASCIMENTO, Francijonison Custódio do. J. R. R. TOLKIEN, O Homem Das Vinte e Quatro Horas: Ciência e Imaginação. **Inter-legere, revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN**, v. 1, n. 17, p. 180-196, 2015.

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem feita**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. Tradução de Catarina Eleonora da Silva e Jeanne Sawaya. Brasília: Cortez Editora, 2000.

NICOLESCU, Barsarab. **Manifesto da Transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.

OST, François. **A Natureza à Margem da Lei: a ecologia à prova do direito**. 1. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

NOGUEIRA, Mayara Larrys Gomes de Assis. **Diálogos entre ciências e ficção científica: uma estratégia para discutir ética científica baseada na teoria da objetivação**. 2019. 210f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A Nova Aliança: a metamorfose da ciência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

SAGAN, Carl. **O Mundo Assombrado pelos Demônios**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

SEVERO, Thiago Emmanuel Araújo. **A Experiência como Ordenação da Realidade: uma estratégia orgânica para a educação científica**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SEVERO, Thiago Emmanuel Araújo. **Compreensão da Natureza e Formação do Biólogo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SEVERO, Thiago Emmanuel Araújo. Sobre a Noção de Onivoria das Ideias – Experiências de um Músico Professor de Ciências. **Paradigma**, v. 39, n. 2, p. 175-189, 2018.

SHIVA, Vandana. **Biopirataria: A Pilhagem da Natureza e do Conhecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente. Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Francisco Lucas da. **Um Sábio na Natureza**. Natal: Editora IFRN. 2016.

THE WORLD BANK. World Development Indicators. The World Bank, 2018. Acesso em 10 de abril de 2020. Disponível em: <https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/>.

TODOROV, Tzvetan. **Introduction a Literature Fanstastique**. 1. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **A História de Kullervo**. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Árvore e folha**. Tradução de Reinaldo José Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2020.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Ferreiro de Bosque Grande**. 1. ed.. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Hobbit**. Tradução de Reinaldo José Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2019a.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2019b.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2019c.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. Tradução de Ronald Kyrmse: HarperCollins, 2019d.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Silmarillion**. Tradução de Wladéa Barcelos. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WHITE, Michael. **J. R. R. Tolkien: o senhor da Fantasia**. Tradução de Bruno Dorigatti. Rio de Janeiro: Dark Side Books, 2013.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A** – Trechos analisados dispostos integralmente que construíram o Diário IV –  
Notas da Terra-média: O Pertencimento dos Elfos

<b>Capítulo Lothlórien: Trechos T1 a T34b</b>				
<b>Página</b>	<b>Linha</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Trecho</b>	<b>Citação</b>
474- 475	31	Preservação / Identificação	T1	"Vem comigo, Frodo!", exclamou o anão, saltando da estrada. "Não gostaria que te fosses sem ver Kheled-zâram." Desceu correndo a longa encosta verde. Frodo seguiu devagar, atraído pela água ainda azul, a despeito da dor e da exaustão; Sam veio atrás. Ao lado da pedra fincada Gimli parou e ergueu os olhos. Ela estava rachada e gasta pela intempérie, e as runas apagadas em seu flanco não podiam ser lidas. "Este pilar marca o local onde Durin olhou pela primeira vez no Espelhágua", disse o anão. "Olhemos nós uma vez, antes de partirmos.!" Inclinar-se sobre a água escura. De início nada puderam ver. Depois, lentamente, viram as formas das montanhas circundantes espelhadas em um azul profundo, e os picos eram como penachos de chama branca acima deles; além delas havia um espaço de céu. Ali, como joias submersas no abismo, resplandeciam estrelas reluzentes, apesar de o sol brilhar lá em cima no céu. De seus próprios vultos curvados não se via nem sombra. "Ó Kheled-zâram, belo e maravilhoso!", disse Gimli. "Ali jaz a Coroa de Durin até que ele desperte. Adeus!" Fez uma mesura, virou-se e subiu às pressas pelo gramado até a estrada.
475 - 476	33	Identificação	T2	"Ali ficam as florestas de Lothlórien!", disse Legolas. "É a mais bela dentre todas as moradas de meu povo. Não há árvores como as árvores dessa terra. Pois no outono suas folhas não caem, mas se transformam em ouro. Só caem quando vem a primavera e o verde de novo se abre, e então os ramos ficam carregados de flores amarelas; e o chão da floresta é dourado, e dourado é o teto, e suas colunas são de prata, pois a casca das árvores é lisa e cinzenta. Assim dizem ainda nossas canções em Trevemata. Meu coração se alegraria se eu estivesse sob o beiral dessa floresta e fosse primavera!"
477 e 478	12; 8	Identificação	T3	Abriu a bolsa e tirou algumas folhas murchas. "Estão secas, e parte de sua virtude se foi," disse ele, "mas aqui ainda tenho algumas folhas de <i>athelas</i> que colhi perto do Topo-do-Vento.

				<p>Esmague uma na água e lave a ferida, e eu vou enfaixá-la. Agora é sua vez, Frodo!"</p> <p>Enquanto os demais aprontavam a comida, Aragorn banhou as feridas com água em que fora embebida de <i>athelas</i>. A fragrância pungente preencheu o pequeno vale, e todos que se inclinavam sobre a água fumegante sentiam-se refeitos e fortalecidos. Logo Frodo sentiu que a dor o abandonava, e a respiração ficava mais fácil: porém ficou rígido e sensível ao toque por muitos dias.</p>
479	28	Identificação	T4	"Lothlórien!", exclamou Legolas. "Lothlórien! Chegamos ao beiral da Floresta Dourada. É pena que seja inverno!"
480	3	Isolamento	T5	"Muito tempo faz que alguém de meu próprio povo viajou para cá, de volta à terra de onde nos afastamos em eras passadas," comentou Legolas, "mas ouvimos que Lórien ainda não está deserta, pois aqui há um poder secreto que afasta o mal da terra. Ainda assim, seu povo raramente se vê, e quem sabe habitem agora na profundidade das matas, longe da borda setentrional. " Deveras habitam na profundidade da mata", disse Aragorn, e suspirou como se uma lembrança tivesse atizado dentro dele.
480	21	Isolamento / Preservação	T6	"E agora precisamos entrar na Floresta Dourada, tu dizes. Mas dessa terra perigosa ouvimos falar em Gondor, e dizem que dentre os entram poucos saem; e desses poucos nenhum escapou ileso." "Não digas <i>ileso</i> , mas se disseres <i>inalterado</i> talvez fales a verdade", disse Aragorn. "Mas o saber mingua em Gondor, Boromir, se na cidade dos que outrora foram sábios agora se fala mal de Lothlórien."
481	7	Identificação	T7	"Eis o Nimrodel!", disse Legolas. "Sobre este riacho, os Elfos Silvestres fizeram muitas canções tempos atrás, e ainda as cantamos no Norte, recordando o arco-íris em suas cascatas e as flores douradas que flutuavam na espuma. Agora está tudo escuro, e a Ponte do Nimrodel está derrubada. Vou banhar meus pés, pois dizem que a água cura os exaustos." Avançou, desceu pela margem escarpada e pôs os pés no riacho. "Segui-me!", exclamou. "A água não é funda. Vamos passar o vau! Na margem oposta podemos repousar, e o som da água caindo poderá nos trazer o sono e o esquecimento do pesar." Um a um, desceram e seguiram Legolas. Por um momento, Frodo parou

				na margem e deixou a água correr sobre os seus pés cansados. Era fria, mas seu toque era limpo e, à medida que prosseguiu e ela lhe subiu aos joelhos, sentiu que a nódoa da viagem e toda a exaustão eram lavadas de seus membros."
481	30	Identificação	T8	Quando toda a Comitiva tinha atravessado, sentaram-se e descansaram, e comeram algum alimento; e Legolas lhes contou histórias de Lothlórien que os Elfos de Trevamata ainda mantinham no coração, da luz do sol e das estrelas nos prados junto ao Grande Rio, antes que o mundo ficasse cinzento.
481	30	Identificação	T9	"Ouves a voz de Nimrodel?", perguntou Legolas. "Cantar-vos-ei uma canção da donzela Nimrodel, que levava o mesmo nome do riacho junto do qual vivia muito tempo atrás. É uma bela canção em nossa língua da floresta; mas é assim que soa na fala westron, como alguns a cantam agora em Valfenda." Em voz suave, que mal se ouvia em meio ao farfalhar das folhas acima deles, ele começou:
482-483	1; 1	Identificação	T10	<i>Donzela élfica houve outrora Qual astro de dia armado: Ouro seu alvo manto decora E prata o seu calçado</i>  <i>Estrela leva à frente atada Luz nos cabelos tem, Qual sol na áurea ramada Na bela Lórien.</i>  <i>Tem longos cachos, mãos de neve Livres caminhas trilha; No vento a passear tão leve Qual folha de uma tília.</i>  <i>Na cachoeira de Nimrodel, De clara água corrente, Qual prata caía o canto seu No belo lago luzente.</i>

			<p><i>Ignora-se onde anda agora, Se à sombra ou sol desceu; Pois Nimrodel se foi embora, Nos montes se perdeu.</i></p> <p><i>A nau dos Elfos em porto gris Na costa abrigada Por muitos dias notícias quis Esperando sua chegada.</i></p> <p><i>À noite um vento das terras do Norte Rugindo se levantou, A nau tomando de tal sorte Que da praia a afastou.</i></p> <p><i>A terra sumira ao romper da aurora, E cinzentas as montanhas; Por trás das ondas iam-se embora Para além de espumas tamanhas.</i></p> <p><i>Amroth contempla a costa ao léu E a vaga longe o arrasta, Amaldiçoando a nau infiel Que de Nimrodel o afasta.</i></p> <p><i>Rei-élfico de outrora era, Senhor de vale e mata, Sob ramos d'ouro que a primavera Em Lothlórien desata.</i></p> <p><i>Do leme o viram saltando ao mar, Qual flecha deixando o arco, Na água profunda a mergulhar, Gaiivota voando do barco.</i></p> <p><i>Cabelo ao vento, triste sorte,</i></p>
--	--	--	--

				<p><i>Em torno clara espuma; Já longe o viam, belo e forte, Qual cisne a terra ruma.</i></p> <p><i>Do Oeste não veio voz propícia; Na Costa de Cá, no cais, Os Elfos não ouviram notícia De Amroth nunca mais.</i></p>
483	24	Identificação / Isolamento / Preservação	T11	<p>A voz de Legolas vacilou, e a canção cessou. "Não posso cantar mais", afirmou ele. "Esta é somente uma parte, pois esqueci muita coisa. É longa e triste, pois conta como o pesar acometeu Lothlórien, Lórien da Flor, quando os Anãos despertaram o mal nas montanhas." "Mas os anãos não fizeram o mal", disse Gimli. "Eu não disse isso; porém o mal veio", respondeu Legolas com tristeza. "Então muitos dos Elfos da gente de Nimrodel deixaram suas moradas e partiram, e ela se perdeu longe no Sul, nos passos das Montanhas Brancas; e não chegou ao navio onde Amroth, seu amante, a aguardava."</p>
484	5	Identificação	T12	<p>"Contam que ela tinha uma casa construída nos ramos de uma árvore que crescia junto às cascatas; pois era esse o costume dos Elfos de Lórien, habitar nas árvores, e quem sabe ainda seja assim. Por isso eram chamados de Galadhrim, o Povodas-árvores. Na profundeza de sua floresta as árvores são muito grandes. O povo das matas não escavava o solo como os Anãos, nem construía fortificações de pedra antes que viesse a Sombra."</p>
484	29	Identificação	T13	<p>"Vou escalar", disse Legolas. "Entre as árvores estou em casa, por raiz ou ramo, apesar de serem de uma espécie que me é estranha, exceto como nome nas canções. <i>Mellyrn</i> elas se chamam, e são as que dão a flor amarela, mas jamais escalei uma. Agora verei qual é sua forma e modo de crescer"</p>
485	7	Isolamento	T14	<p>"Daro!", disse ela em tom de comando, e Legolas deixou-se cair de volta ao solo, surpreso</p>
485	13	Isolamento	T15	<p>Frodo pouco conseguiu entender do que foi dito, pois a fala que o povo silvestre a leste das montanhas usava entre si era diverso daquele do Oeste</p>
485	22	Identificação	T16	<p>Ouviram minha voz do outro lado do Nimrodel e souberam que eu era de sua gente do Norte, e por</p>

				isso não impediram que atravessássemos; e depois ouviram minha canção.
486	16	Isolamento	T17	"Bem-vindo!", repetiu então o Elfo na língua comum, falando devagar. "Raramente usamos outra língua que não é nossa, pois agora habitamos no coração da floresta, e não lidamos de bom grado com qualquer outro povo. Mesmo nossa própria gente no Norte está apartada de nós. Mas há alguns dentre nós que ainda deixam nossa terra para saber de notícias e vigiar nossos inimigos, e eles falam os idiomas de outras terras. Eu sou um deles. Haldir é meu nome. Meus irmãos, Rúmil e Orohin, pouco falam de vossa língua."
487	2	Isolamento	T18	"Um Anão!", disse Haldir. "Isso não está bem. Não lidamos com os Anãos desde os dias sombrios. Não lhes permitiremos entrar em nossa terra. Não posso consentir que ele passe."
488	7	Identificação / Preservação	T19	O eirado não lhes agradava nem um pouco como dormitório. Não tinha paredes, nem mesmo corrimão; só de um lado havia uma leve tela trançada, que podia ser movida e fixada em diferentes lugares conforme o vento.
489	34	Preservação	T20	Passou uma forte companhia de Orcs. Atravessaram o Nimrodel - malditos pés imundos na água limpa! - e seguiram descendo pela velha estrada ao lado do rio. Parecia que seguiam algum faro, e esquadrinharam o chão por algum tempo junto ao lugar que tinheis parado. Nós três não podíamos desafiar uma centena, por isso fomos em frente e falamos com vozes fingidas, conduzindo-os para dentro da floresta.
490	10	Preservação	T21	O dia chegou pálido do Leste. A luz, à medida que aumentava, era filtrada pelas folhas amarelas do mallorn, e aos hobbits parecia que brilhava o sol precoce de uma fresca manhã de verão. O céu azul-claro espiava por entre os galhos em movimento. Olhando por uma abertura do lado sul do eirado, Frodo viu todo o vale do Veio-de-Prata estendendo-se como um mar de outro não cultivado ondulando de leve na brisa.
490	17	Identificação	T22	A manhã ainda era jovem e fria quando a Comitiva partiu outra vez, agora guiada por Haldir e seu irmão Rúmil. "Adeus, doce Nimrodel!", exclamou Legolas. Frodo olhou para trás e vislumbrou um lampejo de espuma branca entre os caules cinzentos das árvores. "Adeus", disse ele. Parecia-lhe que nunca mais ouviria uma água corrente tão

				bela, sempre mesclando suas incontáveis notas numa música infinda e variegada.
491	1	Identificação / Preservação / Isolamento	T23	"O Celebrant já é um rio vigoroso aqui, como vedes," comentou Haldir, "e corre ao mesmo tempo veloz e fundo, e é muito frio. Não pomos os pés nele tanto ao norte, a não ser que precisemos. Mas nestes dias de vigilância, não fazemos pontes. É assim que atravessamos! Segui-me!" Prendeu sua ponta da corda em torno de outra árvore, como se estivesse numa estrada.
491-492	32; 1	Isolamento	T24	"Agora, amigos," disse Haldir, "entrastes no Naith de Lórien, ou no Gomo, como poderíeis dizer, pois é a terra que fica como uma ponta de lança entre os braços do Veio-de-Prata e de Anduin, o Grande. Não permitimos que estrangeiros espionem os segredos do Naith. A poucos deveras é mesmo permitido pôr os pés ali." "Como combinamos, aqui hei de vender os olhos de Gimli, o Anão. Os demais podem andar livres por algum tempo, até que nos aproximemos mais de nossas moradas lá embaixo em Egladil, no Ângulo entre as águas."
493	13	Isolamento / Preservação	T25	"Pode parecer loucura", disse Haldir. "Deveras o poder do Senhor Sombrio em nada se mostra mais claramente que na desavença que divide a todos que ainda se lhe opõem. Porém agora encontramos tão pouca fé e confiança no mundo além de Lothlórien, exceto talvez em Valfenda, que não ousamos pôr nossa terra em perigo por nossa própria confiança. Vivemos agora em uma ilha em meio a muitos perigos, e nossas mãos mais frequentemente pegam a corda do arco que a harpa. "Os rios nos defenderam por muito tempo, porém não são mais proteção segura; pois a Sombra se esgueirou rumo ao norte em toda a nossa volta. Alguns falam em partir, mas já parece demasiado tarde para isso. As montanhas a oeste tornam-se malignas, a leste as terras são ermas e repletas de criaturas de Sauron; e há boatos de que agora não podemos passar a salvo rumo ao sul através de Rohan, e que as fozes do Grande Rio são vigiadas pelo Inimigo. Mesmo que conseguíssemos chegar às praias do Mar, não encontraríamos mais abrigo ali. Diz-se que ainda existem portos dos Altos Elfos, mas ficam muito ao norte e oeste, além da terra dos Pequenos. Mas onde pode ser isso, por muito que o saibam o Senhor e a Senhora, eu não o sei."

494	11	Identificação / Isolamento / Preservação	T26	"Há alguns dentre nós que cantam que a Sombra recuará, e a paz há de vir de novo. Porém não creio que o mundo ao nosso redor volte outra vez a ser como foi outrora, ou a luz do Sol como era antigamente. Para os Elfos, receio, acabará sendo no melhor caso uma trégua, na qual poderão chegar ao Mar sem impedimento e abandonar a Terra-média para sempre. Ai de Lothlórien que amo! Seria uma vida miserável em uma terra onde não crescesse o mallorn. Mas, se há árvores mallorn além do Grande Mar, ninguém relatou."
494	24	Preservação	T27	Como estava privado de visão, Frodo descobriu que sua audição e os demais sentidos estavam aguçados. Podia sentir o cheiro das árvores e da grama pisada. Podia ouvir muitas notas diferentes no farfalhar das folhas sobre sua cabeça, o rio passando a murmurar à sua direita, e as vozes agudas e nítidas dos pássaros alto no céu. Sentia o sol no rosto e nas mãos quando atravessavam uma clareira aberta. Assim que pusera os pés na outra margem do Veio-de-Prata, assaltara-o uma sensação estranha, que se intensificava à medida que avançava para dentro do Naith: parecia-lhe ter transposto uma ponte de tempo, chegando a um canto dos Dias Antigos e que agora caminhavam em um mundo que não mais existia.
495	24	Isolamento	T28	"Também", comentou Haldir, "trazem-me uma mensagem do Senhor e da Senhora dos Galadhrim. Todos devem caminhar livres, mesmo o anão Gimli. Parece que a Senhora sabe quem e o que é cada membro da vossa Comitiva. Quem sabe tenham vindo novas mensagens de Valfenda." Primeiro removeu a bandagem dos olhos de Gimli. "Seu perdão!", disse ele, inclinando-se muito. "Olha-nos agora com olhos amigáveis! Olha e sê contente, pois és o primeiro anão a contemplar as árvores do Naith de Lórien desde o Dia de Durin!"
495	33; 1	Preservação	T29a	Quando, por sua vez, teve os olhos descobertos, Frodo olhou para cima e tomou fôlego. Estavam de pé em um espaço aberto. À esquerda erguia-se um grande morro, coberto por um gramado verde como a Primavera dos Dias Antigos. Sobre ele, como dupla coroa, cresciam dois círculos de árvores: os exteriores tinham a casca branca como a neve e estavam sem folhas, mas belas em sua formosa nudez; as interiores eram de mellyrn de grande altura, ainda enfeitados de ouro pálido. Bem no alto, em meio aos ramos de uma árvore altaneira posta no centro de tudo, reluzia um

				eirado branco. Aos pés das árvores, e por todos os verdes flancos do morro, a grama estava semeada de florezinhas douradas em forma de estela. Entre elas, balançando em caules delgados, havia outras flores, brancas., e de verde muito pálido: lampejavam como névoa em meio ao tom intenso da grama. Por cima de tudo o céu era azul, e o sol da tarde brilhava no morro e lançava longas sombras verdes sob as árvores.
496	33; 2	Preservação	T29b	"Contemplai!" Chegastes a Cerin Amroth", disse Haldir. "Pois é este o coração do antigo reino, tal como foi há muito tempo, e aqui está o morro de Amroth, onde em dias mais felizes, foi construída a sua alta casa. Aqui florescem sempre as flores do inverno na grama imarcescível: a <i>elanor</i> amarela e a pálida <i>niphredil</i> . Aqui ficaremos por um tempo, e chegaremos à cidade dos Galadhrim ao anoitecer."
497	33; 3	Preservação	T29c	Os demais se deixaram cair na grama perfumada, mas Frodo ficou mais um tempo em pé, ainda perdido e pasmo. Parecia-lhe ter transposto uma alta janela que dava para um mundo desaparecido. Havia sobre ele uma luz para a qual sua língua não possuía nome. Tudo o que via era formoso, mas as formas pareciam ao mesmo tempo bem delineadas, como se acabassem de ser concebidas e desenhadas quando desvendara os olhos, e antigas, como se tivessem durado para sempre. Não via cores além das que conhecia, ouro e branco e azul e verde, mas eram frescas e pungentes, como se naquele momento ele as tivesse percebido pela primeira vez e feito para elas nomes novos e maravilhosos. Aqui, no inverno, nenhum coração poderia lamentar-se pelo verão ou pela primavera. Nenhum defeito, nem doença, nem deformidade era visível e qualquer coisa que crescesse na terra. Na terra de Lórien não havia nódoa.
496	35	Preservação	T30a	Virou-se e viu que agora Sam estava parado ao seu lado, olhando em volta com expressão perplexa e esfregando os olhos como quem não tem certeza de que está desperto. "Tem luz do sol e é dia claro, sem dúvida", comentou ele. "Eu pensava que os Elfos eram mais chegados à lua e às estrelas: mas isto é mais élfico que qualquer coisa de que já ouvi falar. Eu me sinto como se estivesse <i>dentro</i> de uma canção, se me entende.

497	1	Preservação	T30b	Haldir olhou para eles, e de fato parecia compreendê-los em pensamento e palavra. Sorriu. "Sentis o poder da Senhora dos Galadhrim", disse ele. "Agradar-vos-ia subir comigo a Cerin Amroth?"
497	10	Preservação	T31	Seguiram-no quando ele pisou de leve as encostas gramadas. Apesar de estar caminhando e respirando, e as folhas vivas e as flores em seu redor serem agitadas pelo mesmo vento fresco que lhe soprava no rosto, Frodo sentiu que estava em uma terra fora do tempo, que não se apagava, nem mudava, nem caía no esquecimento. Quando tivesse partido e passado outra vez ao mundo exterior, o errante Frodo do Condado ainda iria caminhar ali, na grama entre <i>elanor</i> e <i>niphredil</i> , na bela Lothlórien.
497	19	Preservação	T32	Entraram no círculo de árvores brancas. Nesse momento o Vento Sul soprou em Cerin Amroth e suspirou entre os ramos. Frodo ficou imóvel, ouvindo muito ao longe os grandes mares, em praias que há tempos haviam sido arrastadas pelas águas, e o grito das aves marinhas, cuja raça perecera na terra.
497	24	Preservação	T33	Haldir fora em frente e agora estava subindo ao alto eirado. Quando Frodo se preparava para segui-lo, pôs a mão na árvore ao lado da escada: nunca antes estivera cômico, tão súbita e nitidamente, da sensação e da textura de uma casca de árvore e da vida que ela continha. Sentiu o deleite da madeira e de seu toque nem como silvicultor nem como marceneiro; era o deleite da própria vida da árvore vivente.
497	34	Preservação	T34a	Frodo olhou e viu, ainda a alguma distância, uma colina com muitas árvores enormes, ou uma cidade de torres verdes: não sabia dizer qual dos dois. Pareceu-lhe que era dali que provinha todo o poder e a luz que mantinha toda aquela região sob controle. Subitamente almejou voar como uma ave para pousar na cidade verde. Depois, olhou para o leste e viu toda a terra de Lórien descendo rumo ao brilho pálido do Anduin, o Grande Rio. Ergueu os olhos para o outro lado do rio, e toda a luz se apagou, ele estava de volta no mundo que conhecia. Além do rio, o terreno parecia plano e vazio, informe e vago, até muito longe voltar a se erguer como uma muralha, escura e lúgubre. O sol que brilhava sobre Lothlórien não tinha o poder de iluminar a sombra daquela altura distante.

498	8	Isolamento / Preservação	T34b	<p>"Ali está a fortaleza de Trevamata Meridional", disse Haldir. "Está envolta em uma floresta de escuros abetos, onde as árvores poriam umas contra as outras e seus ramos apodrecem e murcham. No meio, em uma elevação rochosa, ergue-se Dol Guldur, onde por muito tempo o Inimigo oculto teve sua morada. Receamos que agora esteja habitado de novo e com poder septuplicado. Ultimamente costuma jazer uma nuvem negra sobre ele. Neste lugar elevado podes ver os dois poderes que se opõem um ao outro; e agora porfiam sempre em pensamento, mas, enquanto a luz percebe o coração mesmo da treva, seu próprio segredo não foi descoberto. Ainda não."</p>
-----	---	--------------------------------	------	--

**APÊNDICE B** – Trechos analisados dispostos integralmente que construíram o Diário V –  
Notas da Terra-média: O Despertamento dos Ents

Capítulo Barbárvore: Trechos T35 a T85				
Página	Linha	Subcategoria	Trecho	Citação
686	1	Fangorn	35	Enquanto isso, os hobbits avançaram com a velocidade que a floresta, escura e enredada, lhes permitia., seguindo a linha do rio corrente, rumo ao oeste, subindo em direção às encostas das montanhas, cada vez mais fundo para dentro de Fangorn. Lentamente seu medo dos Orcs se dissipou, e o passo diminuiu. Assaltou-os uma estranha sensação sufocante, como se o ar fosse ralo ou escasso demais para ser respirado.
686-687	26	Fangorn	36 <sup>a</sup>	"Sim, é tudo muito turvo e abafado aqui dentro", concordou Pippim. "De algum jeito me lembra a velha sala da Grande Casa dos Tûks, lá longe nos Smials em Tuqueburgo: um lugar enorme, onde os móveis nunca foram movidos nem mudados por gerações. Dizem que o Velho Tûk morou lá ano após ano, enquanto ele e a sala envelheciam e ficavam gastos ao mesmo tempo - e ela jamais foi mudada depois que ele morreu, um século atrás."
687	5	Fangorn	36b	"E o velho Gerontius foi meu trisavô: a coisa remonta um pouquinho. Mas isso não é nada em comparação com a sensação de velhice dessa floresta. Olhe todas essas barbas e bigodes de líquen, escorrendo e se arrastando! E a maior parte das árvores parece meio cobertas de folhas secas esfarrapadas que nunca caíram. Desleixado. Não consigo imaginar como seria a primavera aqui, se é que ela chega algum dia; muito menos uma faxina de primavera."
687	13	Fangorn	37	"Mas de algum modo a Sol deve espiar para dentro às vezes", disse Merry. "Isso não se parece nada com a descrição de Trevamata que Bilbo fez. Aquela era toda escura e negra e abrigava coisas escuras e negras. Esta é só turva e assustadoramente arvoresca. Não dá para imaginar nenhum <i>animal</i> vivendo aqui ou ficando por muito tempo."
687 688	- 30	Fangorn	38 <sup>a</sup>	Naquele momento, deram-se conta de uma luz amarela que surgira um pouco mais para dentro da mata: feixes de luz solar pareciam ter subitamente perfurado o teto da floresta. "Alô!", disse Merry. "A Sol deve ter topado com uma nuvem enquanto estávamos debaixo dessas árvores e agora saiu outra vez; ou então subiu o bastante para espiar por alguma abertura. Não é longe - vamos investigar!"
688	3	Fangorn	38b	Descobriram que era mais longe do que pensavam. O terreno ainda subia íngreme e tornava-se cada vez mais pedregoso. A luz ficou mais intensa à

				<p>medida que avançavam, e logo viram que havia uma parede de rocha diante deles: o flanco de uma colina, ou a extremidade abrupta de alguma longa raiz projetada pelas montanhas distantes. Não havia árvores crescendo sobre ela, e o sol caía pleno sobre sua face de pedra. Os ramos das árvores em seu sopé estendiam-se rígidos e imóveis, como se tentassem alcançar o calor. Ao contrário de antes, quando tudo parecera tão surrado e cinzento, agora a floresta reluzia com ricos tons de marrom e com os lisos cinza-negros das cascas semelhantes a couro polido. Os troncos das árvores brilhavam com um verde suave, semelhante a relva fresca: havia em seu entorno a primavera precoce ou uma visão fugaz dela.</p>
688	17	Fangorn	39	<p>Na face da parede de pedra havia algo parecido com uma escada: talvez natural, feita na rocha gasta pelas intempéries e fendida, pois era tosca e desigual. Bem no alto, quase no nível dos topos das árvores da floresta, havia um patamar sob um penhasco. Ali nada crescia senão uns poucos capins e ervas na beirada e um velho toco de árvore com apenas dois galhos: quase se parecia com um vulto de um ancião retorcido, ali de pé, piscando à luz matutina.</p>
688 - 689	31	Problemática	40	<p>Chegaram finalmente à borda do patamar, quase aos pés do velho toco; depois deram um salto e se viraram de costas para a colina, respirando fundo e olhando para o leste. Viram que só haviam avançado umas três ou quatro milhas para dentro da floresta: as cabeças das árvores marchavam encosta abaixo rumo à planície. Ali, perto da orla da floresta, subiam grandes torres de fumaça negra e enrolada, oscilando e flutuando na direção deles.</p>
689	9	Fangorn	41	<p>"Quase sentiste que te agradava a Floresta! Isso é bom! Isso é excepcionalmente gentil da tua parte", disse uma voz estranha.</p>
689	17	Fangorn	42	<p>Viraram-se olhando para um rosto totalmente extraordinário. Pertencia a um grande vulto semelhante a um Homem, quase a um Trol, com pelo menos quatorze pés de altura., muito robusto, de cabeça alta e quase sem pescoço. Era difícil dizer se estava trajado num material como casca verde e cinza, ou se aquilo era sua pele. De qualquer modo, os braços, a pouca distância do tronco, não eram enrugados, e sim cobertos de pele parda e lisa. Os grandes pés tinham sete dedos cada um. A parte inferior do rosto comprido estava coberta com uma ampla barba cinzenta, cerrada, de raízes quase ramosas, de pontas finas e musgosas.</p>
689	28	Fangorn	43	<p>Aqueles olhos fundos agora esquadrihavam, lentos e solenes, mas muito penetrantes. Eram castanhos, perpassados de luz verde. Mais tarde Pippim muitas vezes tentou descrever a primeira impressão que teve deles. "Davam a sensação de</p>

				haver um enorme poço por trás deles, repleto de eras de lembrança e pensamentos longos, lentos e contínuos; mas a superfície rebrilhava com o presente; como o sol tremeluzindo nas folhas exteriores de uma árvore vasta nas ondulações de um lago muito profundo. Não sei, mas dava a sensação de que algo crescendo no solo - adormecido, poderíamos dizer, ou só sentindo-se como algo entre a ponta da raiz e a ponta da folha, entre a terra profunda e o céu, tivesse despertado de repente e estivesse estudando você com o mesmo cuidado lento que dedicara aos seus próprios assuntos internos por anos incontáveis."
690	7	Fangorn	44	(...) "Não ser apressado, esse é o meu lema. Mas se vos tivesse visto antes de ouvir vossas vozes - agradaram-me: belas vozinhas: lembraram-me algo que não consigo recordar -, se vos tivesse visto antes de vos ouvir, eu vos teria simplesmente pisado, achando que éreis pequenos Orcs, e depois teria descoberto meu engano. Sois deveras muito estranhos. Raiz e ramo, muito estranhos!"
690	19	Fangorn	45	(...) "bem, eu sou um Ent, ou é assim que me chamam. Sim, Ent é a palavra. <i>O</i> Ent eu sou, poderíeis dizer em vosso modo de falar. <i>Fangorn</i> é meu nome, conforme alguns, outros dizem <i>Barbárvore</i> . <i>Barbárvore</i> há de servir.
690	26	Fangorn	46 <sup>a</sup>	(...) "Sem tanta pressa. E sou <i>eu</i> quem estou perguntando. Estais em <i>minha</i> região. O que sois <i>vós</i> , eu me pergunto? Não consigo localizar-vos. Não parece que fazeis parte das velas listas que aprendi quando era jovem. Mas isso foi muito, muito tempo atrás, e pode ser que tenham feito listas novas. Deixa-me ver! Deixa-me ver! Como é que era?"
690-691	32	Fangorn	46b	<i>Canta o conto das Coisas Viventes?</i> <i>Antes conta os quatro, aqueles povos livres</i> <i>Os de antes dos outros, dos Elfos a gente;</i> <i>O (Anão que escava, tem casas escuras;</i> <i>Ent qual árvore, muitos anos nos montes;</i> <i>Humano que morre, mestre dos cavalos</i> <i>(...) Castor construtor, saltando o gamo,</i> <i>Urso que busca abelhas, javardo de briga;</i> <i>Muito come o cão, acanha-se a lebre...</i> <i>(...) Águia no alto, na erva o boi,</i> <i>Cervo luzente, serpe mais fria...</i>
691	10	Fangorn	47 <sup>a</sup>	(...) "Era uma longa lista. Mas, seja como for, não parece que vos encaixais em nenhum lugar!"
691	12	Fangorn	47b	"Parece que sempre fomos deixados fora das velhas listas e das velhas histórias", disse Merry. "No entanto estivemos por aí por bastante tempo. Somos <i>hobbits</i> ."
691	15	Fangorn	48	"Por que não fazer um novo verso?", indagou Pippim. " <i>Hobbits são baixos e vivem em tocas.</i> "

				Coloca-nos entre os quatro, ao lado do Humano (o Povo Grande) e pronto."
691	21	Fangorn	49 <sup>a</sup>	(...) "Porém quem vos chama de <i>hobbits</i> ? Isso não me soa élfico. Os Elfos fizeram todas as palavras antigas: eles começaram isso."
691	23	Fangorn	49b	"Ninguém mais nos chama de <i>hobbits</i> ; somos nós que nos chamamos assim", respondeu Pippim.
691	25	Fangorn	50 <sup>a</sup>	"Ora essa! Sem tanta pressa! Chamais a <i>vós mesmos</i> de <i>hobbits</i> ? Mas não podeis sair contando a qualquer um. Ireis revelar vossos nomes verdadeiros se não fordes cautelosos."
691	28	Fangorn	50b	"Não somos cautelosos com isso", disse Merry.
692	1	Fangorn	50c	"Hm, mas <i>vós sois</i> gente apressada, ao que vejo", comentou Barbárvore. "Fico honrado com vossa confiança; mas não deveis ser muito liberais logo de início. Existem Ents e Ents, <i>vós sabeis</i> ; ou existem Ents e seres que se parecem com ents, mas não são, como poderíeis dizer. Vou chamá-los Merry e Pippim, se quiserdes - belos nomes. Pois não vou vos contar o <i>meu</i> nome, pelo menos não ainda."
692	9	Fangorn	51	"Por um lado, levaria muito tempo: meu nome está crescendo continuamente, e vivi por longo, longo tempo; portanto <i>meu</i> nome é como uma história. Os nomes de verdade contam a história dos seres aos quais pertencem em minha língua, no entês antigo, como poderíeis dizer. É uma linda língua, mas leva um tempo muito longo para se dizer algo nela, porque nela não dizemos nada a não ser que valha a pena levar longo tempo para dizer e para escutar.
692	18	Problemática	52	(...) " o que está acontecendo? O que fazeis em tudo isso? Consigo ver e ouvir (e cheirar e sentir) muita coisa neste, neste, neste <i>a-lalla-lalla-rumba-kamanda-lind-or-burúmë</i> . Perdão: essa é a parte do nome que lhe dou; não sei qual é a palavra nas línguas de fora: <i>vós sabeis</i> , a coisa em que estamos, onde fico em pé e observo nas belas manhãs e penso sobre o Sol, e a grama além da mata, e os cavalos, e as nuvens, e o desdobrar do mundo. O que está acontecendo? O que Gandalf pretende? E esses - <i>barárum</i> ," fez um ruído grave e ribombante, como uma desarmonia num grande órgão - "esses Orcs e o jovem Saruman lá em Isengard? Gosto de notícias. Mas não tão rápido demais agora.
692	37	Problemática	53	"Sim, eu o conheço: o único mago que realmente se preocupa com as árvores."
693	3	Despertamento	54	"Então posso responder às vossas outras perguntas", disse Barbárvore. "Não vou fazer nada <i>convosco</i> : não se quereis dizer 'fazer algo a <i>vós</i> ' sem vossa permissão. Poderíamos fazer algumas coisas juntos. Não sei sobre <i>lados</i> . Vou pelo meu próprio caminho, mas o vosso caminho pode acompanhar o meu por uns tempos."

693	25	Fangorn	55	Barbárvore repetiu as palavras, pensativo. <i>Morro</i> . Sim, era isso. Mas é uma palavra apressada para uma coisa que esteve aqui desde que esta parte do mundo foi formada.
693	29	Fangorn	56	"Aonde vamos?", perguntou Merry. Ao meu lar, ou a um dos meus lares", respondeu Barbárvore. "É longe?" "Não sei. Poderíeis dizer que é longe, quem sabe. Mas o que importa isso?"
694	13	Fangorn	57	Muitas das árvores pareciam adormecidas, ou tão inconscientes dele quanto de qualquer outra criatura que só estivesse passando; mas algumas estremeciam, e algumas erguiam os galhos sobre a cabeça dele quando ele chegava.
694	26	Fangorn	58 <sup>a</sup>	(...) "E eu poderia ter dito quase a mesma coisa, se estivésseis indo na outra direção. Não vos arrisqueis a vos enredar nas matas de <i>Laurelindórenan</i> ! É como os Elfos costumavam chamá-la, mas agora encurtam o nome: <i>Lothlórien</i> é como a chamam. Talvez estejam certos: talvez estejam minguando e não crescendo. A Terra do Vale de Ouro Cantante, é o que era certa vez. Agora é a Flor-do-Sonho. Ah, bem! Mas é um lugar esquisito, e não é para qualquer um se aventurar nele. Estou surpreso de que tenham chegado a entrar: faz muitos anos que isso não acontece aos estranhos. É uma terra esquisita.
695	1	Fangorn	58b	"E esta também. Pessoas deram-se mal aqui. Deram-se mal, sim. <i>Lauderindórenan lindelorendor malinornélión ornemalin</i> ", cantarolou para si. "Lá dentro estão se atrasando bastante em relação ao mundo, eu acho", disse ele. "Nem esta região, nem qualquer outro lugar fora da Floresta Dourada, é o que foi quando Celeborn era jovem. Mesmo assim: <i>Taurelilómëa-tumbalemorna Tumbaletaurëa Lómeanor</i> é o que costumavam dizer. As coisas mudaram, mas ainda é verdade em alguns lugares."
695	11	Fangorn / Problemática	59	"As árvores e os Ents", disse Barbárvore. "Eu mesmo não compreendo tudo o que ocorre, portanto não posso explicá-lo a nossa maneira, porém muitos estão ficando sonolentos, tornando-se arvorescos, como poderíeis dizer. A maior parte das árvores são só árvores, é claro; porém muitas estão meio despertas. Algumas estão bem despertas, e umas poucas estão, bem, ah, bem, ficando <i>entescas</i> . Isso está ocorrendo o tempo todo.
696	6	Problemática	60	"Somos pastores-de-árvores, nós, os velhos Ents. Agora restam bem poucos de nós. As ovelhas se tornam como os pastores, e os pastores como as ovelhas, é o que dizem; mas devagar e nenhum deles passa muito tempo no mundo. É mais rápido e mais próximo para as árvores e os Ents, e eles

				caminham juntos pelas eras. Pois os Ents são mais como os Elfos: menos interessados em si mesmos que os Homens e melhores para penetrar em outras coisas. E, no entanto, os Ents são mais como os Homens, mais mutáveis que os Elfos, e mais rápido para assumirem a cor do exterior, poderíeis dizer. Ou melhores que ambos: pois são mais estáveis e mantêm a mente por mais tempo nas coisas."
696	17	Problemática / Despertamento	61	"Alguns da minha espécie já se parecem muito com árvores e precisam de algo grande que os incite; e só falam em sussurros. Mas algumas de minhas árvores têm membros ágeis, e muitas conseguem falar comigo."
697-698	33	Fangorn	62 <sup>a</sup>	De repente os hobbits viram diante de si uma larga abertura. Duas grandes árvores erguiam-se ali, uma de cada lado, como postes de portão viventes, mas não havia portão, exceto por seus ramos que se cruzavam e entreteciam. À medida que o velho Ent se aproximou, as árvores ergueram os galhos e todas as suas folhas palpitarão e farfalharam. Pois eram árvores perenes, e suas folhas eram escuras e polidas, e reluziam na penumbra. Além delas havia um amplo espaço plano, como se o piso de um grande salão tivesse sido esculpido no flanco da colina. De ambos os lados, as paredes se inclinavam para o alto até atingirem cinquenta pés ou mais de altura, e, ao longo de cada parede, estava uma fileira de árvores cuja a altura também à medida que marchavam para dentro.
698	9	Fangorn	62b	Na extremidade oposta, a parede de rocha era íngreme, mas na base havia sido escavada para formar uma concavidade rasa de teto arqueado: o único teto do salão, exceto pelos ramos de árvores, que no interior faziam sombra a todo o chão, deixando aberta apenas uma trilha larga no meio. Um pequeno regato escapava das nascentes mais acima e, deixando o curso d'água principal, descia tinindo pela face nua da parede, derramando-se em gotas de prata como uma fina cortina diante da concavidade arqueada. A água reunia-se de novo em uma bacia de pedra no chão entre as árvores, para juntar-se ao Entágua em sua jornada através da floresta.
701	19	Problemática	63	(...) "não me ocupei com as Grandes Guerras", disse Barbárvore; "elas dizem respeito principalmente aos Elfos e aos Homens. Isso é afazer dos Magos: os Magos sempre estão ocupados com o futuro. Não gosto de me preocupar com o futuro. Não estou totalmente do <i>lado</i> de ninguém, porque ninguém está totalmente do meu <i>lado</i> , se me entendem: ninguém cuida das matas como eu cuido delas, nem mesmo os Elfos hoje em dia. Ainda assim, simpatizo mais com os Elfos do que com os outros: foram os Elfos que

				nos curaram da mudez muito tempo atrás, e essa foi uma grande dádiva que não pode ser esquecida, apesar de nossos caminhos terem se separado desde então. E há algumas coisas, é claro, de cujo lado eu totalmente não estou; sou totalmente contrário a elas: esses - <i>burárum</i> " (outra vez deu um ribombo grave de desgosto) " - esses Orcs e seus mestres.
701-702	34	Problemática	64	"Estava ansioso quando a sombra jazia sobre Trevamata, mas quando ela se mudou para Mordor não me preocupei por algum tempo: Mordor é muito longe Daqui. Mas parece que o vento está virando para o Leste e o murchar de todas as matas pode estar se aproximando. Nada existe que um velho Ent possa fazer para deter essa tempestade: ele precisa sobreviver-lhe ou rachar.
702	3	Problemática	65 <sup>a</sup>	"Mas agora Saruman! Saruman é um vizinho: não posso fazer vista grossa a ele. Preciso fazer alguma coisa, suponho. Ultimamente perguntei-me muitas vezes o que deveria fazer com Saruman."
702	22	Problemática	65b	(...) "Eu costumava conversar com ele. Houve um tempo que ele sempre caminhava por minhas matas. Era polido naquela época, sempre pedindo minha licença (pelo menos quando me encontrava); e sempre disposto a escutar. Contei-lhe muitas coisas que jamais teria descoberto sozinho; mas ele nunca me retribuiu do mesmo modo. Não consigo me lembrar de que jamais tenha me contado alguma coisa. E foi ficando cada vez mais desse modo; seu rosto, como o recorde - não o tenho visto por muito tempo -, se tornou como uma janela num muro de pedra: janelas com venezianas por dentro.
702-703	32	Problemática	65c	"Acho que agora compreendo o que ele pretende. Está conspirando para se tornar um poder. Tem uma mente de meta e rodas; e não se preocupa com seres que crescem, exceto na medida que lhe servem no momento. E agora está claro que é um traidor sombrio. Meteu-se com gente imunda, com os Orcs. Bem, huum! Pior que isso: andou fazendo alguma coisa com eles; algo perigoso. Pois esses Isengardenses são mais parecidos com Homens malignos. Uma marca dos seres malvados que vieram na Grande Treva é que não suportam o Sol; mas os Orcs de Saruman o suportam, mesmo que o odeiem. Pergunto-me o que ele fez. São Homens que ele arruinou, ou misturou as raças dos Orcs de dos Homens? Esse seria um mal sombrio!"
703	13	Problemática / Despertamento	66	"Ele e sua gente imunda estão produzindo devastação agora. Lá nas bordas estão derrubando árvores - boas árvores. Algumas das árvores eles simplesmente abatem e deixam apodrecer - isso é injúria de Orc; mas a maioria é picada e levada para alimentar os fogos de Orthanc. Sempre há fumaça subindo de Isengard nestes dias. "Maldito

				seja, raiz e ramo! Muitas daquelas árvores eram minhas amigas, criaturas que eu conhecia desde a noz e a bolota.; muitas tinham suas próprias vozes que agora estão perdidas para sempre. E há desertos de tocos e sarças onde outrora havia arvoredos cantantes. Estive ocioso. Deixei as coisas fugirem ao controle. Isso precisa parar!"
703	25	Despertamento	67 <sup>a</sup>	Barbárvore ergueu-se do leito com um arranco, pôs-se de pé e bateu com a mão na mesa. Os recipientes de luz tremeram e emitiram pra cima dois jatos de chama. Houve um tremeluzir em seus olhos como um fogo verde, e sua barba se projetava, rígida, como uma grande vassoura.
703	30	Despertamento	67b	"Eu vou parar isso!", disse com estrondo. "E vós haveis de vir comigo. Podeis ser capazes de me ajudar. Desse modo também ajudareis vossos próprios amigos; pois se Saruman não for impedido, Rohan e Gondor terão um inimigo às costas assim como pela frente. Nossas estradas andam juntas - a Isengard!"
703	35	Despertamento	67c	"Iremos contigo", afirmou Merry. "Faremos o que pudermos." "Sim!", disse Pippin. "Gostaria de ver a Mão Branca derrotada. Gostaria de estar lá, mesmo se não tiver muita utilidade: jamais hei de esquecer Uglûk e a travessia de Rohan."
704	1	Despertamento	67d	"Bom! Bom!", exclamou Barbárvore. "Mas falei apressadamente. Não podemos ser apressados. Fiquei esquentado demais. Preciso me refrescar e pensar; pois é mais fácil gritar <i>pare!</i> do que fazê-lo."
704	12	Problemática	68	"O problema é que restam tão pouco de nós", disse ele voltando-se para os hobbits. "Só restam três dos primeiros Ents que caminhavam nas matas antes da Treva: apenas eu, Fangorn, e Finglas e Fladrif - esses são seus nomes élficos; podeis chamá-los Mecha-de-Folha e Casca-de-Pele, se assim preferirdes. E dentre nós três, Mecha-de-Folha e Casca-de-Pele não são muito úteis neste afazer.
704	24	Problemática	69	Casca-de-Pele vivia nas encostas das montanhas a oeste de Isengard. Foi lá que aconteceram os piores problemas. Foi ferido pelos Orcs, e grande parte de sua gente e seus pastores-de-árvores foi assassinada e destruída. Ele subiu aos lugares altos, entre as bétulas que mais ama, e não quer descer.
704	29	Problemática	70 <sup>a</sup>	(...) "ouso dizer que eu poderia reunir uma boa companhia de nossa gente mais jovem - se puder fazê-los compreender a necessidade: se eu puder estimulá-los: não somos gente apressada. Que pena que existem tão poucos de nós!"
704-705	25	Problemática	70b	"Oh, não!", disse Barbárvore. "Nenhum morreu de dentro, como poderíeis dizer. Alguns, é claro, tombaram nas ocorrências malignas dos longos

				anos; e mais ainda tornaram-se arvorescos. Mas nunca houve muitos de nós, e não aumentamos e número. Não tem havido Entinhos - crianças, diríeis, não por um período de anos terrivelmente longo. Perdemos as Entesposas, vós sabeis."
705	8	Problemática	71 <sup>a</sup>	"Elas não <i>morreram!</i> ", disse Barbárvore. "Eu nunca disse <i>morreram</i> . Nós as perdemos, eu disse. Nós as perdemos e não conseguimos encontrá-las." Deu um suspiro. "Eu pensava que a maioria das pessoas soubesse disso. Canções sobre a busca dos Ents pelas Entesposas forma cantadas entre os Elfos e os Homens desde Trevamata até Gondor. Elas não podem estar totalmente esquecidas."
705-706	27	Fangorn / Problemática	71b	"Mas nossos corações não seguiram crescendo do mesmo modo: os Ents deram seu amor às coisas que encontravam no mundo, e as Entesposas deram seu pensamento a outras coisas, pois os Ents amavam as grandes árvores, e as matas selvagens, e as encostas dos altos morros; e bebiam das torrentes das montanhas, e só comiam as frutas que as árvores deixavam cair em sua trilha; e aprendiam com os Elfos e falavam com as Árvores. Mas as Entesposas davam suas mentes às árvores menores, e aos prados à luz do sol além dos pés das florestas; e viam os abrunhos na moita, e a maçã silvestre e a cereja florindo na primavera, e as ervas verdes nas terras alagadas no verão, e os capins dando sementes nos campos do outono. Não queriam falar com esses seres; mas desejavam que ouvissem e obedecessem ao que lhes fosse dito. As Entesposas os mandaram crescer de acordo com seus desejos e dar folha e fruto ao seu agrado; pois as Entespostas queriam ordem, abundância e paz (e com isso queriam dizer que as coisas deveriam permanecer onde as tinham colocado).
706	9	Fangorn / Problemática	71c	"Assim, as Entesposas fizeram jardins para neles viverem. Mas nós Ents seguimos vagando e só de vez em quando chegávamos aos jardins. Então, quando a Treva chegou no Norte, as Entesposas atravessaram o Grande Rio, e fizeram novos jardins, e cultivaram novos campos, e nós as víamos mais raramente. Depois que a Treva foi derrotada, a terra das Entesposas floriu ricamente, e seus campos eram repletos de grãos. Muitos homens aprenderam os ofícios das Entesposas e muitos as honravam; mas nós éramos para eles apenas uma lenda, um segredo no coração da floresta. Porém, ainda estamos aqui, enquanto todos os jardins das Entesposas estão baldios; os Homens os chamam de Terras Castanhas.
706	21	Problemática	71d	"Lembro-me de que foi muito tempo atrás - no tempo da guerra entre Sauron e os Homens do Mar - que me acometeu o desejo de rever Fimbrelthil. Ela ainda era muito bela aos meus olhos, da última vez que a vi, apesar de diversa da Entezela de

				outrora. Pois as Entesposas foram curvadas e amorenadas por sua labuta; seus cabelos foram crestados pelo sol até o tom do trigo maduro, e suas faces eram como maçãs vermelhas. Porém seus olhos ainda eram os olhos de nosso próprio povo. Atravessamos o Anduin e chegamos à sua terra; mas encontramos um deserto: estava tudo queimado e desraigado, pois a guerra passara sobre ela. Mas as Entesposas não estavam lá. Por muito tempo chamamos, e por muito tempo buscamos; e perguntamos a toda a gente que encontrávamos em que direção haviam ido as Entesposas. Alguns diziam que jamais as viram; e aonde alguns diziam que as haviam visto caminhando rumo ao oeste; e alguns diziam ao leste, e outros ao sul. Mas em nenhum lugar aonde fôssemos pudemos encontrá-las.
707-708	37	Problemática	71e	"Nosso pesar foi muito grande. Porém a mata selvagem nos chamava, e retornamos a ela. Por muitos anos costumávamos sair de tempos em tempos e procurar as Entesposas, caminhando em toda parte e chamando-as por seus belos nomes. Mas, à medida que o nosso tempo passava, saíamos mais raramente e vagávamos menos longe. E agora as Entesposas são somente uma lembrança para nós, e nossas barbas estão compridas e cinzentas.
708	11	Problemática	71f	"Acreditamos que poderemos nos reencontrar em algum tempo vindouro, e quem sabe achemos algures uma terra onde possamos viver juntos e ambos ficarmos contentes. Mas está pressagiado que isso dar-se-á apenas quando ambos tivermos perdido tudo o que temos agora. E bem pode ser que essa época esteja finalmente se aproximando. Pois, se outrora Sauron destruiu os jardins, parece provável que o Inimigo de hoje murche todas as matas.
708	22	Fangorn	72	"Deitar para dormir!", disse Barbárvore. "Ora, é claro que deitais" Hm, huum, estava me esquecendo: cantar essa canção me recordou os velhos tempos; quase pensei que estava falando com jovens Entinhos, quase pensei. Bem, podeis deitar no leito. Vou ficar em pé na chuva. Boa noite!"
709	20	Despertamento	73	"Huu, eh? Entecentro?", perguntou Barbárvore, virando-se. "Não é um lugar, é uma reunião de Ents - que hoje em dia não acontece mais com frequência. Mas consegui que um bom número promettesse vir. Vamos nos reunir no lugar onde sempre nos reunimos: os Homens o chamam de Valarcano. Fica ao sul daqui. Temos de estar lá antes do meio-dia."
711	7	Fangorn	74	Os Ents eram tão diferentes entre si como árvores de árvores: alguns tão diferentes como uma árvore de outra com mesmo nome, mas crescimento e

				história bem diferentes; e alguns tão diferentes como uma espécie de árvore da outra, como a bétula da faia, o carvalho do abeto. Havia alguns Ents mais velhos, barbudos e retorcidos como árvores sãs, porém antigas (apesar de nenhum parecer tão antigo quanto Barbárvore); e havia Ents altos e fortes, de membros retos e pele lisa, como árvores da floresta no seu apogeu; mas não havia Ents jovens, não havia rebentos.
712	5	Fangorn	75	Apesar de não ser capaz de entender qualquer palavra - supunha que a língua era entês -, Pippim inicialmente achou o som muito agradável de escutar, mas gradativamente sua atenção hesitou. Muito tempo depois (e o cantarolar não dava mostras de afrouxar), deu consigo pensando se, visto que o entês era uma língua tão "desapressada", já tinham avançado além do <i>Bom Dia</i> ; e, se Barbárvore faria a chamada, quantos dias levaria para cantar todos os seus nomes. "Pergunto-me como se diz em entês <i>sim</i> ou <i>não</i> , pensou. Bocejou.
713	17	Despertamento	76 <sup>a</sup>	"Mas tenho uma sensação esquisita sobre esses Ents: de algum modo não acho que sejam assim tão seguros, nem, bem, tão engraçados como parecem. Parecem lentos, estranhos e pacientes, quase tristes; e ainda assim acredito que <i>poderiam</i> ser incitados. Se isso acontecer, eu prefiro não estar do outro lado."
713	23	Despertamento	76b	"Sim!", assentiu Pippim. "Sei o que quer dizer. Pode haver toda a diferença entre uma vaca velha sentada, mastigando pensativa, e um touro arremetendo; e a mudança pode ocorrer de repente. Pergunto-me se Barbárvore os incitará. Tenho certeza de que pretende tentar. Mas eles não gostam de ser incitados. Barbárvore ficou incitado ontem à noite, e depois voltou a esconder tudo outra vez."
714	4	Despertamento	77	O murmúrio dos Ents prosseguia. Parecia um lugar muito estranho e remoto, fora do seu mundo, e longe de tudo que já lhes acontecera. Foram acometidos de grande saudade dos rostos e das vozes de seus companheiros, especialmente de Frodo e Sam e de Passolargo.
714-715	36	Fangorn	78	"Há, hmm, meus amigos, vamos dar uma caminhada!", disse ele. "Eu sou Bregalad, isso é Tronquesperto em vossa língua. Mas é apenas um apelido, é claro. Chamaram-me assim desde que eu disse <i>sim</i> a um Ent mais velho antes que ele terminasse a pergunta. Também bebo depressa e saio enquanto alguns ainda estão molhando as barbas. Vinde comigo!"
715	23	Problemática	79 <sup>a</sup>	Mas, ao seu lado, Bregalad falava suavemente na própria língua deles, quase sussurrando; e ficaram sabendo que ele pertencia à gente de Casca-de-Pele, e que a região onde haviam morado fora

				destruçãda. Isso pareceu aos hobbits bem suficiente para explicar sua "pressa", pelo menos em se tratando de Orcs.
715-716	29	Fangorn / Problemática / Despertamento	79b	"Havia pés de sorveira em meu lar", disse Bregalad, suave e tristemente, "pés de sorveira que criaram raízes quando eu era um Entinho, muitos, muitos anos atrás, na quietude do mundo. Os mais velhos foram plantados pelos Ents para tentarem agradar às Entesposas; mas elas olharam e sorriram e disseram saber onde cresciam flor mais branca e fruto mais rico. Porém não há árvores de toda essa raça, do povo da Rosa, que sejam tão belas para mim. E aquelas árvores cresceram e cresceram, até a sombra de cada uma ser como um salão verde, e seus frutos vermelhos no outono eram fardo, e uma beleza, e um prodígio. Os pássaros costumavam apinhar-se ali. Gosto de pássaros, mesmo quando tagarelam; e a sorveira tem de sobra. Mas os pássaros se tornaram hostis e cobiçosos, e dilaceraram as árvores, e lançavam os frutos no chão e não comiam. Então vieram Orcs com machados e derrubaram minhas árvores. Cheguei a as chamei por seus longos nomes, mas elas não palpitarão, elas não ouviram nem respondera: jaziam mortas.
717	8	Despertamento	80 <sup>a</sup>	Então, com um estrondo, veio um grande grito ressoante: <i>ra-huum-rá!</i> As árvores estremeceram e se dobraram, como se uma rajada de vento as tivesse atingido. Houve outra pausa, e então começou uma música de marcha como tambores solenes, e, por cima das batidas e rimbombos rolantes, brotaram vozes que cantavam alto e forte. <i>Com furor, com uror, com rufar de tambor: tá-runda runda runda rom!</i> Os Ents estavam chegando: cada vez mais perto e alto ergueu-se sua canção: <i>Com furor, com furor, com trompa e tambor: ta-runã runã runã rom!</i>
717	21	Despertamento	80b	Logo vieram a fila marchante que se aproximava: os Ents vinham balançando com grandes passadas, descendo a encosta na direção deles. Barbárvore estava à cabeça deles, e atrás vinham uns cinquenta seguidores, em fila dupla, marcando o passo com os pés e batendo o ritmo com as mãos nos flancos. À medida que se aproximavam, podia-se ver o reluzir e o bruxulear de seus olhos. "Huum, hom! Aqui chegamos com ribombo, aqui chegamos enfim!", chamou Barbárvore quando avistou Bregalad e os hobbits. "Vinde, juntai-vos ao Encontro! Estamos de partida. Estamos de partida a Isengard!" "A Isengard!", gritaram os Ents com muitas vozes. "A Isengard!"
718	25	Despertamento	81	"Nós Ents não gostamos de ser incitados; e nunca nos incitamos a não ser que nos seja óbvio que nossas árvores e nossas vidas estão em grande

				perigo. Isso não acontece nesta Floresta desde as guerras de Sauron e dos Homens do Mar. Foi o serviço-órquico, a derrubada desenfreada - <i>rárum</i> -, sem nem a desculpa ruim de alimentar as fogueiras, que nos enfureceu tanto; e a traição de um vizinho, que nos deveria ter ajudado. Os Magos deveriam saber melhor: eles sabem melhor. Não há maldição em élfico, em entês ou nas línguas dos Homens suficientemente má para tal traição. Abaixo Saruman!"
719	7	Despertamento	82	"Somos mais fortes que os Trols. Somos feitos dos ossos da terra. Podemos rachar a pedra como as raízes das árvores, só que mais depressa, muito mais depressa, se nossas mentes forem incitadas! Se não formos derrubados nem destruídos pelo fogo ou pelo impacto da feitiçaria, podemos despedaçar Isengard em estilhaços e fender suas muralhas em entulho."
719	17	Despertamento	83	"Agora estão todos incitados, e suas mentes estão todas em uma só coisa: romper Isengard. Mas logo vão começar a pensar de novo; vão esfriar um pouco, quando tomarmos nosso trago da tardinha. Que sede havemos de ter! Mas agora que marchem e cantem! Temos um longo caminho a percorrer, e há tempo à frente para pensar. Já é alguma coisa ter começado."
719-720	31	Despertamento	84	"É claro que é bem provável, meus amigos," disse ele lentamente, "bem provável que estejamos indo à nossa ruína: a última marcha dos Ents. Mas se ficássemos em casa e nada fizéssemos, a ruína nos encontraria de qualquer modo, mais cedo ou mais tarde. Esse pensamento há tempos vem crescendo em nossos corações; e é por isso que estamos marchando agora. Não foi uma resolução apressada. Agora, pelo menos, a última marcha dos Ents pode valer uma canção. Sim," suspirou ele, "podemos ajudar os outros povos antes de nos irmos. Ainda assim, gostaria de ter visto as canções sobre as Entesposas se tornarem verdade. Gostaria muito de ter visto Fimnrethil outra vez. Mas aí está, meus amigos, as canções, como as árvores, só dão fruto em seu próprio tempo e ao seu próprio modo: e às vezes murcham antes do tempo."
720	15	Fangorn / Despertamento	85	Pippim olhou para trás. O número de Ents havia crescido - ou o que estava acontecendo? Onde deviam estar as encostas áridas e indistintas que haviam atravessado, ele pensava ver capões de árvores. Mas elas se moviam! Podiam as árvores de Fangorn estar despertas, e a floresta se erguendo, marchando à guerra por cima das colinas? Esfregou os olhos, perguntando-se se o sono e a sombra o tinham enganado; mas os grandes vultos cinzentos avançavam continuamente

**APÊNDICE C** – Trechos analisados dispostos integralmente que construíram o Diário VI –  
Notas da Terra-média: A Resistência dos Pequenos

<b>Capítulo O Expurgo do Condado: Trechos T86 a T135</b>				
<b>Página</b>	<b>Linha</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Trecho</b>	<b>Citação</b>
1421	1	Opressão	86	Já havia anoitecido quando, molhados e cansados, os viajantes finalmente chegaram ao Brandevin e encontraram o caminho bloqueado. Em ambas as extremidades da Ponte havia grandes portões com espigões; e do lado oposto do rio podiam ver que haviam sido construídas algumas casas novas: de dois andares, com janelas estreitas de bordas retas, desnudas e fracamente iluminadas, tudo muito obscuro e não no estilo do Condado.
1421	14	Opressão	87	"É claro que não podemos ler o aviso no escuro", Sam gritou de volta. "E se hobbits do Condado vão ser proibidos de entrar, todos molhados numa noite destas, vou arrancar seu aviso quando o encontrar."
1421- 1422	27	Despertamento	88	"Ora vejam! É o Mestre Merry, com certeza, e todo vestido para o combate!", disse o velho Hob. "Ora, disseram que você tinha morrido! Perdido na Floresta Velha, por tudo o que diziam. Estou contente de vê-lo vivo, afinal!"
1422	19	Opressão	89a	"Vamos acordá-lo de um jeito que vai surpreendê-lo", retrucou Merry. "Se você quer dizer que seu precioso Chefe esteve contratando rufiões vindos do ermo, então não voltamos cedo demais." Apeou do pônei e, vendo o aviso à luz dos lampiões, arrancou-o e o jogou por cima do portão. Os hobbits recuaram e não fizeram menção de abri-lo. "Vamos lá, Pippim!", disse Merry. "Dois são o bastante."
1422	26	Retomada	89b	Merry e Pippim escalaram o portão, e os hobbits fugiram. Soou outra trompa. Da casa grande do lado direito surgiu um vulto, alto e volumoso, diante da luz na porta.
1423	6	Retomada	90	"Vamos ver o Chefe mais tarde. Enquanto isso, queremos alojamento para a noite, e, como parece que demoliram a Estalagem da Ponte e fizeram esta construção sinistra no lugar, vão ter de nos abrigar."
1423	17	Opressão	91	"Bem, não, o ano foi bastante bom", disse Hob. "Cultivamos um monte de comida, mas não sabemos bem o que é feito dela. São todos esses 'colhedores' e 'repartidores', eu acho, que circulam contando, medindo e levando pros armazéns. Eles mais colhem que repartem, e a maior parte de nós não vemos nuca mais."
1423 - 1424	26	Opressão / Retomada	92	Os hobbits do portão ainda pareciam desconfortáveis, pois evidentemente estavam quebrando alguma regra; mas não havia como contradizer quatro viajantes tão autoritários, todos armados, e dois deles anormalmente grandes e de aspecto vigoroso. Frodo mandou que trancassem os

				portões outra vez. De qualquer modo, fazia sentido manter guarda enquanto ainda houvesse rufiões à larga. Então, os quatro companheiros entraram na casa de guarda dos hobbits e se acomodaram do melhor modo que puderam. Era um lugar despojado e feio, com uma lareirazinha miserável que não permitia fazer um bom fogo. Nos quartos superiores havia pequenas fileiras de camas duras, e em todas as paredes havia um aviso e uma lista de Regras. Pippim arrancou-os. Não havia cerveja e havia bem pouca comida, mas com a trazida e compartilhada pelos viajantes, todos fizeram uma refeição razoável; e Pippim quebrou a Regra 4 pondo no fogo a maior parte da porção de lenha do dia seguinte.
1424	9	Opressão	93a	"Não tem erva-de-fumo agora", disse Hob; "ou melhor, só pros homens do Chefe. Todos os estoques parecem ter ido embora. Ouvimos dizer que carroças de erva partiram pela estrada velha que sai da Quarta Sul, no caminho por cima do Vau Sarn. Devia ser no fim do ano passado, depois que vocês foram embora. Mas antes disso ela já estava indo em segredo, pouco a pouco. Aquele Lotho..."
1424	16	Opressão	93b	"Agora cale a boca, Hob Guarda-Cerca!", exclamaram vários outros. "Você sabe que esse tipo de conversa não é permitido. O Chefe vai ouvir e vamos todos estar encrencados."
1424-1425	26	Opressão	94	Não haviam feito planos definidos, mas pensaram vagamente em primeiro descer juntos até Cricôncavo e lá descansar um pouco. Mas agora, vendo como as coisas estavam, decidiram ir direto à Vila-dos-Hobbits. Assim, no dia seguinte partiram pela Estrada e avançaram em trote contínuo. O vento amainara, mas o céu estava cinzento. A região parecia um tanto triste e abandonada; mas afinal de contas era o primeiro dia de novembro, a ponta final do outono. Ainda assim, parecia que havia uma quantidade incomum de queimadas, e a fumaça subia de muitos pontos ao redor. Uma grande nuvem dela erguia-se ao longe, na direção de Ponta do Bosque.
1425	7	Opressão	95a	(...) Mas ao chegarem à extremidade leste da aldeia encontraram uma barreira com um grande cartaz que dizia ESTRADA INTERROMPIDA; e atrás dela estava postado um grande bando de Condestáveis com bastões nas mãos e penas nos chapéus, parecendo ao mesmo tempo importantes e um tanto assustados.
1425	15	Opressão	95b	"Isso é o que é, Sr. Bolseiro", respondeu o líder dos Condestáveis, um hobbit com duas penas. "Estão presos por Invasão do Portão, Rasgar as Regras, Atacar os Guardiões do Portão, Violação de Propriedade, Dormir nos Prédios do Condado sem Permissão e Subornar Guardas com Comida."
1425	25	Opressão	96	(...) "As ordens do Chefe são que vocês devem nos acompanhar quietinhos. Vamos levá-los a Beirágua e entregá-los aos Homens do Chefe; e quando ele

				lidar com o seu caso, vão poder fazer as alegações. Mas, se não quiserem ficar em Tocadeados mais tempo que o necessário, eu falaria depressa se fosse vocês."
1425	31	Despertamento	97	Para a frustração dos Condestáveis, Frodo e seus companheiros rugiram de tanto rir. "Não seja absurdo!", disse Frodo. "Eu vou aonde me dá vontade e no meu próprio tempo. Acontece que estou indo para o Bolsão a negócios, mas se insistem em ir também, bem, é assunto seu."
1426	15	Opressão	98a	"Olhe aqui, Pardalzinho!", disse Sam. "Você foi criado na Vila-dos-Hobbits e devia ter mais bom senso em vez de atocaiar o Sr. Frodo e tudo o mais. E o que é isso da estalagem estar fechada?"
1426	19	Opressão	98b	"Estão todas fechadas!", respondeu Robin. "O Chefe não gosta que bebam cerveja. Pelo menos foi assim que começou. Mas agora calculo que são os Homens dele que estão com tudo. E ele não gosta que as pessoas se movimentem por aí; portanto, se quiserem ou precisarem, têm de ir à Casa-dos-Condestáveis e explicar seus afazeres."
1426	25	Despertamento	98c	"Você devia ter vergonha de se envolver com uma besteira dessas", retrucou Sam. "Você mesmo costumava gostar mais do interior que do exterior de uma estalagem. Estava sempre dando uma entradinha, em serviço ou fora dele."
1426	29	Opressão	98d	"E ainda estaria fazendo isso, Sam, se pudesse. Mas não seja cruel comigo. O que eu posso fazer? Você sabe como me candidatei a Condestável sete anos atrás, antes de começar tudo isto. Me dava a oportunidade de caminhar pela região, encontrar as pessoas, ouvir as notícias e saber onde estava a boa cerveja. Mas agora é diferente."
1426	35	Despertamento	98e	"Mas você pode desistir, deixar de ser Condestável, já que isso deixou de ser um serviço respeitável", disse Sam.
1426	37	Opressão	98f	"Não é permitido", respondeu Robin.
1427	4	Despertamento	99	"Se todos ficássemos irritados juntos, poderíamos fazer alguma coisa. Mas são esses Homens, Sam, os Homens do Chefe. Ele os manda dar voltas em toda parte, e se alguns de nós, gente pequena, insistir em seus direitos, eles o arrastam para Tocadeados. Levaram primeiro o velho Bolinho-de-Farinha, o velho prefeito Will Pealvo e muita gente mais. Ultimamente, está piorando. Agora muitas vezes batem neles.
1427	14	Opressão	100	"(...) Tem centenas de Condestáveis no total, e querem mais por causa de todas essas regras novas. A maioria toma parte a contragosto, mas não todos. Mesmo no Condado tem alguns que gostam de se meter nos assuntos dos outros e de falar grosso. E tem coisa pior que isso: tem alguns que fazem o serviço de espionagem para o Chefe e seus Homens."

1428-1429	36	Despertamento	101	"Estão resistindo à prisão, é isso que estão fazendo," comentou o líder, pesaroso, "e não posso me responsabilizar." "Vamos resistir a muitas coisas e não vamos lhe pedir para responder por isso", respondeu Pippim. "Boa sorte para vocês!"
1429	4	Opressão	102	Os viajantes seguiram caminho, e quando o sol começava a se pôr nas Colinas Brancas, no longínquo horizonte ocidental, chegaram à Beirágua junto ao seu extenso lago; e ali tiveram seu primeiro choque realmente doloroso. Era a própria região de Frodo e Sam, e agora descobriram que se importavam mais com ela que qualquer outro lugar do mundo. Faltavam muitas das casas que tinham conhecido. Algumas pareciam ter sido incendiadas. A aprazível fileira de velhas tocas de hobbit, na ribanceira do lado norte do Lago, estava deserta, e seus jardinzinhos que costumavam descer coloridos até a margem da água, estavam atulhados de ervas daninhas. Pior, havia toda uma fila de feias casas novas ao longo da Beira do Lago, onde a Estrada da Vila-dos-Hobbits corria perto da ribanceira. Ali houvera uma avenida das árvores. Todas haviam sumido. E, viram ao longe uma alta chaminé de tijolos. Despejava fumaça negra no ar vespertino.
1429	21	Despertamento	103a	Sam está fora de si. "Vou direto em frente, Sr. Frodo!", exclamou. "Vou ver o que está havendo. Quero encontrar meu feitor."
1429	24	Despertamento	103b	"Primeiro devíamos avaliar nossa situação, Sam", disse Merry. "Imagino que o 'Chefe' tenha à mão um bando de rufiões. É melhor achar alguém que nos conte como estão as coisas por aqui."
1429	28	Opressão	104	Mas na aldeia de Beirágua todas as casas e tocas estavam fechadas, e ninguém veio ao encontro deles. Admiraram-se com isso, mas logo descobriram o porquê. Quando alcançaram o Dragão Verde, a última casa do lado da Vila-dos Hobbits, agora desolada e com janelas quebradas, transtornaram-se de ver meia dúzia de Homens, grandes e desajeitados, vadiando junto ao muro da estalagem; era vesgos e de rostos lívidos.
1429	35	Opressão	105	"Como aquele amigo do Bill Samambaia em Bri", disse Sam. "Como muitos que vi em Isengard", murmurou Merry.
1430	1	Opressão	106	Os rufiões tinham porretes nas mãos e trompas nos cintos, mas não tinham outras armas até onde podiam ver. Quando os viajantes vieram cavalgando, eles deixaram o muro e andaram até a estrada, impedindo a passagem.
1430	5	Opressão	107	"Onde pensam que estão indo?", indagou um deles, o maior da quadrilha e de aspecto mais malvado. "Pra frente não tem mais estrada para vocês."
1430	10	Opressão	108	"Diacho, o que eu falei, hein?", disse o rufião aos seus parceiros. "Falei pro Charcoso que não

				adiantava confiar nesses pequenos tolos. Deviam ter mandado camaradas nossos."
1430	14	Retomada	109	"Não estamos acostumados com ladrões de estrada nesta terra, mas sabemos lidar com eles.
1430	16	Opressão	110	"Esta região precisa ser acordada e ajeitada," respondeu o rufião, "e Charcoso vai fazer isso; e fazer com o uso da força, se for obrigado. Vocês precisam de um Patrão maior. E vão ter um antes de acabar o ano, se tiver mais encrencas. Daí vão aprender uma ou duas coisas, seu povinho de ratos."
1430	30	Opressão	111	O rufião riu. "Lotho! Ele sabe sim. Não se preocupe. Ele faz o que o Charcoso manda. Porque se um patrão der problemas, nós podemos trocar ele. Está vendo? E se o povinho tentar se meter onde não é chamado, nós podemos acabar com as travessuras dele. Está vendo?"
1431	8	Opressão	112	"(...) Mas isso não vai nos impedir de morar nesta terrinha gorda onde vocês já vadiaram bastante. E" - Estalou os dedos no rosto de Frodo - "mensageiros do Rei! Isso é para eles! Quando eu vir um talvez eu preste atenção."
1431	12	Despertamento / Retomada	113	Aquilo foi demais para Pippim. Seus pensamentos voltaram ao Campo de Cormallen, e ali estava um malandro vesgo chamando o Portador-do-Anel de "pequeno atrevido". Jogou a capa para trás, arrancou a espada, e o prata e o negro de Gondor reluziram nele quando se adiantou montado. "Eu sou mensageiro do Rei", afirmou ele. "Você está falando com o amigo do Rei, um dos mais renomados em todas as terras do Oeste. Você é um rufião e um tolo. De joelhos na estrada e peça perdão, do contrário eu o atravesso com esta perdição de trols!" A espada rebrilhou no sol poente. Merry e Sam também sacaram suas espadas e se aproximaram de Pippim; mas Frodo não se moveu. Os rufiões recuaram. Seu trabalho fora assustar camponeses da região de Bri e intimidar hobbits desnorteados. Hobbits destemidos com espadas brilhantes e rostos severos eram uma grande surpresa. E havia nas vozes daqueles recém-chegados uma nota que não tinham ouvido antes. Ela os gelava de medo. "Vão!", disse Merry. "Se incomodarem esta aldeia outra vez, vão se arrepender." Os três hobbits avançaram, e então os rufiões se viraram e fugiram, correndo para longe da Estrada da Vila-dos-Hobbits; mas tocavam as trompas enquanto corriam.
1432	4	Despertamento	114	"Lotho nunca quis que as coisas chegassem a este ponto. Ele tem sido um tolo malvado, mas agora foi apanhado. Os rufiões estão por cima, recolhendo, roubando, intimidando, dirigindo ou arruinando as coisas à vontade em nome dele. E nem por muito mais tempo em nome dele. Agora está prisioneiro em Bolsão, eu imagino, e muito assustado. Devíamos tentar resgatá-lo."

1432	15	Despertamento	115	"Lutar?", disse Frodo. "Bem, imagino que poderá chegar a esse ponto. Mas lembrem-se: não deve haver mortandade de hobbits, nem que eles tenham passado para o outro lado. Quero dizer, passado de verdade; não apenas obedecendo ordens as ordens dos rufiões porque estão com medo. Jamais um hobbit matou outro de propósito no Condado, e isso não vai começar agora. E absolutamente ninguém deve ser morto se for possível evitar. Contenham os temperamentos e refreiem as mãos até o último momento possível!"
1432	24	Despertamento	116a	"Mas se houver muitos desses rufiões," retrucou Merry, "certamente isso significará combate. Você não vai resgatar Lotho, ou o Condado, só ficando chocado e triste, meu caro Frodo."
1432	27	Opressão / Despertamento	116b	"Não", disse Pippim. "Não será tão fácil assustá-los pela segunda vez. Foram apanhados de surpresa. Ouviu aqueles toques de trompa? Evidentemente, há outros rufiões por perto. Serão muito mais ousados se houver mais deles juntos. Devíamos pensar em buscar abrigo para a noite em algum lugar. Afinal de contas, somos só quatro, mesmo estando armados."
1432- 1433	36	Despertamento	117	"Não!", respondeu Merry. "Não adianta 'abrigar-se'. É bem isso que as pessoas vêm fazendo, e bem do que gostam esses rufiões. Eles simplesmente vão nos atacar em grande número, encurralar e depois expulsar, ou aprisionar com fogo. Não, precisamos fazer alguma coisa de imediato."
1433	5	Despertamento	118	"Instigar o Condado!", disse Merry. "Agora! Acordar todo o nosso povo! Eles odeiam isso tudo, está vendo: todos, exceto talvez um ou dois malandros e alguns tolos que querem ser importantes, mas não entendem nem um pouco o que realmente está acontecendo. Mas o povo do Condado esteve tão confortável por tanto tempo que não soube o que fazer. Mas só precisam de um fósforo para pegarem fogo. Os Homens do Chefe devem saber disso. Vão tentar nos pisotear e apagar depressa. Só temos bem pouco tempo."
1433	30	Despertamento	119	Sam ouviu atrás de si uma algazarra de vozes, e um grande alarido e batidas de portas. Diante dele surgiram luzes no entardecer; cães latiam; pés vieram correndo. Antes que ele chegasse ao fim da alameda, lá estava o Fazendeiro Villa com três dos seus rapazes, o Jovem Tom, Risonho e Nick, correndo ao seu encontro. Tinham machados nas mãos e bloquearam o caminho.
1434	14	Despertamento	120	"Então finalmente começou! Todo este ano tive comichão para fazer encrenca, mas as pessoas não ajudavam. E eu tinha que pensar na esposa e na Rosinha. Esses rufiões não se assustam com nada. Mas vamos agora, rapazes! Beirágua se levantou! Temos que participar!"

1435	15	Despertamento / Retomada	121	Quando Sam voltou, encontrou toda a aldeia em levante. Além de muitos rapazes mais jovens, já havia mais de cem hobbits robustos reunidos com machados, martelos pesados, facas compridas e bastões resistentes; e alguns tinham arcos de caça. Mais ainda estavam chegando de fazendas remotas. Alguns dos aldeões tinham feito uma grande fogueira, só para animar as coisas, e também porque era uma das coisas proibidas pelo Chefe. Ela queimava brilhante à medida que a noite chegava. Outros, por ordens de Merry, estavam montando barreiras na estrada em ambas as extremidades da aldeia. Quando os Condestáveis alcançaram a de baixo, ficaram estupefatos; mas assim que viram como as coisas estavam, a maioria tirou as penas e se juntou à revolta. Os demais escapuliram furtivamente.
1436	9	Opressão / Despertamento	122	"Tem uns tantos lá no Sul, no vale comprido e junto ao Vau Sarn, ouvi dizer; e mais alguns espreitando na Ponta do Bosque; e tem barracões na Encruzada. E depois tem Tocadeados, como eles dizem: os velhos túneis de Grã-Cava que eles transformaram em prisões para os que se rebelam contra eles. Ainda assim, cálculo que não tem mais de trezentos deles em todo o Condado, e quem sabe menos. Podemos dominá-los se ficarmos unidos."
1438	1	Despertamento / Retomada	123a	Ninguém deu atenção às ordens deles; mas quando os rufiões passaram, fecharam-se em silêncio por trás deles e os seguiram. Quando os Homens do Chefe alcançaram a fogueira, ali estava o Fazendeiro Villa, de pé sozinho, esquentando as mãos.
1438	5	Opressão	123b	"Quem é você e o que pensa que está fazendo?", indagou o líder dos rufiões.
1438	7	Retomada	123c	O Fazendeiro Villa encarou-o devagar. "Eu ia justamente perguntar isso a vocês.", respondeu ele. "Esta terra não é de vocês e não têm nada a procurar aqui."
1438	19	Retomada	124a	Merry adiantou-se. "Encontramo-nos antes," disse ele ao líder, "e eu avisei para não voltar aqui. Aviso-o de novo: vocês estão parados na luz e na mira de arqueiros. Se puserem um dedo nesse fazendeiro ou em qualquer outro, serão alvejados imediatamente. Deponha todas as armas que tiverem!"
1438	24	Retomada	124b	O líder olhou em volta. Fora apanhado em uma armadilha. Mas não estava com medo, não agora, com uma vintena de camaradas para apoiá-lo. Sabia muito pouco sobre os hobbits para compreender o perigo. Tolamente decidiu lutar, seria fácil escapar. "Ataquem rapazes!", exclamou. Partam pra cima deles!"
1438	29	Retomada	124c	Com uma faca comprida na mão esquerda e um porrete na outra, investiu contra o anel, tentando rompê-lo e voltar na direção da Vila-dos-Hobbits.

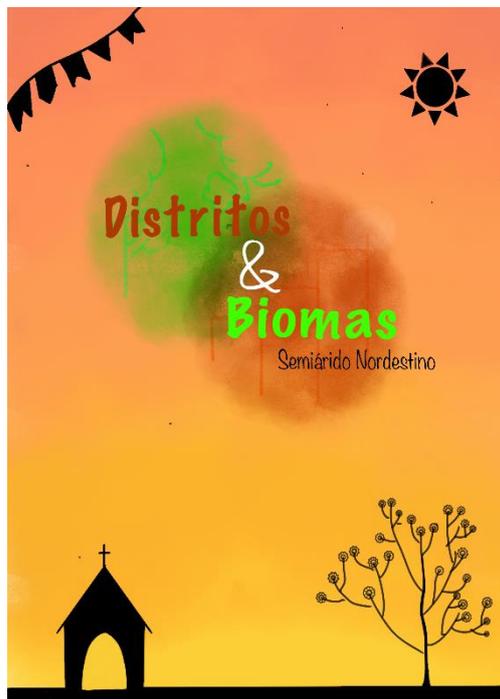
				<p>Dirigiu um golpe selvagem a Merry, que estava em seu caminho. Caiu morto atingido por quatro flechas. Isto bastou para os demais. Rederam-se. Tiraram-lhes as armas, e foram juntados com cordas, e fizeram-nos marchar até uma cabana vazia que eles mesmos haviam construídos, e ali foram amarrados de mãos e pés e trancados sob guarda. O líder morto foi arrastado para longe e enterrado.</p>
1439-1440	34	Opressão	125	<p>Tudo começou com o Pústula, como nós o chamamos" disse o Fazendeiro Villa; "e começou assim que você partiu, Sr. Frodo. Ele tinha umas ideias esquisitas, o Pústula. Parece que queria ser dono de tudo e depois mandar as outras pessoas irem e virem. Logo revelou que ele já possuía bem mais do que era bom para ele; e estava sempre agarrando mais, mas era um mistério de onde ele conseguia o dinheiro: moinhos, maltarias, estalagens, fazendas e plantações de erva-de-fumo. Parece que já tinha comprado o moinho do Ruivão antes de chegar em Bolsão."</p> <p>"É claro que começou com um monte de propriedades na Quarta Sul, que vinham do seu pai; e parece que estava vendendo muito da melhor erva e mandando para longe em segredo por um ou dois anos. Mas no fim do ano passado ele começou a enviar cargas de materiais, não só de erva. As coisas começaram a ficar escassas, e o inverno vinha chegando. As pessoas ficaram furiosas, mas ele tinha resposta. Um monte de Homens, rufiões na maioria, vieram com grandes carroças, alguns para levar as mercadorias pro Sul e outros para ficar. E vieram outros. E antes de sabermos onde estávamos, eles se haviam instalado aqui e ali, no Condado todo, e estavam derrubando árvores, cavando e construindo barracos e casas para si, do jeito que queriam. No começo o Pústula pagava pelos bens e pelos danos; mas logo eles começaram a bancar os senhores e a pegar o que queriam.</p> <p>"Então houve alguma encrenca, mas não o bastante. O velho Will, o Prefeito, foi até Bolsão protestar, mas nem chegou lá. Os rufiões puseram as mãos nele, o levaram e o trancaram em uma toca em Grã-Cava, e ele está lá agora. E depois disso, seria logo depois do Ano Novo, não tinha mais Prefeito, e Pústula se intitulou Chefe Condestável, ou apenas Chefe, e fazia o que queria; e se alguém fosse 'presunçoso', como diziam, seguia Will. Então as coisas foram de mal a pior. Não restava mais erva-de-fumo, exceto pros Homens; e o Chefe não concordava com cerveja, exceto pros seus Homens, e fechou todas as estalagens; e tudo, a não ser as Regras, ficou cada vez mais curto, a menos que pudesse esconder um pouco do que era seu quando os rufiões faziam as rondas recolhendo material 'para distribuição justa': quer dizer, eles tinham e nós</p>

				não, exceto os restos que dava pra conseguir nas Casas-de-Condestáveis, se fosse possível engolir. Tudo muito ruim. Mas depois que Charcoso chegou tem sido a ruína total."
1441	4	Opressão	126	"Foi perto da última colheita, quem sabe no fim de setembro, que ouvimos falar dele primeiro. Nunca o vimos, mas está lá em cima em Bolsão; e agora é ele o verdadeiro Chefe, eu acho. Todos os rufiões fazem o que ele manda; e o que ele manda é principalmente: cortar, incendiar e arruinar; e agora começaram a matar. Nem faz nem mais sentido. Cortam as árvores e as deixam no chão, queimam as casas e não constroem mais. "Veja por exemplo o moinho de Ruivão. Pústula o demoliu quase no dia em que veio a Bolsão. Depois trouxe um monte de Homens de aspecto sujo para construir um maior e enchê-lo de rodas e engenhocas bizarras. Só o tolo do Ted ficou contente com isso, e ele trabalha lá limpando as rodas pros Homens, onde seu pai era Moleiro e seu próprio patrão. A ideia de Pústula era moer mais e com maior velocidade, foi o que ele disse. Ele tem outros moinhos parecidos. Mas precisa ter grãos antes de poder moer; e o moinho novo não tinha mais nada para fazer que o velho. Mas desde que veio Charcoso eles nem moem mais trigo. Estão sempre martelando e soltando fumaça e fedor, e nem de noite há paz na Vila-dos-Hobbits. E derrama imundície de propósito; sujaram toda a parte de baixo do Água, e isso está entrando no Brandevin. Se querem transformar o Condado em deserto, estão fazendo isso do jeito certo. Não acredito que aquele tolo do Pústula está por trás de tudo isso. É Charcoso, eu acho.
1443	25	Despertamento / Retomada	127	Não demorou para chegarem marchando, em número de cem, de Tuqueburgo e das Colinas Verdes, com Pippim à frente. Merry já tinha bastante hobbits robustos para lidar com os rufiões. Os batedores relataram que eles estavam se mantendo bem juntos. Sabiam que a região se levantava contra eles, e claramente pretendiam lidar impiedosamente com a rebelião em seu centro, em Beirágua. Mas, por muito cruéis que fossem, pareciam não ter entre eles um líder que entendesse de conflito armado. Vinham sem nenhuma precaução. Merry fez seus planos rapidamente.
1444	10	Retomada	128	"Bem, vocês andaram para dentro de uma armadilha", disse Merry. "Seus camaradas da Vila-dos-Hobbits fizeram a mesma coisa, e um deles está morto, e os outros estão prisioneiros. Deponham as armas! Depois recuem vinte passos e sentem-se. Quem tentar escapar será alvejado."
1444	15	Retomada	129	Mas os rufiões já não podiam ser intimidados tão facilmente. Alguns deles obedeceram, mas de imediato foram atçados pelos companheiros. Uma vintena ou mais correu para trás e atacou as carroças.

				<p>Seis foram alvejados, mas os demais irromperam, matando dois hobbits e espalhando-se depois pelo terreno, na direção de Ponta do Bosque. Mais dois tombaram ao correr. Merry deu um toque alto de trompa, e outros toques responderam de longe.</p> <p>"Não irão longe", disse Pippim. "Toda essa região já está fervilhando com os nossos caçadores."</p> <p>Lá atrás, os Homens apanhados na estrada, ainda cerca de quatro vintenas, tentavam escalar a barreira e as ribanceiras, e os hobbits foram obrigados a atirar em muitos deles ou golpeá-los com machados. Mas muitos dos mais fortes e desesperados saíram pelo lado oeste e atacaram os inimigos com ferocidade, agora com mais intenção de matar do que fugir. Vários hobbits tombaram, e os demais estavam hesitantes, quando Merry e Pippim, que estavam do lado leste, atravessaram e atacaram os rufiões. O próprio Merry matou o líder, um grande brutamonte vesgo e semelhante a um enorme orc. Então, recolheu sua gente, cercando os últimos remanescentes dos Homens com um largo anel de arqueiros.</p> <p>Finalmente estava tudo terminado. Quase setenta rufiões jaziam mortos no campo e uma dúzia fora aprisionada.</p>
1445	1	Retomada	130	<p>Dezenove hobbits foram mortos e cerca de trinta ficaram feridos. Os rufiões mortos foram carregados em carroças, levados para uma antiga cova de areia e enterrados lá: na Cova da Batalha, como se chamou depois. Os hobbits tombados foram sepultados juntos em um túmulo na encosta da colina, onde mais tarde erigiram uma grande pedra com um jardim em volta. Assim terminou a Batalha de Beirágua, em 1419, a última batalha travada no Condado e a única desde os Verdescampos, em 1147, lá longe na Quarta Norte. Como consequência, apesar de felizmente ter custado muito poucas vidas, ela tem seu próprio capítulo no <i>Livro Vermelho</i>, e os nomes de todos os que participaram entraram em um Rol e foram aprendidos de cor pelos historiadores do Condado. O muito considerável incremento de fama e fortuna das Villas data dessa época; mas no topo do Rol, em todos os relatos, constam os nomes dos Capitães Meriadoc e Peregrin.</p>
1445	17	Retomada	131	<p>Frodo estivera na batalha, mas não sacara a espada e seu principal papel fora evitar que os hobbits, enraivecidos por suas perdas, matassem aqueles dentre os inimigos que depusessem as armas.</p>
1445-1446	32	Opressão	132	<p>Foi uma das horas mais tristes de suas vidas. A grande chaminé se ergueu diante deles; e ao se aproximarem da velha aldeia do outro lado do Água, através das fileiras de casas novas e miseráveis de ambos os lados da estrada, viram o novo moinho em toda a sua feiura carrancuda e vil: um grande prédio de tijolos escarranchado sobre o rio, conspurcando-o</p>

				<p>com uma efluente fumegante e fedorento. Em toda a extensão da Estrada de Beirágua as árvores haviam sido derrubadas uma a uma.</p> <p>Quando atravessaram a ponte e ergueram os olhos para a Colina, deram um grito sufocado. Nem a visão de Sam no Espelho o preparara para o que viam. A Granja Velha do lado oeste fora demolida e seu lugar fora ocupado por fileiras de barracões alcatroados. Todas as castanheiras tinham sumido. As ribanceiras e as cercas vivas estavam despedaçadas. Grandes carroções estavam postados em desordem em um campo pisoteado e sem grama. A Rua do Bolsinho era uma pedreira escancarada de areia e cascalho. Bolsão, mais à frente, não podia ser visto devido a um grupo desordenado de várias cabanas.</p> <p>"Derrubaram ela!", exclamou Sam. "Derrubaram a Árvore da Festa!" Apontou o lugar onde se erguera a árvore sob a qual Bilbo fizera o seu Discurso de Despedida. Ela jazia no campo, podada e morta. Como se aquilo fosse a última gota, Sam irrompeu em lágrimas.</p>
1446	19	Opressão	133	<p>Uma risada as interrompeu. Havia um Hobbit carrancudo, vadiando encostado ao muro baixo do pátio do moinho. Tinha um rosto enfarruscado e as mãos pretas. "Não gostou, Sam?", escarneceu ele. "Mas você sempre foi mole. Pensei que tinha ido embora num dos navios que costumava tagarelar, navegando, navegando. Quer voltar pra quê? Agora temos trabalho para fazer no Condado."</p>
1447	28	Opressão	134a	<p>"Isto é pior que Mordor!", disse Sam. "Muito pior, de certo modo. Atinge a gente, como dizem, porque é a nossa casa, e lembramos dela antes que estivesse toda arruinada."</p>
1447	31	Opressão	134b	<p>"Sim, isto é, Mordor", afirmou Frodo. "Mais uma de suas obras. Saruman estava fazendo a sua obra o tempo todo, mesmo quando pensava que trabalhava para si mesmo. E foi o mesmo com os que Saruman logrou, como Lotho."</p>
1451	21	Retomada	135	<p>"Não vou chamar de fim antes de limparmos a sujeira", disse Sam, abatido. "E isso vai exigir um monte de tempo e trabalho."</p>

## APÊNDICE D – JOGO DISTRITOS & BIOMAS



Capas do jogo.

## **BEM-VINDOS AO DISTRITOS & BIOMAS!!!**

Esse material é fruto da pesquisa de mestrado intitulada como Diários de Viagem à Terra-média: Literatura Fantástica, Ecologia e Ensino de Ciências. Desenvolvido durante a construção do referencial teórico e imersão bibliográfica, esse livro traz o sistema de RPG, em sua primeira edição: Distritos & Biomas: Semiárido Nordestino. Com o objetivo de realizar uma atividade de imersão para se delinear noções da relação humano-mundo natural de professores em formação inicial e continuada, e alunos do ensino médio.

Ele está organizado da seguinte maneira: no item 1, está a introdução ao jogo; no item 2, é feita uma pequena descrição do que são jogos de Role-Play Game (RPG); No item 3 é descrito como é o universo de Distritos & Biomas; no item 4 está a discussão de como se cria um cenário neste jogo; no item 5 este material traz as principais diretrizes para a criação de um personagem, e no 6 traz as dicas para criação de uma aventura; nos itens 7 e 8, este material traz as regras para se jogar e uma aventura guiada, respectivamente.

Acreditamos que será de muito proveito, e tanto vocês, professores, quanto seus alunos adorarão se aventurar pelos mundos possíveis de Distritos & Biomas. Sejam bem-vindos, e que sua estadia seja longa, proveitosa e divertida!

Os autores:

Me. Manoel Pedro da Silva Neto

Profa. Dra. Karla Patrícia de Oliveira Luna



## 1 INTRODUÇÃO AO DISTRITOS & BIOMAS

Seu Manoel olhou pela primeira vez aquele açude com água. Finalmente, depois de muita luta frente à prefeitura. Esperava que ele se enchesse de peixes em pouco tempo. Observando aquela água barrenta, entretanto, pensou em como os peixes surgiriam ali dentro. Era um fenômeno interessante, porém, nunca o havia observado de perto. O que ele poderia fazer para descobrir como isso ocorria?

Em sua primeira edição, o Distritos & Biomas traz o semiárido nordestino como ambientação para o *roleplay*. Repleto de diversidade, o bioma abriga desde diversas espécies de organismos, até a multiplicidade da cultura interiorana dos estados nordestinos do Brasil. Enquanto nas florestas há a sazonalidade, alterando as cores e paisagens significativamente entre os períodos chuvosos e de seca, há os rituais, as manifestações e festejos nordestinos, que se entrelaçam com os momentos religiosos e adequam-se às culturas locais dos chamados distritos.

Mas por quê Distritos & Biomas? A perspectiva desse sistema de *roleplay* é levar a professores e estudantes do Brasil a conhecerem um pouco mais sobre os biomas, bem como as culturas existentes em distritos de cidade, abandonando os grandes centros urbanos, capitais e cidades-polo interioranas, o sistema aposta em distritos pequenos de cidades, que muitas vezes abrigam algumas centenas de habitantes, até mesmo dezenas. O aconchego, a simplicidade e proximidade com o bioma que os rodeia tornam os distritos locais ótimos para ambientar histórias, cheias de mistério, saberes científicos e da tradição, bem como se familiarizar com a cultura de novos locais através do *roleplay*.

O principal objetivo desse sistema de RPG é favorecer, através de situações ficcionais e contação de história, discussões acerca da relação humano-mundo natural em sala de aula. A partir das aventuras, que são divididas em três atos, o grupo de jogadores se deparará com o contato com um certo distrito, com o seu bioma envolvente e uma problemática da qual é possível elaborar uma resolução. A partir disso, o professor pode mediar discussões, trazendo conteúdos abordados na ecologia que se entrelaçam com esse importantíssimo tema transversal.

## 2 UM SISTEMA DE *ROLE-PLAY GAME* (RPG)

### 2.1 Histórias interativas

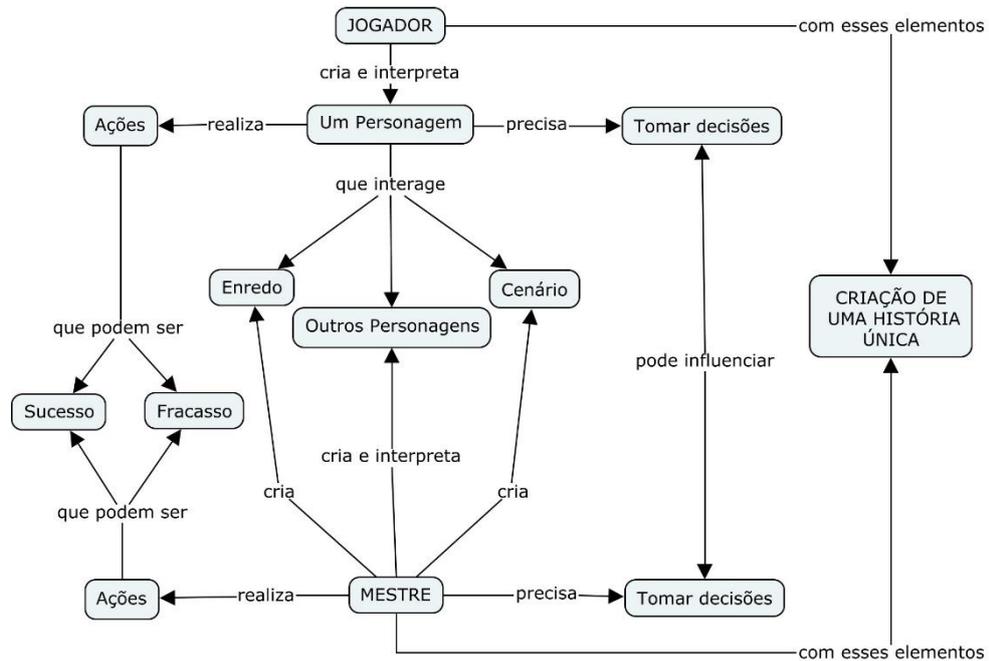
Mestre: Certo pessoal, vocês se encontram agora em um ambiente completamente devastado. É como se aquele açude houvesse secado, e agora o lugar estava completamente deserto, sem nenhuma árvore sequer, apenas



com alguns restos de árvores queimadas nas bordas do que antes era um belo lago cheio de água. Diante de serem transportados estranhamente nesse ambiente, vocês avistam uma mulher chorando sentada em uma pedra.  
 Jogador: Certo, eu vou até ela e pergunto: “Oi, tudo bem? Poderia me dizer onde estamos? Aqui está muito diferente do Distrito da Formiga”.

O jogo de RPG tem como premissa a contação de histórias (RODRIGUES, 2004). Elas são a base e coração do jogo, sempre contendo início, meio e fim. São histórias interativas as quais todos os participantes auxiliam na sua construção. Um deles assume a posição de **Mestre**, que é o responsável por narrar o cenário, os acontecimentos e as consequências das ações dos personagens. Os outros, assumem a posição de **Jogador**, criando assim personagens que interagirão com o cenário proposto e narrado pelo mestre. As interações com o cenário criado podem ser inúmeras e variadas, a depender da imaginação dos jogadores. O RPG permite maior flexibilidade, e tudo que é necessário para se explorar o cenário é de imaginação ativa. A figura 1 esquematiza como funciona um sistema de RPG.

**Figura 1:** Esquematização do funcionamento de um sistema de RPG



**Fonte:** autoria própria (2021).

A dinâmica do RPG, como demonstra a figura 1, pode parecer um tanto complexa a um primeiro olhar. Entretanto, trata-se de um exercício de construção e contação de histórias, onde a criatividade, imaginação, cooperação e tomada de decisões são bastante importantes. Não obstante, tal estratégia favorece a imersão em um ambiente novo, com suas dinâmicas, que



poderão ser abordadas depois em sala de aula. Dessa forma, tanto o mestre como os jogadores, colaboram nessa construção. O jogador, criando e interpretando seu personagem, se descobre nos obstáculos e modo de vida daquele cenário proposto pelo mestre. Este último, se depara com a diversidade e criatividade dos jogadores, e mantém essas duas chamas vivas até o fim da narrativa.

Assim, o jogador adentra naquele cenário imaginativo, como se estivesse controlando um personagem em um vídeo game eletrônico. A diferença, é que as imagens serão geradas por sua imaginação. A interação, entretanto, sai do uso de um *joystick*. Não é mais necessário apertar botões para falar: o jogador fala pelo personagem. Não é mais necessário assistir às *cutscenes*: o próprio jogador descreve como realizou, ou não, uma determinada ação. Em contrapartida, o mestre também interage. Os algoritmos são dispensados, e cabe ao mestre processar e direcionar o que está acontecendo. Os bits dos personagens não-jogáveis também deixam de existir para descrições detalhadas de como determinado personagem, distrito, floresta, lago etc., são. Os desafios propostos agora se alteram, de acordo com a narrativa, com as ações dos jogadores e o mestre, sendo uma jogada única e irreplicável.

Em Distritos & Biomas, a história é dividida em três **atos**. O primeiro ato traz uma contextualização, familiarização e identificação com o cenário (bioma, distrito, pessoas, cultura etc.). Essa familiarização é para que os jogadores consigam imergir na história com os seus personagens.

O segundo ato traz uma problemática, alguma catástrofe, tragédia ou acontecimento que venha por perturbar os personagens ou habitantes do lugar, que possam prejudicar o ambiente, o distrito, ou a cultura do lugar, como por exemplo a desapropriação do distrito para a construção de uma enorme barragem, ou uma indústria de cerâmica que contrata os habitantes do distrito que passam a trabalhar em um regime semelhante a escravidão. O segundo ato foca-se nessa problemática, em apresentá-la.

Por fim, o terceiro ato, traz possibilidades de resolução do problema, onde os participantes devem ser instigados a pensar em estratégias para reverter ou minimizar os danos causados pela problemática do segundo ato, se colocando no lugar dos habitantes do distrito e tentando atuar de forma ativa frente aquele problema apresentado.

## 2.2 O Poder dos Dados

Mestre: A mulher olha para você. A sua expressão é de medo. Ela, instintivamente, sai correndo, como se você a tivesse assustado.

Jogador: Eu tento pará-la.

Mestre: Ok, joga o dado pra saber se você consegue segurá-la.



Jogador: Deu 2.

Mestre: Você, rapidamente tenta segurá-la, mas ela foi mais rápida que você e conseguiu escapar.

A utilização de dados é um elemento importante em sistemas de RPG, apesar de não serem obrigatórios (RODRIGUES, 2004). Os dados auxiliam a determinar se uma ação foi bem-sucedida ou não, sempre que houver a mínima chance da ação resultar em uma falha. O mestre não precisa utilizar sempre, mas apenas nos momentos em que as ações do personagem possam ter influência na história e que haja possibilidade de falha. Em *Distritos & Biomas*, o dado utilizado é o de 6 faces, e a sua rolagem é chamada de **teste de habilidade**.

Nos dados, também se consideram **falha crítica** e **sucesso crítico**. A falha crítica ocorre quando se tira 1 no teste de habilidade. Assim, a falha resulta na pior consequência possível dentro do contexto. Como no exemplo citado no início dessa sessão, caso o jogador tivesse tirado 1, além do jogador não ter conseguido realizar a ação proposta por ele, poderia também ter escorregado e caído no chão na tentativa de segurar rapidamente a mulher. Já o sucesso crítico, quando o jogador tira 6 no dado, dá a ele a possibilidade de jogar o dado novamente e somar com o valor anterior. Os valores para se obter sucesso em uma jogada de dados de acordo com a dificuldade da ação do personagem estão listados na tabela 1.

**Tabela 1:** Valor para se obter sucesso de acordo com os níveis de dificuldade.

Nível de Dificuldade	Valor obtido
Muito Fácil	2
Fácil	3
Moderado	5
Difícil	7
Muito Difícil	9
Quase Impossível	11

Os dados, por tanto, possibilitam que o personagem consiga realizar proezas muito difíceis ou falhar em situações que seriam extremamente fáceis, desde que haja a possibilidade de falha ou sucesso. Sendo assim, situações impossíveis de acontecer no contexto da história, despreza a rolagem de dados, já que o sucesso ou falha acontecerá independente de qualquer tentativa. Desse modo, não é necessário a utilização dos dados, e os acontecimentos, bem como suas descrições, ficarão a cargo do mestre.



Assim, as ações que podem resultar em falha precisam ter um **nível de dificuldade**, cujo mestre saberá se o jogador foi bem ou malsucedido na jogada. O nível de dificuldade deve ser escolhido de acordo com o contexto da história, por exemplo: caçar enquanto há muito barulho exige alta dificuldade até mesmo para caçadores natos. Criar um objeto de cerâmica muito valioso e detalhado exige atenção até para os mais habilidosos artesãos.

### 3 O UNIVERSO DE DISTRITOS & BIOMAS

#### 3.1 Os Distritos

Joana finalmente havia chegado até o Distrito da Formiga. Ainda estava muito parecido desde a última vez que o viu, em sua infância: a entrada, com a rua calçada separada por um canteiro central, ostentava o pequeno reservatório de água elevado. À medida que o carro de linha em que estava subia a rua, Joana olhava para as pequenas casas, reconheceu algumas pessoas que estavam sentadas ao lado de fora das casas no fim de tarde. O carro finalmente parou, ao lado da subprefeitura. O mesmo prédio de dois vãos estava ali, agora pintado em cores diferentes. Joana desceu, e viu o pequeno chafariz, que em sua infância era disputado para a obtenção de água, e que agora estava vazio, não sabendo ela se era por não haver água dentro dele ou por já ter chegado água encanada no distrito.

Os distritos são pequenas comunidades organizadas que estão vinculadas a um município. Essas estruturas são semelhantes a bairros, mas não estão inseridas fisicamente à zona urbana. Por assim, possuem uma organização própria, e um líder político denominado de subprefeito. A economia local geralmente está relacionada a agricultura familiar e outras atividades que estão ligadas à produção de mercadorias relacionada com a matéria prima localizada próximo ao distrito, como por exemplo, o artesanato em cerâmica com argila em uma região próxima da comunidade que é minerada pelos habitantes locais. Sendo assim os distritos podem estar ligados a uma atividade econômica única ou a várias.

Além disso, os distritos podem ter características únicas, relacionadas com sua História. Uma comunidade construída a partir de um antigo quilombo, por exemplo, pode ter uma cultura mais voltada para raízes africanas, como a religião, os hábitos e os festejos. Um distrito onde a maior parte das pessoas são de uma mesma família, de antigos senhores de engenho, pode ser enraizada fortemente no cristianismo ou ter como principal fonte econômica a cana de açúcar. Pode-se encontrar uma lista e descrição de alguns festejos do semiárido nordestino, no qual essa edição é focada, nos anexos.



A proposta é que o distrito em questão traga parte de sua cultura para o jogo, e que essa se relacione com a história, e que, inclusive, seja um dos elementos principais abordados no decorrer do jogo, para que haja uma maior profundidade do cenário e imersão dos jogadores.

### 3.2 Os Biomas

Seu Manoel observava, de sua canoa, a paisagem seca da caatinga em um período de estiagem. A mata cinzenta, espinhenta e lenhosa se erguia do chão seco e rachado do que havia sido as margens do açude, antes de seu volume secar consideravelmente nos últimos meses. Ao longe, em meio ao cinza, o pescador observava se erguer no céu uma coluna de fumaça negra, que advinha da fábrica de cerâmica.

Os biomas terrestres são o cenário paisagístico que compõem a maior parte do mundo de Distritos & Biomas. Por suas características geográficas, meteorológicas e biológicas, os biomas são importantíssimos para a construção não apenas paisagística, mais cultural dos distritos. Um distrito inserido no bioma mata atlântica traz muitas divergências de um distrito inserido no semiárido. Os costumes, os meios de produção, a economia, tudo isso varia de acordo com o povo e a localidade. As problemáticas ambientais também são distintas. As preocupações que comunidades ribeirinhas tem em relação ao meio ambiente, apesar de semelhantes, tem suas particularidades com comunidades situadas no cerrado brasileiro.

Os biomas terrestres, definidos por Ricklefs e Relyea são:

(...) regiões geográficas que contêm comunidades compostas por organismos com adaptações similares são denominadas biomas. Em virtude da evolução convergente, podemos classificar os ecossistemas terrestres pelas formas das plantas dominantes, associadas a padrões distintos de temperaturas e precipitação sazonais (RICKLEFS; RELYEA, 2016, p. 196).

A dinâmica dentro dos biomas é enorme. Diversas histórias inserem suas dinâmicas, como a baixa pluviometria e a preocupação dos personagens com a escassez de água iminente. Como essa edição se passa no semiárido nordestino, o bioma predominante é a caatinga, um bioma terrestre classificado como floresta sazonal subtropical. Sua principal característica é uma temperatura constante, acima dos 30° C, pluviometria baixa e estações marcadas por períodos úmidos e secos. As árvores são em sua grande maioria decíduas, perdendo suas folhas ao longo da estação seca e as recuperando na estação úmida.

A dinâmica da caatinga favorece diferenças marcantes na criação paisagística como cenário. A estação úmida tem uma produção biológica maior, é festejada pelos habitantes e marca a época do plantio e colheita, principalmente do milho, nos meses de maio a junho. No



mês de junho, há também as festividades juninas, com bastante consumo de milho e manifestações de parte da cultura nordestina.

### 3.3 Fragmentação e Complexificação

Olhando para aquela área queimada pela atividade ceramista, Joana sentiu algo diferente. Sentiu-se como se tivesse um pico de pressão arterial, suando frio e ao mesmo tempo sentindo um calor muito forte, que superava o calor daquelas terras quentes. Sentiu sua audição abafada, e uma lufada de vento passou pelo seu rosto. Quando pensou em retornar, viu que tudo estava diferente. O chão não estava queimado, as juremas e catingueiras estavam completamente de pé, verdes. O vento ainda era quente, mas ela sentia um pouco mais de umidade no ar. Ela não entendeu, mas tinha acabado de cruzar a fronteira dos planos e estava, em uma dimensão da qual só tinha ouvido falar: o Plano da Vontade.

Apesar de se passar no mundo real, o mundo de Distritos & Biomas é um mundo fragmentado em dois. Existe o Plano Material e o Plano da Vontade. Acredita-se que esses dois planos foram fragmentados no momento em que o ser humano tomou consciência de si e, passou a desejar, idealizar, imaginar etc. A bifurcação ocorreu, criando um novo plano, onde a vontade existia dependente do real. Pergunta de banca: de onde vêm esses 2 planos? Precisam ser referenciados?

Entretanto, o universo tem a tendência a voltar a sua origem, ter seus dois planos tecidos juntos novamente. Isso só acontecerá se cada vida humana tomar ciência disso e conseguir transitar livremente entre os dois planos. Dessa forma, os dois planos se unirão novamente, sendo apenas um. Essa tendência, faz com que, periodicamente, formas de transição sejam possíveis entre eles.

É possível transitar entre os dois de várias formas. Um objeto doado por alguma criatura que seja capaz de transitar por eles livremente ou por algum ponto de transição de planos existente em um dos dois. Entretanto, é possível, a partir de uma compreensão profunda da natureza, de si mesmo e dos outros, transitar livremente e facilitar a entrada de outras pessoas em quaisquer dos planos.

### 3.4 O Plano Material

Seu Manoel empurra o chão com o remo, e assim a canoa se distancia da margem do açude. Remando agora para o centro do lago formado pela parede de areia e concreto, ele tenta enxergar através da água barrenta se algum peixe já povoa aquelas águas.



O Plano Material é o mundo em que vivemos, com sua aleatoriedade, com riqueza e diversidade biológica que já conhecemos (ou não). É o mundo base, dos humanos, onde se entrelaçam diversas culturas, onde estão os distritos e os biomas. Focado no momento atual, no tempo presente, o plano material é enriquecido com tudo que lhe atua no momento. Desde um grande período de seca abrangendo a região do semiárido nordestino, até os rumores de uma possível pandemia que assola o mundo e sua chegada nos distritos mais distantes das grandes metrópoles. Questões sociais, como a homofobia e machismo, a fome e desigualdade social, e, claro, as questões ambientais, que envolvem tudo isso. As temáticas que podem ser trabalhadas são inúmeras no plano material, desde que corroborem e se adequem à atualidade e realidade dos jogadores.

### 3.5 O Plano da Vontade

Joana olhava para aquelas juremas intactas. O cheiro de mata verde a deixava feliz, bem diferente daquele cheiro de queimado que sentiu há alguns minutos. Mas, onde estava? Parecia o mesmo lugar, só que... diferente. Não havia sinal nenhum de desmatamento. Na verdade, não viu sinal algum de que alguém alguma vez tenha passado por ali. Era como se tivesse pisado, pela primeira vez em sua vida, em um lugar totalmente intocado por qualquer humano.

O Plano da Vontade é uma espécie de dimensão coexistente com o Plano Material. Ele existe a partir dos desejos humanos, seu imaginário e, assim como nomeia o plano, de sua vontade. É um lugar é a expressão material da mente humana. Entretanto, ele é construído coletivamente. As áreas do Plano da Vontade estão ligadas de forma muito íntima a alguma cultura humana que esteja próxima e são influenciadas por ela. Totalmente dependendo do Plano Material, essa dimensão tem este como base, e é decorrente do que acontece a ele.

Entretanto, o Plano da Vontade, por ser influenciado pela vontade humana, é moldável. Ele é construído a partir de elementos do Plano Material, que são deformados, distorcidos e remoldados, conforme à vontade humana coletiva, definindo assim novas paisagens, novos organismos, novas formas de se relacionar. Por ser influenciado de forma coletiva, não há como se prever com exatidão como essa dimensão de comportará. Sua expressão é uma espécie de compilado de toda a humanidade, refletindo em suas áreas, de forma mais evidente, a expressão coletiva de algum grupo próximo.

As possibilidades de criação de histórias nesse plano são infinitas. Certo povoado de algum distrito pode temer uma catástrofe futura em decorrência de alguma previsão religiosa e, nesse lugar, o Plano da Vontade pode se comportar como um futuro distópico, por exemplo.



Ou, o grupo pode temer o passado, algum evento que causou traumas, como o rompimento de uma barragem, e assim o plano se comportará, nesse lugar, como um local totalmente devastado por uma enchente. Ou até mesmo, uma comunidade onde as pessoas acreditam em superstições e magias, o plano se comportará ali com a existência de magias e se pode realizar rituais para se conseguir grandes feitos nesse lugar.

## **4 CRIANDO UM CENÁRIO**

### **4.1 O Cenário em D&B**

Os cenários em D&B compreendem todo o plano de fundo no qual os personagens criados pelos jogadores interagirão. O cenário, por tanto, é composto de elementos físicos e abstratos que compõem o distrito e o bioma. Elementos físicos, como pessoas, animais, paisagens, casas, indústrias, rios, árvores, luz, sons, sensações, etc. Já os elementos abstratos, são aqueles nomeados pelo ser humano, que só existe a partir da interpretação e mentalidade humana, como manifestações culturais, política, inimizades, rivalidades, alianças, laços fraternais etc. As histórias de D&B são sobre a espécie humana e sua complexidade: biológico, cultural, social, espiritual... O humano é multifacetado (MORIN, 2002), por tanto, os cenários de D&B devem trazer esses elementos. Para facilitar o processo de criação, pode-se criar duas listas, uma anotando elementos físicos e outra para registros de elementos abstratos.

### **4.2 Tomando Nota**

Para organizar melhor as ideias na criação de um cenário, pode-se elaborar listas com elementos que preencherão esse universo que será o plano de fundo para a interpretação dos personagens. Você poderá escrever quantas listas quiser, entretanto sugerimos duas, que dividirão em elementos físicos e não-físicos.

Na primeira, deve-se conter a paisagem do bioma, do distrito, das pessoas que interagirão com os personagens, de elementos pontuais onde ocorrerão acontecimentos-chave, como açudes, indústrias, capelas, praças, feiras, etc. É importante dosar o detalhamento de alguns itens, para que não se demore muito com a descrição de locais pouco importantes na história e vice-versa: acabe por simplificar na descrição de localidades muito importantes.

Na segunda lista, deve-se registrar se existe alguma política local, se as relações entre as pessoas do distrito são harmônicas, se existe alguma festa ou evento importante que deva ser considerado, etc. Da mesma forma, deve-se tomar cuidado para não acabar explorando algum



elemento abstrato demasiadamente e dar pouca importância para outro que seja muito relevante, como por exemplo, se ater na descrição de festejos juninos, em uma história que se passa no mês de novembro, e descrever, com poucos detalhes, a importância das eleições municipais, que estão às vésperas e que podem influenciar no comportamento da população do distrito.

### **4.3 Elementos Físicos**

#### **4.3.1 Bioma**

A partir da lista de elementos, pode-se então caracterizar o cenário. Para o semiárido, considere o período do ano: se chuvoso ou de estiagem. Os períodos chuvosos, que ocorrem no verão úmido e quente característicos dessa região, são caracterizados por uma umidade maior do ar, a mata é verde, há água nos pequenos açudes e barreiros, com prováveis cachoeiras e riachos correndo. Existem fungos no solo, nas árvores, em material em decomposição. À noite, há uma grande quantidade de insetos que são atraídos pelas luzes das casas e estabelecimentos. É comum que alguns anuros, como sapos, rãs e pererecas sejam atraídos para o convívio urbano. As estradas de carroçáveis se tornam mais difíceis de transitar, devido à característica argilosa e sua capacidade de reter água, formando poças de lama ou expondo rochas que estavam mais afundadas.

Por sua vez, no período de estiagem, entre o inverno e a primavera, a mata se apresenta mais seca, com sua coloração acinzentada. Algumas plantas se mantem verdes, como Cactáceas e Euforbiáceas. Não é tão comum o surgimento de anuros, a não ser próximo de locais com água disponível, como açudes e pequenos barreiros. O número de insetos também é menor, dado a pouca presença de flores e a produção de biomassa é baixa. As estradas carroçáveis, entretanto, são mais fáceis de se transitar, por não haver regiões de lamaçal e por estarem com suas rochas cobertas por baixa erosão pluvial. As noites costumam ser quentes e o ar seco.

Por fim, o período de transição entre os períodos de chuva e de estiagem, são marcadas por uma paisagem que inicia sua caducifolia, com bastante floração de diversas plantas, como a Craibeira e o Ipê. É marcada por chuvas rápidas e esparsas. Nesse período, é muito comum a redução da temperatura durante à noite e a madrugada, e é marcado pela colheita e as festas do juninas. As plantas começam a diminuir a sua coloração verde, apesar da mata ainda não estar cinzenta.

#### **4.3.2 Distritos**



No semiárido, os distritos são comunidades rurais não grande o suficiente para se tornarem municípios, mas organizadas e grandes o suficiente para receberem um apoio maior da prefeitura. Assim, os distritos no semiárido nordestino possuem organização o suficiente para disporem de:

- Unidade Básica de Saúde;
- Escola com pelo menos os anos iniciais do ensino fundamental;
- Prédios religiosos, como igrejas, terreiros, barracões, de acordo com o número de fiéis de suas respectivas religiões;
- Praça;
- Mercados pequenos, também chamados de mercearias;
- Sistema de abastecimento de água ou distribuição de água por carro-pipa a depender do município;
- Energia elétrica;
- Coleta de lixo;
- Veículos de transporte (privados) entre o distrito e a área urbana do município, também chamados de carros de linha;
- Área destinada ao esporte e lazer;
- Agricultura e Pecuária familiar;
- Corpos d'água que podem ser poços, rios, lagoas, açudes;
- Sub-prefeitura, um local semelhante a um conselho comunitário;
- Habitantes, que podem variar os costumes de acordo com a cultura do distrito.

#### 4.4 Elementos Não-Físicos

Os elementos não físicos estão ligados ao comportamento e vivência das pessoas que habitam os distritos. Dentre eles, a cultura e etnia são os principais. Um distrito que surgiu a partir de uma comunidade indígena é diferente de outro que emergiu a partir de um Quilombo. Os habitantes possuem suas tradições, seus saberes tradicionais, seus costumes, festejos, organização política e habitacional, economia, etc. Esses elementos são importantes, pois auxiliam a “dar vida” ao cenário onde os jogadores estão inseridos com seus personagens. Além disso, esses elementos envolvem também os **Personagens do Mestre**, que são aqueles criados pelo mestre do jogo para interagirem com os personagens dos jogadores. Assim, para facilitar, a criação do cenário.



## 5 CRIANDO UM PERSONAGEM

A criação de um personagem de D&B é bem simples, uma vez que os personagens são pessoas comuns, sem algum atributo mágico ou de combate. Para a criação de um personagem, é necessário antes, porém, pensar no **Conceito** daquele personagem. O Conceito é a ideia central do personagem, o que ele faz, o passado, o futuro e qual papel ele desempenha no momento em que o jogo se passa. Sendo a ideia base, a partir dela, fica mais fácil de ajustar as outras características. Por exemplo: você quer que o seu personagem seja uma pessoa que não mora no distrito, mas que devido à morte de um parente, seu personagem foi obrigado a se mudar para lá, para cuidar dos primos ou familiares que ficaram desamparados.

A partir dessa ideia inicial, podem-se ajustar outras características: o que esse personagem fazia antes de se mudar; se tem alguma profissão; qual a relação dele com aquele lugar; se ele pretende permanecer naquele distrito, entre outros. Depois que o conceito do personagem estiver pronto, vem as características secundárias, como aparência; trabalho (ou desempregado) e pessoas com quem se relaciona. Por fim, as características terciárias, que serão as **habilidades** que o personagem tem. Esta última, serão as últimas características do personagem, porque precisam se adequar às anteriores. Um personagem que passou a vida na universidade, por exemplo, pode ter a habilidade de inteligência, entretanto, se ele é um personagem com uma aparência física musculosa, resistente, ele pode ter a habilidade de força.

As habilidades precisam estar ligadas da melhor forma possível com o conceito do personagem. Ao cria-lo, o jogador pode escolher apenas uma, por isso é necessário observar bem o conceito. Essa característica habilita o personagem a realizar alguma atividade com maior precisão, e decorre das experiências que o personagem teve antes daquele momento em que se passa o jogo, por exemplo: o personagem cresceu observando a natureza, conversando com seus pais e avôs que lhe ensinavam sobre a natureza. Assim, o jogador lhe atribui a habilidade de experiência, que lhe dará um conhecimento a mais quando for necessário rolar algum teste de habilidade, e impede que ele tenha uma falha crítica (tirando 1) no respectivo teste, já que ele possui um conhecimento maior que os demais.

Assim, o jogador que tiver alguma habilidade, esta se reverte na jogada de um dado adicional no momento de um teste de habilidade, desde que o seu conceito esteja relacionado com a habilidade. Retomando o exemplo anterior, diante de um teste de habilidade relacionado a conhecimentos da natureza, como saber se uma chuva demorará a passar, pode se adicionar um dado extra durante a rolagem para auxiliar no sucesso no respectivo teste de habilidade.



Entretanto, esse dado não poderá ser utilizado quando o teste exigir outra habilidade, como por exemplo, empurrar uma pedra grande, que por sua vez exigirá força. Ao construir por completo, deve-se anotar todas essas informações na ficha de personagem, presente nos anexos desse material. Ela contém os espaços para registrar as informações básicas do personagem. Por fim, caberá ao mestre determinar se tal habilidade se aplica ou não a algum teste de habilidade. As habilidades que cada personagem pode ter estão listadas no quadro 1. Um último espaço, entretanto, de **encontros aleatórios**, fica a cargo de ser preenchido pelo mestre após desenvolver a história. Os encontros aleatórios podem ocorrer em situações diversas, a cargo de opção do mestre. É preciso que, algum personagem do mestre, combine com o encontro aleatório informado na ficha do personagem do jogador.

**Quadro 1:** Listagem e descrição das habilidades

HABILIDADES	DESCRIÇÃO
Eloquência	Capacidade em realizar ações que necessitem de habilidades de oratória, discurso, engano e intimidação
Experiência	Capacidade em realizar ações que necessitem de habilidades ligadas ao conhecimento popular e por observação, obtidos a partir das vivências;
Força	Capacidade em realizar ações que necessitem de habilidades de força bruta;
Inteligência	Capacidade em realizar ações que necessitem de habilidades ligadas ao conhecimento formal, obtido através de instituição de ensino;
Precisão	Capacidade em realizar ações que necessitem de habilidades ligadas a execução de tarefas com acuidade e precisão;
Vigor	Capacidade em realizar ações que necessitem de habilidades de resistência física;

## 6 CRIANDO UMA AVENTURA

Para criar uma aventura em Distritos & Biomas é necessário levar em consideração três elementos principais: O cenário, o enredo e a problemática. Os três elementos precisam estar conectados entre si, de modo a criar uma coerência e aumentar a imersão dos jogadores. Por exemplo: o enredo se passa na época das eleições 2018, que no Brasil se dá nos meses de setembro a novembro. Esse é um período onde a caatinga está no período seco, dessa forma, não faz sentido descrever as árvores como verdes, floridas, etc., sendo um período onde quase todas as espécies estão hibernando e já perderam suas folhas. Portanto, é preciso considerar que os três elementos estejam envolvidos e relacionados, pelo menos para o mestre. Segue a descrição de cada um:



*Cenário*: é todo o plano de fundo onde se passará a história. Para se aprofundar mais, veja o capítulo 5;

*Enredo*: é a história principal que se desenvolve ao longo do jogo e está ligado intimamente com o cenário e a problemática. O Enredo é dividido em três atos: Identificação, Despertamento e Intervenção.

No ato de Identificação, é o momento do enredo em que se há um primeiro contato dos **jogadores** com o cenário. Os jogadores estão destacados, porque os personagens podem já estar inseridos no cenário. Esse ato é caracterizado pela identificação dos jogadores com o cenário, com o distrito e com o bioma. É muito importante que a descrição do cenário seja detalhada, para que os jogadores se sintam como os personagens no meio do ambiente em que eles estão, a partir da imaginação que é gerada ao se descrevê-lo. Ao descrever uma das festas comemorativas, por exemplo, é importante descrever como o lugar está decorado, que cheiros podem ser sentidos, se o som está alto, baixo, qual música está sendo tocada, como as pessoas estão organizadas, se estão dançando, prestando atenção em algo, etc. Esse ato deve ter a duração necessária para se envolver os jogadores. A descrição pode ser precisa, de modo a situar o distrito. Para mais detalhes, leia o item 8.

No ato seguinte, o Despertamento, a proposta é gerar um conflito ligado à problemática. Esse conflito deve ser o suficiente para preocupar a população do Distrito incluindo os personagens. O conflito pode ser o desmatamento de uma área próxima que causa revolta a população, a contaminação de um rio, a mudança de gestão em uma indústria de cerâmica que passa a manter suas atividades a partir do trabalho escravo, etc. O conflito pode, inclusive, existir há algum tempo, desde que nesse ato ele seja responsável por guiar o enredo. O grupo pode, inclusive, atravessar para o Plano da Vontade, onde uma vontade forte se manifesta, demonstrando o futuro daquele lugar, sinalizando um conflito iminente, mas que ainda não aconteceu.

O Terceiro Ato é a Intervenção, no qual os jogadores propõem uma possível solução para o problema, e o desfecho do enredo é dado, a partir das decisões dos jogadores e da pertinência das ações dos personagens para a história. A questão central que gira em torno do terceiro ato é: quais ações podem auxiliar na resolução do problema? Retomando um dos problemas anteriores, que possíveis soluções auxiliariam na interdição da fábrica de cerâmica para libertar os trabalhadores em regime de escravidão? E, caso isso aconteça, quais as



repercussões disso? Somente então, o enredo pode ter um desfecho, onde o destino do distrito, dos ecossistemas e dos personagens finalizarão levando em conta as suas ações anteriores.

Dessa forma, com os três atos estabelecidos, o enredo possui começo, meio e fim. O começo, no primeiro ato, onde os jogadores conhecerão o cenário. O segundo ato, o meio, onde o conflito será apresentado, e os jogadores são expostos a esse conflito. Por fim, o terceiro, que é o desfecho e exigirá dos jogadores um posicionamento, no qual eles terão que realizar alguma ação que possa intervir.

*Problemática:* é o principal tema sobre o qual o professor/mestre quer trabalhar com seus alunos/participantes. Como proposta do Distritos & Biomas, a problemática precisa ter caráter ambiental. Pode-se trabalhar com poluição de mananciais aquáticos, desmatamento, desigualdade social, falta de políticas públicas, problemas com saneamento básico, endemias etc. A possibilidade de se trabalhar temáticas ambientais é ampla. Assim, o professor/mestre pode escolher a temática que quer trabalhar com seus alunos/participantes, de modo a gerar discussões durante e posteriormente.

Portanto, a Aventura para o Distritos & Biomas é um enredo que se desenvolve em torno de uma problemática dentro de um cenário, sobre o qual os personagens conseguem interagir, progredindo o e no enredo. Cada aventura é única, mesmo que seja realizada a partir de uma Aventura Guiada, pois cada personagem vai agir a seu modo, bem como cada jogador, incluindo o mestre.

## 7 JOGANDO UMA AVENTURA

Para auxiliar ao se jogar Distritos & Biomas (e até mesmo qualquer RPG), seguem quatro dicas importantes:

### 7.1 Vivencie o personagem

RPG são jogos de se contar histórias. Ao criar e jogar com o seu personagem, seja ele Personagem do Jogador ou do Mestre, você precisa interagir como se fosse ele. Afinal, o seu personagem é quem interage com o cenário apresentado. Você atua como se fosse o personagem, e não como você mesmo: isso quer dizer que há coisas que você sabe que seu personagem pode não saber, e vice-versa. Desse modo, você deve agir como tal, evitando o que se chama no RPG de **meta-jogo**, acontecimento em que você, ao jogar com seu personagem, age como se fosse o jogador. Por exemplo: o seu personagem não sabe absolutamente nada sobre mananciais aquáticos, mas você, jogador, é um especialista no assunto. Você não pode utilizar do



conhecimento que você, jogador, tem para se sobressair em alguma situação, pois seu personagem não possui tal conhecimento. O meta-jogo dificulta a imaginação e interpretação do jogo, podendo quebrar a imersão e desestimulando os jogadores a continuar o enredo. Dessa forma, apesar de não ser proibido, é desencorajado em praticamente todos os sistemas de RPG e não é diferente nesse.

Você também pode ser detalhista. Ao invés de apenas dizer: meu personagem diz isso, você pode dizer exatamente o que seu personagem fala sem essa introdução. Lembre-se, você é o seu personagem e está naquele cenário no momento do jogo. Além disso, descreva suas ações da forma mais detalhada possível, já que não há como imitar fisicamente com exatidão. Descreva as expressões, os movimentos, etc.

Por fim, algumas ações suas vão precisar de um teste. Nesse momento, lance o dado, ou os dados, se for o caso, e torça para que o mestre a partir do seu resultado diga que você passou. Caso contrário, tudo bem, alguma outra coisa acontecerá. De toda forma, você precisará descrever o que você fez, e o mestre pode pedir-lhe para descrever também a consequência do sucesso ou não.

## **7.2 Aja, mesmo que isso signifique não fazer nada**

RPGs no geral são jogos que progridem em turnos e rodadas. Um turno equivale a algumas ações do personagem, e uma rodada equivale ao somatório de um turno dos personagens. Por exemplo: em um grupo de cinco personagens, o turno do primeiro inicia uma rodada e o do quinto fecha a rodada, abrindo-se uma nova quando o primeiro personagem começa o turno novamente.

Distritos & Biomas é um jogo que requer ações dos personagens a partir do que os jogadores decidem fazer. Essas ações podem se refletir no cenário ou ter pouca importância. Em alguns momentos, o enredo vai requerer que o personagem aja, mas o jogador pode decidir que o personagem não fará nada. Isso também é possível, e às vezes pode ser determinante. Cada personagem tem duas ações por turno. Ação, por tanto, em Distritos & Biomas é definido como qualquer atividade que o personagem precisa realizar de modo ativo. Um personagem pode ligar um fogão e se queimar acidentalmente, o ato de ligar o fogão é ativo, já a queimadura é passivo. Assim, a ação do personagem foi apenas ligar o fogão.



### 7.3 Use a imaginação

Distritos & Biomas é um jogo de contação de histórias. Sendo assim, você será mais um contador, a partir da sua visão de mestre ou da visão do seu personagem. Você precisará prestar atenção nos cenários, nos acontecimentos, para que você possa interagir coerentemente. Sendo assim, é necessário se privar ao máximo de outras distrações, como celulares, e focar a atenção no que está acontecendo na história. Como abordado no item 8.1, frequentemente seu personagem precisará desempenhar uma ação, portanto é crucial que você esteja afiado e envolvido na história, afinal, você é parte dela.

### 7.4 Construa e vivencie os Encontros Aleatórios

Encontros Aleatórios são nada mais que eventos que podem surgir, aleatoriamente, enquanto o jogador interpreta seus personagens. Em D&B, os encontros aleatórios, entretanto, estão ligados com a biografia do personagem, e ocorrem para favorecer algum evento, auxiliar na narrativa ou no desempenho do personagem. Entretanto, para o jogador, o encontro ainda será aleatório, dado que ele não sabe o determinado momento em que ele irá acontecer. Para exemplificar, um personagem tem histórico com política em sua biografia. Logo, um encontro aleatório com ele poderá ser acontecimentos ligados aos políticos, debates entre partidos, crítica ou elogios a um prefeito etc.

Para facilitar o jogo, é preciso que tanto mestre como jogador se empenhem em criar e vivenciar encontros aleatórios. O mestre, colocando-os no momento certo e o jogador, deixando com que se personagem se envolva com a situação.

### 7.4 A Regra de Ouro

Como todo RPG, Distritos & Biomas não difere da sua principal regra. Apesar de ser um instrumento voltado para o ensino, ele também tem como objetivo a diversão. Sendo assim, a regra de ouro é diversão em primeiro lugar. Qualquer regra ou instrução desse material pode ser transgredida desde que seja com o objetivo de diversão de todos. Caberá ao mestre decidir ignorar ou não alguma regra, mas não sem pedir a opinião do restante dos participantes.

## 8 AVENTURA GUIADA: O FUTURO DA FORMIGA



Segue, a partir de agora, uma aventura guiada, de modo a facilitar a compreensão das etapas do jogo, bem como poderá ser utilizada inicialmente. Diversas aventuras podem ser criadas do zero. Esta que se seguirá, será apenas um exemplo.

Assim, de modo a compreender melhor as instruções diretas para o mestre estarão em *itálico*.

## PRÓLOGO

*A descrição deverá ser dada antes da criação dos personagens, de modo a inspirá-los na criação dos seus. Portanto, antes de qualquer coisa, leia o texto abaixo, ou, se preferir, adapte-o ou incremente-o:*

O Distrito da Formiga fica localizado no município de Baraúna/PB. É um distrito pequeno, com cerca de 150 habitantes. Com as casas amontoadas em apenas duas ruas de barro pisado, o distrito dispõe de uma subprefeitura, que fica localizada no início da Rua do Rochedo, rua que dá acesso à estrada principal que retorna ao município. Entre ela e a outra rua, a Rua São João, fica a praça e a pequena capela da cidade, dedicadas ao santo do mesmo nome da rua, sendo ele o padroeiro do distrito.

As casas são abastecidas unicamente por carro-pipa, que traz água de qualidade duvidosa para os habitantes. Não foi apenas uma vez que a Unidade Básica de Saúde (UBS), localizada ao lado da subprefeitura ficou lotada pelas crianças com alguma doença gastrointestinal. Com apenas um médico plantonista, que aparece apenas nas quartas-feiras, as crianças ficaram à mercê dos medicamentos comprados na mercearia de dona Francisca, em sua residência, localizada na praça.

À medida que o São João se aproximava, o distrito aumentava a quantidade de habitantes. Estimava-se que triplicaria o seu número, pois era muito comum a chegada de pessoas de diversas partes do estado e até mesmo do país para participarem da festa e rever seus familiares. Era um evento muito prestigiado, senão o mais prestigiado do lugar. Era o período de mais fartura, e onde a economia do pequeno distrito fluía bem, pois além dos festejos, culminava na colheita principalmente do milho, que era vendido e gerava renda, que era praticamente advinda da agricultura familiar.

Os habitantes de Formiga, bem como os visitantes, se empenhavam nas decorações. Se reuniam, decoravam a praça, o espaço onde as quadrilhas juninas se apresentavam, as barracas de venda de comidas e artesanato, e o palanque onde o subprefeito fazia o seu discurso e se



apresentavam as bandas. Aqueles mais religiosos decoravam também a capelinha, onde aconteciam as novenas e a missa do último dia de festa – e o melhor, conforme diziam aqueles que acompanhavam todos os dias de festa. Entretanto, os outros dias também não eram ruins: o dia de abertura, por exemplo, quase superava o último, com todos animados para a semana de festas.



## ATO 1 – O PRIMEIRO DIA DE FESTA

*Observe as fichas de cada personagem, e se preferir, anote desde já possíveis ligações entre eles o cenário e entre os outros personagens do jogador. Anote, possíveis encontros aleatórios, de acordo com a biografia do personagem em cada uma das fichas. Posicione os personagens de acordo com seus encontros aleatórios. Caso se conheçam, você pode promover encontros entre eles. À medida em que você descrever o ambiente, insira os personagens à medida em que você descreve o ambiente da festa. Abaixo uma opção de descrição, que você poderá ler e escolher um dos locais para os personagens estarem.*

A festa está para começar. A praça São João está repleta de pessoas, aguardando após o término da novena, o início da parte social da festa de São João. Bandeiras juninas cobrem o céu, e o cheiro de milho cozido, fumaça das fogueiras e de pólvora das bombinhas inundam o ar. É quase impossível compreender alguém que esteja falando baixo, pois o burburinho de vários sons se mistura nos ouvidos. Há pessoas por todo o lugar, caminhando de um lado para o outro com camisas quadriculadas e vestidos de chita. Várias crianças correm pelo local, algumas sendo repreendidas pelas mães, outras atirando traques uns nos outros.

Há diversas barracas, iluminadas de forma improvisada com lâmpadas incandescentes penduradas por um fio. Além de barracas de comidas (*insira os personagens aqui, por exemplo: - João, seu personagem está em uma barraca dessas, se deliciando com uma pamonha, e Maria, sua personagem está acertando o quinto chocolate seguido na barraca de tiro ao alvo. Utilize atividades que provavelmente os personagens dos jogadores realizariam, de acordo com a ficha de cada um*), há barracas com tiro ao alvo, pescaria e com venda de artigos de artesanatos. Os vendedores não param, com diversos clientes passando por suas barracas ao longo das duas ruas que margeiam a praça. Há também alguns espaços para brincadeiras: crianças brincando de cabo de guerra, outras pulando corda, tudo em troca de algumas balas para o vencedor. Ao centro da praça, um palanque estava instalado. A primeira banda a tocar da noite estava se organizando para começar, enquanto esperavam o discurso do subprefeito.

*A partir daqui, inicie os encontros aleatórios de acordo como você anotou na sua ficha de cada personagem. Conduza os encontros de modo que consiga direcionar os personagens para a Barraca dos Artesanatos, a Barraca de Seu Manoel. Por exemplo: você pode ter anotado na ficha do personagem um encontro que acontece quando alguém fala mal do prefeito. Assim, faça com que esse evento aconteça, próximo a barraca, o que vai chamar a atenção do personagem para lá.*

*Assim que cada um chegar na barraca (poderão chegar individualmente ou em grupo, depende dos personagens se conhecerem e dos encontros aleatórios) leia:*



Você chega à barraca e observa uma grande quantidade de artefatos bem trabalhados em cerâmica. Iluminados pelas lâmpadas incandescentes, você observa um pequeno vaso preto, com detalhes em vermelho e branco. Aos detalhes, apesar de parecerem pontinhos de longe, a uma inspeção mais de perto revelam flores. Atrás da barraca, um senhor magro e com idade por volta dos 70 anos sorri para você. Ele se apresenta com um boa noite:

- Boa noite, me chamo Seu Manoel. Gostaria de comprar alguma coisa?

Você observa aquele senhor falando com você, mas a única coisa que você consegue prestar atenção é naquele pequeno artefato. Subitamente, você sente que precisa dele a qualquer custo.

*Abaixo segue a ficha de seu Manoel:*

<b>PERSONAGEM DO MESTRE</b>	
Personagem:	Seu Manoel
Número:	01
Profissão:	Artesão (autônomo)
Conceito:	Seu Manoel é uma espécie de faz tudo no Distrito da Formiga. Ele faz queijo, artesanato, pesca e fazia serviços mais pesados quando mais novo. Já aposentado, Seu Manoel gasta seu tempo fazendo e vendendo artesanato para complementar a renda, visto que cria três netos de uma filha desaparecida. Já foi o subprefeito da Formiga, e fez muito durante esse período, conseguindo água encanada, que agora já não existe no distrito.
Aparência:	Um senhor de aproximadamente 70 anos, magro, pequeno e do cabelo grisalho. A pele é manchada de sol, com uma tonalidade que varia em diversos pontos da pele.
Habilidade:	Experiência
Encontro Aleatório:	Alguém procurando por artefatos de cerâmica ou com informações da filha desaparecida.

*Quando finalmente todo o grupo de personagens estiver ali, juntos, o subprefeito começa a discursar. Foque a atenção dos personagens para a voz que ecoa do palanque e do microfone.*

Vocês olham para o palanque, e além da banda que continua organizando os instrumentos, vocês veem Marcos Cobra, o subprefeito da cidade ao lado de um homem, vestido de terno e gravata, ao seu lado. Marcos pega o microfone:

“Boa noite, meus caros amigos. Venho dar as boas-vindas a mais uma festa de São João do Distrito da Formiga! Consegui com o prefeito da cidade diversos apoios, e a festa tem tudo para ser um estouro! Temos diversas barracas esse ano, e teremos as mais diversas atrações de



todos os tipos! Consegui também o patrocínio da indústria de cerâmica *CERATELHA LTDA.*, aqui representada por Seu Jobson, do meu lado. Em breve podemos conseguir mais empregos, não é Seu Jobson, com uma indústria desse porte aqui? No mais, quero desejar boas festas para todos, aproveitem!”

<b>PERSONAGEM DO MESTRE</b>	
Personagem:	Marcos Cobra
Número:	02
Profissão:	Subprefeito (ex-vereador de Baraúna)
Conceito:	Marcos Cobra é um político, que após perder as eleições retornou para o Distrito da Formiga, onde cresceu. Lá, apesar de não ter conseguido água, conseguiu, em troca de favores, diversos recursos para o distrito. Sempre ligado ao prefeito, que nunca pisara no local, Cobra sempre parecia a par do que acontecia no resto do município, estando sempre um pé a frente de qualquer outro.
Aparência:	Um homem de 40 anos, de cabelo ralo e calvo. Sempre anda vestido com roupas sociais. Sempre cordial.
Habilidade:	Eloquência
Encontro Aleatório:	Alguém protestando ou falando mal do prefeito

Após o discurso do subprefeito, vocês voltam sua atenção para o pequeno artefato. Vocês percebem que não são os únicos interessados, mas que os outros que estão ali na barraca também. O que vocês fazem?

*Nesse momento você deve deixar os personagens decidirem suas ações, para tentar obter o objeto. A cada ação realizada, peça um teste de habilidade a depender da ação. Por exemplo: o personagem quer tentar roubar o artefato. Com várias pessoas na barraca observando, é uma ação muito difícil ou quase impossível. Sendo assim, estabeleça o teste de habilidade de precisão, com a dificuldade entre difícil e quase impossível. Siga assim para outros testes, avaliando a dificuldade e habilidade utilizada. Lembre-se que, caso o personagem possua a habilidade do teste, ele tem direito a jogar um dado adicional e somar o valor.*

*Se alguém conseguir obter o artefato, na hora que conseguir, todos serão transportados para o Plano da Vontade*

*Caso cada personagem ter realizado pelo menos uma ação e não obtiver o artefato, Seu Manoel proporá uma nova situação. Leia:*

Seu Manoel olha firmemente pra vocês e sorri.



“Bem, já que todos querem esse maravilhoso artefato, vou propor uma nova situação: que tal brincarem de uma velha brincadeira, chamada batata que passa, passa? Assim, quem conseguir vencer ganha o direito de comprar o artefato. Os outros terão que se conformar.”

*Proponha que o jogo de batata que passa, passa seja desenvolvido com os jogadores. Caso não seja possível, informe que será realizado um teste de Precisão, e quem tirar o menor valor perderá, até reste apenas um.*

“Parabéns, você conseguiu! Aproveite!”

*Se os personagens não concordarem em jogar, Seu Manoel olhará para eles, colocará o artefato mais para perto de um deles e dirá:*

“Bom, isso já demorou demais”

*Após quaisquer uma das situações, todos serão transportados para o Plano da Vontade. Leia:*

Vocês começam a se sentir mal, como se o estômago de vocês se revirasse. Vocês sentem um enjoo muito forte, como se fossem vomitar a qualquer instante. Os sons ficam abafados, seus olhos parecem observar um mundo turvo, e a temperatura fica quente e úmida, diferente do clima do distrito. Vocês sentem como se fossem desmaiar. Porém, no instante seguinte, todos vocês olham e veem que estão na mesma praça. Entretanto, está tudo deserto e aparentemente abandonado pelo tempo. As árvores estão secas, como que queimadas. Vocês olham para barracas que antes estavam instaladas lá, e somente enxergam o seu esqueleto metálico, distorcido, preto e jogado ao chão. As casas estão completamente depredadas, sem telhado, janelas ou portas. Vocês se olham entre si, se perguntando o que acontecera ali.

## **ATO 2 – FUTURO DISTÓPICO**

*Os personagens estão no Plano da Vontade, em um futuro distópico, no qual o Distrito da Formiga deixou de existir. Houve a explosão de um tanque de combustível, que havia sido colocado propositalmente no meio da festa, para que se auxiliasse no acendimento das fogueiras. A explosão causou um incêndio, que espalhou pelas barracas e acabou com a festa. Mais tarde, Seu Jobson se ofereceu para ajudar as pessoas, construindo uma indústria de cerâmica próximo ao distrito. Empregando os habitantes da cidade em condições sub-humanas, a economia do distrito decaiu, sem qualquer auxílio da prefeitura. O subprefeito, passou a ser sócio do Seu Jobson e a partir de então nada mais fez pelo distrito.*



**Leia:** Vocês estão em um lugar muito parecido com o que vocês estavam antes, mas ele é diferente. O cheiro de fumaça envolve o ar, as árvores queimadas não exalam mais o cheiro de folhas verdes pelo lugar. Tudo parece abandonado ali. Ao olhar para o lado, vocês observam uma grande indústria de cerâmica, e de suas chaminés uma fumaça negra se elevando ao céu. O que vocês querem fazer agora?

*Nesse ponto, crie encontros aleatórios caso algum dos personagens decidir não realizar nenhuma ação. Caso todos realizem, escolha um ou dois para um encontro aleatório com um habitante que lhes contará tudo o que aconteceu. Francisca é a personagem que aparecerá, com uma criança nos braços, um tanto desnutrida. Caso ela conheça algum do grupo, ela sentiu a falta durante 2 anos, e agradece a pessoa ter retornado depois que tudo aconteceu.*

<b>PERSONAGEM DO MESTRE</b>	
Personagem:	Francisca Oliveira
Número:	03
Profissão:	Enfermeira
Conceito:	Francisca Oliveira é uma enfermeira cuidadora de idosos, que ajuda os mais velhos no distrito da Formiga. Se mudou para lá para cuidar dos seus avós, que morreram um ano antes do momento em que o grupo a encontra. Lá, ela engravidou do subprefeito, mas ninguém sabe. Seu filho vai fazer um ano, mas economicamente Francisca não tem como criar o filho.
Aparência:	Uma mulher de 26 anos, de cabelos pretos, porém branca. Tem sobrepeso, e sempre anda com seu filho nos braços e roupas de grávida.
Habilidade:	Inteligência
Encontro Aleatório:	Alguém perguntando o que está acontecendo

Uma moça de mais ou menos 25 anos chega até vocês. Ela parece segurar um bebê nos braços. Branca e dos cabelos negros, ela se aproxima e pergunta: “O que vocês fazem aqui? Parecem perdidos.”

*Desenvolva a conversa entre o grupo e a personagem e caso perguntem, ela conta o que aconteceu.*

“Então... vocês não sabem o que aconteceu, não é mesmo?”

“Bom, no terceiro dia de festas, um tanque de combustível explodiu. Era um tanque que estava lá colocado pelo subprefeito, para que pudéssemos deixar a fogueira acesa. O tanque explodiu, respingando combustível para todos os lados, que começou a pegar fogo em tudo.



Tinham muitas fogueiras, e o impacto da explosão logo se espalhou pelo lugar. Ninguém morreu, mas alguns ficaram feridos gravemente. A Dona Clara, a neta dela, Valentina, que estava perto da fogueira, o Seu Manoel, a Maria Quitéria, o Seu José”.

“Depois disso, quase que organizado, o Seu Jobson, dono daquela fábrica ali” – ela aponta para a enorme construção e as chaminés exalando fumaça aos céus – “disse que nos ajudaria, mas que precisava que todos se mudassem, para que ele pudesse operar a fábrica, pois parece que a legislação não permitia, alguma coisa assim...”

“Muita gente se mudou, poucas pessoas ficaram. Esse distrito acabou aos poucos, e já está no seu final. Enquanto isso, muitos dos nossos estão ali, naquela indústria, pagando a casa que ganharam com o seu trabalho. Uma pena. Trabalham dia e noite, e sinto que o valor das casas novas construídas por esse Jobson não paga nem metade do que eles trabalham”

“O dano já está feito, não há muito o que fazer...”

Triste, Francisca sai em direção a uma das casas abandonadas, com seu bebê nos braços.

*Caso perguntem por Seu Manoel, ela indica onde ele mora. Caso façam qualquer outra pergunta, ela diz para falarem com o subprefeito na fábrica, enquanto amamenta o filho. Em seguida, o grupo de personagens pode ir à fábrica ou para a casa de Seu Manoel.*

***Caso forem a casa de Seu Manoel, descreva e pule para o início do ATO II:***

Vocês chegam à casa de Seu Manoel, e percebem que a porta está aberta. Ao adentrarem, notam que a casa é simples, com apenas quatro cômodos. Vocês avistam a porta do quarto, que está aberta, e notam que Seu Manoel está deitado na cama. Vocês o chamam, mas ele parece não responder. De súbito, vocês correm até ele, na tentativa de ajudá-lo. Mas é tarde demais. Seu Manoel está sem vida, tendo apenas seu corpo deitado ali. Ao olhar para as suas mãos, vocês veem o pequeno artefato preso entre elas. Impulsivamente, um de vocês o tira, e vocês sentem novamente todas aquelas sensações de antes.

***Se forem à Fábrica, leia:***

Vocês caminham pela rua principal, que um dia sempre havia alguma pessoa, carroça ou animal. Agora está deserta, esburacada pelas últimas chuvas. À medida que vocês caminham para saírem do distrito, vocês observam as altas chaminés e a fumaça exalando da fábrica. Ao chegar ao portão, o segurança, um homem alto, parrudo e careca olha para vocês:

“Nunca os vi por aqui. O que querem?”



*Desenvolva a conversa do grupo com o personagem, pedindo testes de ação sempre que necessário. Caso não consigam, os personagens podem tentar entrar escondidos ou retornar e encontrar Seu Manoel no distrito. Caso optem pelo primeiro, os personagens precisarão elaborar uma estratégia que envolverá a enganação do segurança e uma entrada quase perfeita sem chamar a atenção. Essas ações deverão ser descritas pelos jogadores e poderá exigir testes.*

<b>PERSONAGEM DO MESTRE</b>	
Personagem:	Carlos
Número:	04
Profissão:	Segurança
Conceito:	Carlos era agente penitenciário. Após pedir demissão por não aguentar a pressão do sistema, conseguiu emprego com seus contatos políticos, e passou a trabalhar na fábrica de Seu Jobson.
Aparência:	Um homem alto, careca e parrudo. Sempre vestido com a farda da empresa terceirizada que trabalha.
Habilidade:	Força
Encontro Aleatório:	Alguma pessoa falando sobre a fábrica ou mal da polícia

*Em caso de sucesso na entrada da fábrica, a descreva por dentro:*

A fábrica era grande e quente. Assim que entram, vocês passam por quase todas as etapas de fabricação de tijolos. A primeira, a extrusora, removendo matéria prima do solo para a confecção de tijolos. Após isso, vocês passar por galpões, que estão fechados, mas com a placa de secagem. Vocês atentam para várias pessoas que trabalham ali. Elas não dispõem de equipamentos de proteção, e parecem exaustas. Vocês continuam seguindo em frente, procurando algum sinal do Cobra. A temperatura começa a aquecer, e vocês percebem que estão chegando perto das fornalhas. As enormes estruturas emanam muita fumaça, que parte é captada pelas chaminés e a outra se dissipa na fábrica, aspirada pelos funcionários sem EPIs.

Vocês passam perto dos fornos, e a temperatura é quase insuportável. Vocês se perguntam quantas pessoas poderiam ter morrido com todo aquele calor. Ao continuarem andando, agora mais depressa para escaparem do calor, vocês encontram um corredor coberto, com paredes brancas, e adentram ele. Chegando ao final, encontram uma porta com a placa: diretor. Pela janelinha de vidro, vocês observam e veem o ex-subprefeito Marcos Cobra. O que vocês fazem?



*Caso os personagens não entrem, force um encontro com o subprefeito. Caso eles entrem, desenvolva a conversa do grupo e do subprefeito. Ele começa a falar frases e palavras sem sentido aparente, e mostra sinais de que não está com plenas faculdades mentais.*

“O que vocês querem?”

“Há algum tempo atrás, eu realmente não sabia o que estava fazendo, mas... No fim das contas deu certo. Tudo é política, meus amigos. Tudo é política. Agora não há muito o que ser feito, sinto. Já se acabou tudo, tudo!”

“Antes fosse, antes fosse, meus caros eleitores!”

“Prefeito, eu? Deixei de ser prefeito pra fazer tijolos, isso sim. Mas que droga, quem diria que Jobson teria todo esse poder, hein? Acabar com um distrito e comprar as pessoas com casas. Mão de obra não falta, e lucro também não”

*Marcos Cobra fica repetindo essas frases, até que tira um artefato do bolso e o coloca na mesa.*

Vocês observam enquanto, perdido em suas palavras, o subprefeito retira o artefato do bolso e coloca em cima da mesa. Feito de cerâmica, preto e com bolinhas brancas e vermelhas, está lá, enquanto Marcos se move de um lado para o outro da sala. Vocês sentem um desejo enorme de pegá-lo, e vocês sentem novamente todas aquelas sensações de antes. Ao abrir os olhos, porém, vocês se encontram novamente na barraca de Seu Manoel, que está vivo e os olhando como se soubesse de algo.

### **ATO 3 – INTERVENÇÃO**

*Os personagens estão de volta no Plano Material. A experiência que passaram no Plano da Vontade os perturba. Dê essa característica como uma angústia única que cada um sente.*

Vocês olham para Seu Manoel. Ele sorri como se soubesse de algo. Antes de vocês fazerem qualquer pergunta, ele fala:

“Temos três dias para a explosão. Se quiserem impedir, terão que ser rápidos. E não só ela: os interesses políticos também.”



<b>PERSONAGEM DO MESTRE</b>	
Personagem:	Seu Jobson
Número:	05
Profissão:	Dono da Ceratilha
Conceito:	Um empresário político, que tem interesse na instalação de uma filial de sua cerâmica próximo ao Distrito da Formiga. Conhecido no meio político como senhor de escravos, Seu Jobson costuma instalar suas indústrias junto a distritos, que com o tempo ele ajuda a desestabilizá-los, constrói casas medíocres e oferece aos habitantes do distrito destruído para morarem, enquanto pagam pela casa trabalhando indefinidamente em sua empresa. Caso isso não ocorra, ele toma as casas de volta.
Aparência:	Um homem de altura mediana, sempre vestido de terno. Fala pouco.
Habilidade:	Eloquência
Encontro Aleatório:	Qualquer pessoa falando de política

*A partir desse ponto, a história pode ficar completamente imprevisível. Dê liberdade para o grupo elaborar um plano de ação, e peça testes de ação sempre que alguma delas, ao ser realizada, possa resultar em falha. A aventura pode ter três finais prováveis, de acordo com o plano elaborado dos personagens:*

**FINAL 1** – *Caso os políticos e suas atitudes sejam descobertas pelo povo: Vocês conseguiram. Expuseram tudo o que aconteceu ao povo do distrito, que se protegeu não apenas da explosão, mas também dos interesses políticos que poderiam acabar com a sua existência. As ações de vocês culminaram no despertar do povo, expulsando aqueles que os queriam fazer mal e usá-los. Descreva uma ação coletiva em defesa do próprio distrito, e encerre com a expulsão do subprefeito e de Seu Jobson da festa e do distrito. Convide, coletivamente, como o povo do distrito, o grupo de personagens para formar uma equipe de conselheiros, que servirá ao novo subprefeito eleito e ajudará na administração do lugar. Encerre com festejos.*

**FINAL 2** – *Caso os políticos e suas atitudes não sejam descobertas pelo povo: Vocês não conseguiram expor o que estava acontecendo nos bastidores. O povo não acreditou em vocês, e perderam toda a credibilidade no que vocês falavam. A explosão aconteceu, mas apenas após a festa. O povo precisou sair do distrito. Não vendo outra alternativa, os habitantes do distrito tiveram que morar nas casas prometidas por Seu Jobson, enquanto davam suas vidas dentro de sua fábrica. Descreva a explosão, e semana a semana, como a fábrica se instalou e*



*os habitantes saíram de lá. Dê aos personagens dos jogadores a mesma vida que tinham antes, inclusive, como poucos habitantes que continuaram no distrito.*

**FINAL 3** – *Caso as ações do grupo não surtam efeito nenhum, ou não haja ações: Vocês não agiram com o tempo e a precisão necessária, portanto as coisas aconteceram como previsto. O tanque explodiu, amedrontou as pessoas do distrito, e elas trocaram suas vidas pelas casas oferecidas por Seu Jobson. Descreva a explosão ocorrendo no meio dos festejos, algumas pessoas se ferindo e termine com o mesmo final que o Final 2.*



## REFERÊNCIAS

RICKELFS, Robert; RELYEA, Rick. **A Economia da Natureza**. 7. ed. Rio de Janeiro: GUANABARA KOOGAN LTDA, 2016.

RODRIGUES, Sonia. **Roleplaying Game e a pedagogia da imaginação no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.



## GLOSSÁRIO

**Atos** – Unidades da narrativa. O jogo Distritos & Biomas é dividido em três Atos, no qual cada um representa uma temática a ser abordada. A primeira é Identificação, a segunda Despertamento e a terceira Intervenção;

**Conceito** – Ideia inicial do personagem. Quem ele é, a biografia, e suas principais motivações;

**Encontros aleatórios** – Eventos que são aleatórios para o jogador, que estão relacionados com a biografia do personagem e podem auxiliar no direcionamento da narrativa;

**Falha Crítica** – Quando o jogador tira o menor resultado possível em um teste de habilidade (1 no dado). A falha crítica além de dar a certeza de que o jogador não passou no teste, é acompanhado pior resultado possível daquela ação.

**Habilidades** – Características que permitem com que o personagem obtenha certa vantagem em uma ação, adicionando um dado a mais em um teste de habilidade. Torna-se impossível falhar criticamente quando se tem a habilidade testada.

**Jogador** – Participante que interage no cenário a partir de um personagem.

**Mestre** – Participante que favorece o plano de fundo e enredo para os jogadores;

**Meta-jogo** – ação onde o jogador usa informações que o personagem não sabe para obter vantagem no jogo;

**Nível de Dificuldade** – Limite mínimo para se obter sucesso em algum teste de habilidade

**Personagens do Mestre** – Personagens que não são jogáveis pelo jogador, mas interpretados pelo mestre e que podem interagir com os personagens criados pelo jogador;

**Sucesso Crítico** – Ato de tirar o valor máximo em um dado (6). Ao fazer isso, o jogador ganha um dado adicional e acrescenta o valor da rolagem, obtendo um valor mais alto.

**Teste de Habilidade** – Ato de jogar um dado para definir se uma ação será ou não bem-sucedida. Para se obter sucesso, deverá atingir o valor mínimo de dificuldade do teste.

